31761 096168133

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei
D. Manuel

DP
604
G6
1909
v.7

(VOLUME LXV)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. VII

ESCRIPTORIO
147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA
—
1910

2827

BIBLIOTHECA

DE

Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA
de
Classicos Portuguezes
Propriedade e fundador
MELLO DE AZEVEDO

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME LXV)

CHRONICA

D'EL-REI D. MANUEL

POR

DAMIÃO DE GOES

VOL. VII

ESCRIPTORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147

LISBOA

—

1910

LIBRARY
AUG 11 1966
UNIVERSITY OF TORONTO

DP
604
G6
1909
V.7

1105710

CAPITULO XXVIII

De como Patecatir renovou a guerra depois da partida de Afonso Dalbuquerque, e do que mais passou ate o desbaratar Fernão Perez Dandrade, e se ir pera Iaoa, e doutras particularidades, e tornada de Antonio Dabreu da viajem de Maluco, e Banda.

Os mais dos Mouros, e Gentios de Malaca, que tinham a nossa parte, poserão toucas pretas em lugar de do, pela partida de Afonso Dalbuquerque, e desesperados de se poderem, nem elles, nem os Portugueses defender dos imigos, an-

davam como homens pasmados, ao qual medo se lhes acrecentou novas falsas, que se espalharão de ho Lasamane ter sua frota junta no rio de Muar, com tençam de vir cometer a nossa. Semeadas estas novas, cuidando Fernão Perez que era assi, o foi buscar, o que sabendo Patecatir, veo de noite sobre huma barcaça, que estava em guarda da nossa tranqueira, de que era capitam Afonso Chainho (que alli morreo), e a levou com todolos outros que nella estavão. Ao outro dia que isto aconteceo, entrou Fernam Peres no porto, por nam achar o Lasamane, nem novas delle, e contra parecer dalguns foi logo cometer a tranqueira de Patecatir, elle por mar, Afonso Pessoa por terra de longo da praia, com mil, e quinhentos piães Malabares, e Malaios, e alguns besteiros Portugueses, e sendo ja junto della, mandou a George Botelho de Pombal, que era um dos capitaens, que hião nos bateis, que se adiantasse, e a fosse cometer, e que elle lhe iria nas costas. George Botelho o fez assi, mas em chegando foi bem servido de hum camello que os imigos tomaram na barcaça, que estava assentado na porta da tranqueira e em guarda della, e da porta obra de cem mouros, com tudo não deixou de acommeter, no que estando chegarão Fernão Perez por mar, e Afonso Pessoa por terra com cuja vinda desempararão os mouros a porta, e a tranqueira foi entrada, e porque se nam desmandasse a nossa gente a roubar, Fernam Perez, lhe mandou logo recolher o camello em hum dos bateis, de que acharão o cepo cheo de sangue fresco que era do condestabre da barcaça que tomaram, a quem Patecatir mandara sobrelle cortar a cabeça, por não querer tirar contra os que hiam com Fernam Perez. Andando assi todos occupados em poer fogo, e recolher o camello, e outra artelharia que

acharão na tranqueira e alguns embaraçados no roubar, aparecerão obra de quatro centos mouros com tres Elephantes diante de si acastellados, com vinte frecheiros em cada castello, George Botelho, que se achou mais perto desta gente, fez corpo com a sua, dizendolhes que nam curassem de dar em hum dos Elephantes, que se adiantara dos outros, senam no que o regia, o que assi fezerão levandoo com as lanças de sobre o pescoço do Elephante, donde o guiava, o qual ficando sem regedor se atrassou na praia, deixandosse estar quedo, o que vendo o condestabre do batel de George Botelho, lhe tirou com hum arcabuz com que lhe deu no coraçam, de que logo caio morto. Os que hião nos outros dous Elephantes, vendo este morto, voltaram pera tras e o mesmo fezeram os mouros que com elles vinham, de que os nossos mataram alguns, porque os demais se meterám per huns esteiros de que alli a muitos, onde se salvaram, que por a terra ser alagadiça, Fernam Perez os nam quis mais seguir, dando logo licença a todos que com elles foram Christãos, Mouros, e Gentios, que roubassem muitos navios que alli estavam, e que chamão Gudoens, em que acharão tanto cravo, noz, maça, sandallo, e outras mercadorias que nam abastaram todos pera levar tudo, pello que mandaram chamar o povo de Malaca que viesse recolher o mais do despojo que elles deixavam. Roubada a povoaçam, e Gudoens, e queimada a mor parte de tudo com a tranqueira Fernão Perez se tornou a cidade, sem Patecatir ousar de sair a elle, o qual se mudou logo pera huma enseada huma legoa abaixo dalli, contra o cabo Rachado, onde se fortaleceo de tranqueiras, paliçadas, e fosados, com cuja ida o povo de Malaca ficou desatemorizado e os nossos muito mais acreditados que dantes. Avida esta victoria, dahi a

poucos dias foi Fernam Perez cometer o lugar, onde se Patecatir fezera forte, de que ganhou a primeira tranqueira, de quatro que eram, mandandolhe logo poer fogo, e algumas lancharas que ahi estavam, ao que acudiram tantos dos de Patecatir, e doutros que lhe tinha mandado o Principe que se dezia de Malaca, que forão constrangidos os nossos a se recolherem aos bateis. No qual negocio ouve tanto desconcerto, que os imigos feriram muitos delles, entre os quaes foram Fernam Perez, e Pero de Faria e mataram doze, de que os conhecidos foram Rui Daraujo, Christovam Pacheco, Christovam Mascarenhas, George Garces, e Antonio Dazevedo, e alguns malabares, e Malaios que com elles foram do que Patecatir ficou mui soberbo avisando logo desta victoriá o Principe, que na mesma hora mandou recado ao Lasamane, que estava com sua frota no Rio de Muar, que saisse fora, e tomasse o porto da cidade, sem nelle deixar entrar, nem sair vela nenhuma, e as tomasse todas como de imigos, e favorecesse os Reis de Darguim, e Dujentana contra os Portugueses, e seus aliados. Fernam Perez sabendo que estava o Lasamane no rio de Muar o foi cometer entre os quaes houve huma brava, e cruel peleja, que durou de hum dia ate o outro, porque os mais eram Iaos, que sam muito valentes homens, mas em fim elles forão constrangidos fogir, e varar seus navios em terra, acolhendose pera o sertam, aos quaes Fernam Perez mandou poer fogo, de que arderão muitos, e se tornou victorioso pera cidade, onde naquella sazam chegarão trez naos, que Afonso Dalbuquerque mandava da India com gente de guerra, e officiaes carpinteiros, e ferreiros, muniçoens, e outras cousas necessarias perá fortaleza, e pera se fazerem seis galles. Destas tres naos era capitam Francisco de Mello, o Gallego, os outros que vinhão

debaixo da sua bandeira eram George de Brito, e Martin Guedez, e pera Patrão da ribeira Fernam Trigo. Neste tempo avia em Malaca grande falta de mantimentos, pelo que determinou Fernam Perez de se ir ao estreito de Cincapura por onde naquelle mes, que era de Setembro, passavam jungos carregados delles, pera diversas partes, dos quaes tomou hum de Patecatir no canal de Sabam, em que achou muitos, e por a necessidade ser grande, e elle estar ferido, mandou depois de ser em Malaca Lopo Dazevedo, e George Botelho a Cincapura, onde tomaram tres jungos de Patecatir, carregados de mantimentos, e assi foram tantos na cidade que tornou tudo a seu preço: mas Petacatir com todolos seus, per falta destes quatro jungos padecião grande fome, do que certificado Rui de Brito Patallim, ordenou que fosse Fernam Perez sobrelle, pera que o acabasse de desbaratar. Estando os negocios nestes termos, chegou Gomez da Cunha de Pegú com hum jungo carregado de mantimentos, que la fora per mandado de Afonso Dalbuquerque, e deixava assentadas pazes com o Rei. E assi chegou Antonio de Miranda do regno de Siam, onde o tambem mandara Afonso Dalbuquerque por embaixador, a quem el Rei fez muita honrra, e muitas merces, com que tornou mui satisfeito. Prestes a armada, Fernão Perez foi cometer a povoaçam em que Patecatir estava ao que mandou diante George Botelho, e Pero Pessoa, como esforçados cavalleiros entraram a primeira tranqueira, e outras duas com tanto impeto que desbarataram de todo os imigos, com morrerem muitos, e de quatro Elephantes que trouxeram a pelleja, matou Francisco Machado hum, e tomaram outro. Patecatir fugio com sua molher, sogra, e criados para hum lugar em que tinha alguns navios, em que se foi pera Iaoa, do que o Principe

que se dezia de Malaca foi mui triste, e com medc se foi pera ilha de Bintão, com sua molher, e filhos, donde vinha algumas vezes visitar (com o fronteiro) suas terras, e mandou o Lasamane fazer saltos nas dos que erão nossos amigos. Lançado Patecatir fora da terra Fernam Perez o seguio logo pera se lhe atravessar no caminho, mas antes que chegasse ao estreito de Cincapura era ja passado, e o Lasamane que ahi andava, sabendo que vinha a nossa frota se acolheo. Pelo que Fernão Perez, por alli nam ter mais que fazer se veo a Malaca, onde achou Antonio Dabreu, que per mandado de Afonso Dalbuquerque fora descobrir as ilhas de Banda, e Maluco, o qual por lhe o tempo ser contrairo não passou da ilha Damboino, que he junto das de Maluco, donde trouxera algum cravo, e dalli se partio com Simão Afonso pera as ilhas de Banda que são cinco, habitadas de Mouros, e Gentios nas tres das quaes nasce a noz moscada, e maça em huma arvore que dizem que se parece a frol della com a dos pessigueiros e a arvore com os loureiros, de que das nozes dão sete quintaes per hum de maças. O Rei destas ilhas nam obedece à ninguem, a gente he feroz, e salvagem, e pouco polida algumas vezes se governão pellos mais velhos da provincia, porque sospendem o Rei se nam faz o que deve. E quanto a Francisco Serram, elle passou adiante, e com temporal se perdeo junto de huma das ilhas de Maluco, que se chama Ternate a qual foi ter no batel com alguns que se com elle salvaram, onde lhe el Rei fez muito gasalhado, e honrra, e partio com elle tanto de sua fazenda que ficou dassento na terra.

CAPITULO XXIX

De como dom Garcia de Noronha, George de Melo Pereira, e Garcia de Sousa chegaram a Cochim, e Afonso Dalbuquerque se partio pera Goa, e do que no caminho fez, ate la chegar, e por cerco a villa de Benastarim.

ATRAS fica dito como dom Garcia de Noronha que partira de Portugal no anno de M. D. xi. com seis naos invernara em Moçambique, onde vierão ter com elle George de Mello Pereira, e Garcia de Sousa que no anno seguinte de M. D. xii. no mes de Março partiram do regno, George de Mello por capitam de oito naos, e Garcia de Sousa de quatro em que hiam mais de dous mil homens, os quaes capitaens todos tres juntos chegaram a Cochim, a vinte dias Dagosto, com cuja vinda foi Afonso Dalbuquerque mui ledo por ja ter gente pera poder ir a Goa commeter a villa de Benastarim. Polo que fez logo prestes huma armada de xvj velas, em que levou os mais Portugueses que pode ajuntar, e huma boa companhia de Malabares, e Canarins, com a qual se partio a dez de Septembro do mesmo anno de M. D. xii pera Cananor, levando consigo dom Garcia de Noronha, que era seu sobrinho, e Pero Mascarenhas que se lhe pera isso offereceo posto que estivesse em posse da capitania de Cochim, dizendolhe que nam ficaria alli, indo elle a hum feito tam honrroso, como era tomar Benastarim. Chegado Afonso Dalbuquerque a Cananor meteo de posse da fortaleza George de Mello Pereira, que della vinha

provido de Portugal, e asossegou algumas desavenças que avia entre os nossos, e os mouros mercadores da terra, acerca de seus tratos, o que assentado se partio para Baticala, onde em chegando mandou dizer a Damechati, governador da cidade que lhe mandasse entregar huma nao que alli estava em Calecut, que era do mouro que comprara Simão Rangel, que se chamava Mafamede Maçari, o que logo fez, a qual com a carga que tinha, que era de muitas especiarias, mandou a Cochim. Alli veo ter com Afonso Dalbuquerque hum Iudeu Hispanhol que morava no Cairo, e lhe deu cartas de cinco Portugueses que estavão captivos em Adem, que foram do Bargantim que se perdeo da armada de Duarte de Lemos, de qne era capitam Gregorio da Quadra, como fica dito, em que o avisavam de como o Soldam de Babilonia mandava fazer uma fortaleza na boca do mar de Arabia, e muita gente pera mandar sobre Adem. Dalli se foi Afonso Dalbuquerque a Onor, onde achou outro Iudeu, natural da cidade de Beja, que avia pouco que partira do Cairo, e lhe affirmou as mesmas novas que lhe dera o outro, oconselhandoo ambos que devia de ir tomar Adem, antes que o Soldam mandasse sobre ella, e que podia ser que o Rei se lhe entregasse mui facilmente, por quanto estava de quebra com o Soldam por lhe não querer entregar aquella cidade, sobello que ouvera antrelles recados assaz escandalosos. Estando ainda Afonso Dalbuquerque em Onor, veo ter com elle Melrrao, de quem soube que mandava o Çabaim dalcam xx mil homens em socorro de Benastarim, aconselhandoo que se apressasse por chegar a Goa antes que esta gente viesse porque depois teria grande trabalho em guardar a Ilha, como em tomar a villa. Pelo que sem mais sperar, partio

dalli pera Goa, onde em chegando per conselho e parecer, assi dos que consigo levava, como dos que estavão na cidade, mandou logo cercar Benastarim pela banda do mar, no que ouve grande resistencia. Com tudo a villa foi cercada per aquella parte com duas naos grossas, outros navios, em que hiam Pero Dafonseca, Vicente Dalbuquerque, Antonio Raposo, Tristão de Miranda, Garcia de Sousa, e Ioam Gomez dalcunha cheira dinheiro, indo por capitão de todos Ayres da Sylva, as quaes velas foram assaz maltratadas dos quaes estavam na ilha com tiros da artelharia, e forão cada vez mais, se o condestabre da nao de Afonso Dalbuquerque com o pelouro de huma sphera, não quebrara em pedaços o camello que fora nosso, de quem os imigos se serviam mais que de nenhuma outra peça. Depois destes navios terem cercada a villa pela banda do mar, que era o mais importante, porque lhe tolhião dalli hos mantimentos que lhe vinhão do sertão em barcos Afonso Dalbuquerque se foi a cidade de Goa pera por terra vir logo poer cerco a esta villa de Benastarim, donde ao outro dia sahio Roçalcão com obra de duzentos, e cincoenta de cavallo, e muita gente de pe, com que chegou ate as duas arvores, ao que acudiram dom Garcia. Emanuel de Lacerda, Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de sam paio, e com elles Ioam Fidalgo, e Rui Gonçalvez de Caminha capitaens de quatro mil homens da ordenança, e alguns Malabares, e Canarins, com cuja vinda Roçalcão se escoou dos seus fogindo pera villa, aos quais seguindo os nossos o alcance os levaram ate as portas della, dos quaes os primeiros que chegaram foram Lopo Vaz de sam paio, e Pero Mascarenhas, que com o impeto com que hiam cometeram sobir o muro, per piques, e tras elles outros que lhes

chegaram nas costas, mas os que estavão de cima os servião de pedras, setas, lanças de arremesso, e espingardadas, de maneira que lho estorvaram, com ferirem muitos e matarem alguns, de que os conhecidos que morreram neste combate, foram Diogo Correa, capitão que fora de Cananor, e George Nunez de Leam, e Martin de Mello, de feridos ouve mais de cento, e cincoenta assi da banda do mar como da terra em que entraram Lopo Vaz de sam paio de tres frechadas, Rui Galvão, Pero Dalbuquerque, George da Sylva, Pero Correa, Ioam Delgado, Rui Gonçalvez, Diogo Fernandez de Beja, Emanuel de Sousa, e Emanuel de Lacerda que derrubaram do cavallo com hum penedo com que de cima do muro lhe deram na cabeça, e o ouverão de matar com outros tiros se lhe nam acudira dom Ioam Deça, que o alevantou, e arredou do muro. Dos imigos foram tambem muitos feridos, e como se depois soube morreram mais de cento, e se Afonso Dalbuquerque não acudira a este negocio, ate chegar junto da villa, e fezera retirar os nossos mataram os imigos muitos delles, porque estavam tam acesos em querer sobir por piques ao muro que sem sua vinda não ouvera quem os dalli tirara. Recolhido Afonso Dalbuquerque pera a cidade com a mais gente que saira a este rebate, se fez prestes dalli a dous dias, pera ir per terra cercar Benastarim, levando consigo tres mil soldados Portugueses afora Malabares, e Canarins. As pessoas de calidade de que se pode saber o nome que foram a este cerco afora os que ja estavão no mar eram dom Garcia de Noronha, dom Ioam de Lima, Pero Mascarenhas, Emanuel de Lacerda, Simão Dandrade, dom Ioão Deça, Diogo Mendes de Vascogoncellos, George da Sylveira, Lopo Vaz de Sampaio, Pero

Dalbuquerque, Diogo Fernandez de Beja, Francisco Pereira Pestana, Gaspar Pereira, George Dalbuquerque, Fernam Gomez de Lemos, Duarte de Mello, Hieronymo de Sousa, Antonio de Saldanha, Rui Galvão, Antonio de Sa, Francisco Pereira de Berredo, Gonçalo Pereira, Antonio Ferreira Fogaça, e Diogo Fernandez de Faria Adail de Goa, Henrrique Homem, Rui Gonçalvez, e Ioam Fidalgo, todos tres capitães da ordenança, e outros muitos homens nobres, alem dos que ficarão em guarda da cidade, e por capitaens dos Canarins, e Malabares, e Chrisna, e Ralubranco. Diante de toda a gente hia a artelharia, mantas, e outros engenhos para abalrroarem a villa de que Emanuel de Sousa Tavares hia encarregado, com esta companhia chegou Afonso Dalbuquerque de noite a Benastarim, e na mesma assentou seu arraial.

CAPITULO XXX

Em que se trata de como Afonso Dalbuquerque combateo a villa de Benastarim, e a ouve por concerto, e da justiça que mandou fazer nos arrenegados que andavam com Roçalcam, e de como mandou dom Garcia de Noronha a Cochim fazer a carga das naos que aviam de ir pera o regno, e dos embaixadores que lhe vieram, e despachou, e assi do embaixador do Emperador da Ethiopia, e Rei do Abexi, e morte do Çamorij, e doutras particularidades ate se partir pera Adem.

CERCADA a villa de Benastarim, logo pola manhã começou de jugar a nossa artelharia, ao que os imigos respondião com a sua, que tinhão muita, e mui boa, com que fazião mais mal no arraial, do que recebiam, porque os baluartes que tinhão na frontaria das nossas estancias eram mociços, e o muro entulhado ate as ameas, e se não forão dous quartaos com que lhe tiravão do campo, e deitavão tantas pedras dentro que os fazião muitas vezes afastar das barreiras, a sua artelharia fezera mais mal do que ja tinha feito, os navios, posto que da banda do mar podessem fazer pouco danno com a artelharia, com tudo em quanto a da terra jugava, faziam ho mesmo, no que se continuava todolos dias, mas a guerra principal, que ja tinha feita a frota a villa, era terlhe vedados os mantimentos que lhe vinham per mar da terra firme, pelo que Roçalcam, tendo delles muita necessidade, determinou de dar no arraial, e ver se de sobresalto podia desbaratar Afonso Dalbuquerque, assi que huma noite no quar-

to dalva mandou huma somma de gente fora da villa, ficando elle a porta, a qual com muito esforço commeteo a estancia onde estava Emanuel de Sousa Tavares que em sentindo os imigos acudio fazendoos deter com muito esforço, mas como elles fossem muitos, e logo dos primeiros golpes o ferissem, foi constrangido recolhersse pouco a pouco seguindoo os imigos ate chegarem a dom Garcia, que lhe ja vinha socorrer, por estar mais perto que nenhum dos outros capitaens, mas nem isto aproveitou, porque elles com a furia que trazião fezerão tornar pera tras dom Garcia, e o desbaratarão, se lhe Pero Mascarenhas não acudira com a gente da ordenança, onde se travou huma crua pelleja, ate virem as mãos, e se ferirem com as adagas, e punhaes mas em fim forão constrangidos de se recolher, sem nenhum delles perigar. Vendo Afonso Dalbuquerque o danno que podia receber dos imigos se saissem mais vezes, do modo que o tinhão ja feito, mandou fazer huma tranqueira para mor segurança do arraial, com que o assegurou de maneira que Roçalcão perdendo de todo a sperança de poder defender a villa lhe mandou pedir tregoas, nas quaes se assentou pelos deputados, que Roçalcão entregasse os Christãos arrenegados que se lançarão com os mouros, com condição que Afonso Dalbuquerque lhes desse a vida, e que entregasse a caravella, e caravellão que se tomaram no passo de Noroa, quando a ilha fora entrada dos imigos, e que entregasse a villa com todollos cavallos que nella estavão, com toda a artelharia, muniçoens de guerra, e fustalha que tinha na ilha, e se saisse com todollos que com elle quisessem ir, salvas pessoas, e bens, mas Roçalcão, por ser contra sua lei a entrega que se avia de fazer dos arrenegados se passou secretamente de noite a terra firme, pera se

entregarem sem o elle ver os quais os capitaens que ficarão na villa entregarão a Sebastião Rodriguez, que depois foi escrivão da moeda da cidade de Lisboa, com que elle saio da villa as duas horas depois da mea noite, e os trouxe a Afonso Dalbuquerque, que os mandou poer a bom recado, e logo em amanhecendo entrou na villa, deixando ir todos que nella estavão livremente pera terra firme, com o que quiseram levar de suas fazendas, dandolhes todo o aviamento necessario pera passarem e se irem pera Roçalcão, que logo assentou seu arraial na terra firme, defronte da villa de Benastarim, o que feito, e ordenadas as cousas que cumprião para guarda e defensam da villa, Afonso Dalbuquerque se foi a cidade de Goa, onde mandou fazer execuçam nos arrenegados, guardandolhes as vidas, como ficara assentado nos concertos das pazes, mas por exemplo doutros não fazerem o que estes fezerão, lhes mandou com pregão cortar as orelhas, narizes, e as mãos direitas, e os dedos polegares das esquerdas. Acabadas estas cousas, por caso de outras muitas que Afonso Dalbuquerque tinha que fazer em Goa, não pode ir a Cochim despachar a armada que avia dir pera o regno, ao que mandou dom Garcia de Noronha seu sobrinho, dandolhe regimento, que depois que fossem concertados alguns navios que consigo levava, e com outros que la acharia, andasse sobella barra de Calecut, pera que não saissem as naos de Meca, que ahi estavam a carga. E porque se o trato de Goa não perdesse, mandou Garcia de Sousa com alguns navios correr ate a costa de Chaul, pera fazer arribar a ilha todalas naos que trouxessem cavallos, com a qual mercrdoria el Rei de Narsinga, e Çabaim dalcam ficavam sugeitos a mandarem alli seus feitores comprar aquelles cavallos, porque os não podião aver

doutra parte sendo o trato delles assentado em Goa e aos que a isso mandou deu recado, que da sua parte dixessem aos senhorios das naos que os franqueava de muita parte dos direitos que sohião pagar ao Çabaio, e a seu filho, o Çabaim dalcão, o que foi causa de virem muitos mais cavallos a Goa dos que soiam vir, e muitos mais mercadores, e mercadorias das que antes alli vinhão. Neste tempo chegou hum embaixador del Rei de Végapor a Goa, por quem el Rei lhe mandava sessenta cubertas de cavallos com suas colas, e testeiras, e xxv. sellas com suas guarniçoens tudo muito primo, e bem acabado, pelo qual embaixador mandou dizer a Afonso Dalbuquerque que desejava ter com elle paz e perpetua amizade, e servir el Rei de Portugal, como seu vassallo, e por seu serviço fazer guerra ao Çabaim dalcam, quando a com elle tivesse, e dar todolos mantimentos que se ouvessem mister em Goa, e que que queria arrendar as tanadarias da terra firme, e dar por ellas tanto quanto dava Melrrao pedindolhe que podesse cada anno tirar da cidade trezentos cavallos por seu dinheiro, o que lhe Afonso Dalbuquerque concedeo, por desejar muito sua amizade, e ao embaixador fez muitas merces, e a el Rei mandou hum presente per Gaspar Chanoca, que tambem mandava a el Rei de Narsinga, pedirlhe a cidade de Baticala por de todo ficar o trato dos cavallos em Goa. O qual Gaspar Chanoca fora ja outra vez a Narsinga como fica dito, e tornou sendo Afonso Dalbuquerque em Malaca, e hum embaixador que el Rei de Narsinga mandava com hum presente a el Rei dom Emanuel, por não achar Afonso Dalbuquerque se tornou pera Narsinga, pelo qual respeito de aver a cidade de Baticala tornou a mandar la outra vez Gaspar Chanoca. No mesmo tempo mandou o Ça-

baim dalcão dous embaixadores a Afonso Dalbuquerque pedindolhe paz, e licença para poder comprar dos cavallos que vissem a Goa, os que ouvesse mister aos quaes embaixadores fez muita honra, e merce, e mandou com elles Diogo Fernandez de Faria Adail de Goa, pera assentar os tratos das pazes com o Çabaim dalcam. Chegou logo dahi a poucos dias a Goa huma nao que Miliquiaz mandava carregada de mantimentos a Afonso Dalbuquerque, e nella hum messageiro per quem o mandava visitar, e dar o prol faça da tomada de Malaca, pelo qual messageiro, que logo despachou mandou hum presente a Miliquiaz, e com este despachou hum embaixador del Rei de Cambaia que avia sete meses que andava com elle, o qual viera ter a Goa com os captivos que estavam em Cambaia que lhe el Rei mandara com hum presente, o que fez para assegurar o trato dos do seu regno pera Malaca, que he huma das mores rendas que tem, por caso dos grandes direitos que lhe pagão do que levam pera Malaca, e de la trazem. Com este embaixador de Cambaia mandou Afonso Dalbuquerque Tristão de Gá, com alguns apontamentos pera el Rei, de que o principal ponto era pedir fortaleza em Dio. Depois da partida destes embaixadores veo recado a Afonso Dalbuquerque de hum embaixador do Emperador da Ethiopia Rei do Abexi, de como o tinha preso o tanadar de Dabul, pedindolhe que o fezesse soltar, por quanto vinha pera com sua embaixada ir a el Rei de Portugal, a quem o Emperador do Abexi o mandava. Este recado lhe deu Estevão de Freitas que vinha de Dabul. O que sabido logo Afonso Dalbuquerque despachou hum catur a Garcia de Sousa que andava em guarda daquella costa, pera pedir este embaixador ao Tanadar, o qual lhe elle entre

gou pacificamente, e o mandou a Goa, onde Afonso Dalbuquerque recebeo com cruzes, procissão, e paleo, huma Cruz feita do lenho da Vera Cruz, quẽ trazia pera el Rei dom Emanuel, com a qual procissam o levou a Egreja, dando graças a Deos de ver embaixador Christão, de tam alongadas provincias, mandado por hum tam poderoso Rei, e senhor, pera com seus recados ir a Portugal a tratar amizade com el Rei dom Emanuel, o qual embaixador per nome Matheus, e outro del Rei de Ormuz Afonso Dalbuquerque despachou logo para Cochim mandandolhes dar embarcação na nao de Bernaldim Freire que era huma das milhores da frota que então partio pera o regno do qual Matheus, e da sustancia de sua embaixada, e da fe, crença, e costumes daquella gente Abexim se dira ao diante, e assi do a que veo o embaixador del Rei de Ormuz. E tornando a dom Garcia de Noronha, elle em passando pela barra de Calecut, deixou alli alguns navios pera guardarem a costa pera o que de Cochim logo mandou outros, e dando ordem a carga das naos que aviam de ir pera o regno, lhe derão huma carta de Naubeadarim, Principe de Calecut, em que lhe escrevia que se Afonso Dalbuquerque quisesse fazer paz com el Rei, que elle seria disso o medianeiro, e faria tanto, que lhe deixasse fazer fortaleza em qualquer parte da cidade que quisesse, ao que lhe respondeo, que sem avisar disso a Afonso Dalbuquerque se nam atrevia a lhe prometer nada, a quem logo despachou hum messageiro, do qual recado Afonso Dalbuquerque foi muito ledo, e lhe respondeo, que dandolhe el Rei de Calecut segurança pera fazer a fortaleza, assentasse as pazes do que se logo fezerão capitulaçoens assinadas, e asselladas solemnemente de huma, e

da outra parte. O que feito dom Garcia se partio de Cochim, e chegou a Goa, a dez de Fevereiro, donde Afonso Dalbuquerque depois de ver as capitulaçoens logo mandou Francisco Nogueira, e Gonçalo Nogueira, e Gonçalo Mendez, que fora feitor de Cananor, pera fazerem a fortaleza, e por mestre da obra Thomaz Fernandez encommendandolhes que fosse onde estava o Cerame del Rei, e elle se fez prestes pera ir sobre Adem, e dahi ao mar de Arabia, pera onde partio no mes de Março de M. D. xiii, deixando por capitam de Goa Pero Mascarenhas, e a Cochim mandou George Dalbuquerque com o mesmo cargo. O qual Afonso Dalbuquerque deixaremos seguir sua viagem, com deixar toda a terra do Malabar pacifica pera entretanto contarmos o que no anno de mil, e quinhentos, e doze, e neste de M. D. xiii, aconteceo, assi em Africa, como no regno, e em Malaca.

CAPITULO XXXI

De como dom Duarte de Meneses capitam de Tanger desbaratou Barraxa, e Almandarim.

NESTE anno de M. D. xii. no mes de Iunho sairam Barraxa, alcaide de Xexuam, e Almandarim Alcaide de Tetuam com gente de cavallo, e de pe, pera darem nos Mouros que estavão de pazes com nosco, e lhes queimarem os pães que tinham então nas eiras em fascães pera debulharem, com a qual companhia, que eram mais de oitocentos de cavallo, e dous mil de pe, em que avia muitos espingardeiros, e besteiros correrão o campo Darzilla, fazendo todo o estrago que poderam, tomando seu caminho dalli pera Tanger. Estas novas trouxerão a dom Duarte dous homens de cavallo Darzilla, que chegarão ja de noite o que sabido mandou logo ajuntar os fronteiros, e principaes da cidade, pera tomar conselho sobello que avia de fazer o qual foi, que mandasse fora corredores pera tomarem algum Mouro, e saberem quanta gente era, e se vinham a poer cerco. Mas os Mouros não sperarão tanto, porque antes do conselho ser acabado, os que roldavão mandarão dizer a dom Duarte que ja eram chegados, e tinhão posto fogo as eiras que estavão junto da cidade, o qual se ateou tanto, e tam de subito, que dos muitos se enxergava que era gente de pe que o punha. Esta noite toda se passou em ter boa vigia, e se cada hum fazer prestes, ou pera defender a cidade se lhe posessem cerco, ou pera sair ao campo buscar os imigos, segundo o recado que trouxessem os escutas, dos quaes, que tornaram no romper dalva, soube dom

Duarte (que os estava esperando fora da cidade) como os de cavallo jaziam junto com os fachos, e que a companhia lhes parecia gente grossa; que devia de olhar quam pouca era a sua, e nam quisesse commeter cousa de que saisse com deshonra. Mas dom Duarte parecendolhe que muito maior seria tornar para a cidade passou adiante com duzentos de cavallo, e ate trezentos de pe, caminhando pera onde os Mouros de cavallo estavão, aos quaes em vendo os nossos se fezeram atras, e sendo a mea legoa da cidade voltarão, pondosse em som de batalha mui crespos dando grandes gritas. Mas Barraxa dixe aos que estavão a par delle, que olhasse cada hum bem o que fazia, que não era aquella a gente que se avia de vencer com gritas se não com armas, e muito esforço, o qual lhes pedia que tivessem todos, que lhes certificava que o avião daver bem mister, e em dizendo isto aballou com a sua gente contra os da companhia do Adail Pero Leitão que dom Duarte mandara de noite com sessenta de cavallo, entre os quaes se começou logo huma brava pelleja, de que os nossos levavão o peor, mas sabendo dom Duarte quão esforçado cavalleiro era Pero Leitão, se deixou ir de vagar, pera com mor sua avantagem commeter os Mouros. Nos quaes deu para huma ilharga com a gente de cavallo, e pella outra com a gente de pe em sua ordenança, de maneira que depois da peleja durar per espaço de mais de huma hora, os Mouros de cavallo começarão dafloxar, que os de pe se nam acharão neste recontro, porque andavão espalhados pelo campo, fazendo o danno que podiam. Vendosse estes de cavallo em aperto ho primeiro que se desmandou, e começou de fugir foi Almandarim com cento de cavallo, o qual o Adail seguio ate nam ficarem com elle mais de cinco, que os outros sembarcaram com a

gente de pe dos Mouros, que se isto não fora elle prendera Almandarim, ou o matara. Barraxa que andava mais metido na força da batalha, vendo o que Almandarim tinha feito se começou de retraer em boa ordem, seguindolhe dom Duarte o alcance tres legoas ate o meter per huns passos estreitos de huma serra, donde se tornou com sua gente, recolhendo o campo, em que mataram mais de seiscentos Mouros, assi dos de pe como de cavallo, trouxerão captivos duzentos, e corenta entre os quaes foi o Adail do alcaide Almandarim, e o Alferez de Barraxa, e outros cavalleiros, e homens nobres, tomaram muitas tendas, e huma bandeira, e o seu atambor, e cento, e sessenta azemalas e bestas muares, e quarenta cavalos, e vinte egoas, e trinta camellos, e outro despojo. Barraxa esteve em risco de ser morto, ou preso, porque em lhe seguindo os nossos o alcance caio do cavallo, e se salvou em outro que lhe deu hum seu cavalleiro. Dos nossos morreram, Garcia Dalmeida, filho de Ioão Coelho de Septa, e Ioão de Mourão Castelhano, bom homem, e bom cavalleiro, e outros tres. Dos moradores de Tanger forão feridos vinte, e tres. O qual negocio acabado, dom Duarte se tornou perá cidade, onde chegou as duas oras depois de meo dia, e sem ir a sua casa nem comer, nem beber foi com toda a gente em procissam a Se a dar graças a Deos pola merce que lhes a todos fezera. Foi tanto o despojo que nam coube em huma grande casa em que o dom Duarte mandou meter ate se fazer leilam.

CAPITULO XXXII

De algumas cousas que acontecerão em Çafim neste anno de mil, e quinhentos, e doze, e de como el Rei la mandou dom Luis de Meneses, e dom Alvaro de Noronha com duzentas lanças, de que cada hum era capitam das cento.

ATRAS fica dito como no mes de Dezembro do anno de M. D. x. vierão dos Mouros cercar Çafim, donde se alevantaram o derradeiro dia do mesmo anno, e logo no seguinte de M. D. xi, entre outras entradas que Nuno Fernandez Dataide por capitão, e governador desta cidade fez, e mandou fazer polo Adail Lopo Barriga, e Cide Iheabentafuf forão os principaes duas, de que fica feita menção, porque ainda que os mais dos Mouros daquellas provincias fossem trebutarios a el Rei dom Emanuel, com tudo avia ainda alguns que com favor del Rei de Fez e do de Marrocos, e do Serife senhor das provincias de Sus, e Hea ho não pagavão, e nam contentes disto persuadiam aos que estavam de pazes com nosco, que não pagassem aquillo que per seus contratos erão obrigados dar. Pella qual razão era necessario, tanto por acudir aos que eram vassallos, e tributarios a coroa destes regnos, como pera castigar os que a isto erão contrarios, fazerensse entradas pela terra, das quaes a primeira que se fez neste anno de M. D. xii. foi por esta maneira. Mandou Nuno Fernandez a Lopo Barriga que fosse ao Azamel da Bida, que he o lugar em que os capitães das Cabildas, e Aduares tem suas tendas, mulheres, e filhos, e familia, e por mais nobre lhe chamão em

sua lingoagem azemel, que quer dizer na nossa corte ou cabeceira de toda a capitania, de qualquer daquelles aduares, ou cabildas. Esta Cabilda de Abida estava onze legoas de Çafim, sobre Xiatima, na ribeira de Aguz. Lopo Barriga andou alguns dias fora, nos quaes deu com a gente que levava de cavallo favor, e socorro aos Dabida contra os de Xiatima, que por não serem nossos amigos estavam com elles de guerra. Tornado Lopo Barriga, tiverão os de Xiatima aviso que os de Cide Iheabentafuf aviam de ir a miravel, e outros castellos pera fazerem trazer aos daquella comarca a Çafim as pareas que erão obrigados pagar, de que deviam alguma parte, por resto do anno passado, de M. D. xi. O que sabido pelos de Xiatima se ajuntarão oitocentos de cavallo, e estando Iheabentafuf no castello de Miravel, com cento, e sessenta de cavallo, que era a tres legoas do lugar donde estava a cabilda de Abida lhe dixeram que vinham os de Xiatima sobrelle, e posto que fossem muitos Iheabentafuf lhes saio, e os desbaratou com essa pouca gente que entam tinha, e alguma outra que se ajuntou com elle dos de Abida, morreram dos de Xiatima tres de cavallo, e foram captivos dous dos principaes dos Dabida, correndo Acum o principal xeque delles o alcance, aos de Xiatima, apartado da companhia de Iheabentafuf, voltaram os de Xiatima sobrelle, e o captivaram, e a pelleja foi de callidade, que se fora com outra gente se mataram muitos de huma, e da outra parte, mas os Arabes tem por costume, quando pellejão huns com os outros de se salvarem as vidas por respeito do resgate, de qne são muito cobiçosos, assi pelo proveito, como per vãgloria de dizerem depois, foam foi meu captivo, e em minha mam esteve podello matar, ou darlhe a vida, do que se louvam, e o tem por gran-

de honrra. Depois desta escaramuça acabada, logo ao outro dia se fez escaimbo dos captivos, e Acum foi resgatado pelos dous Xeques de Xiatima, os quaes de Xiatima que andavam alevantados se reconciliaram logo com Iheabentafuf, que reformou com elles as pazes, e lhes deu seguro de parte de Nuno Fernandez e assi tornaram apagar a pareas acustumadas. Poucos dias depois desta cavalgada, mandou Nuno Fernandez Dataide sobre huma aldea que esta ao pe da serra do ferro, que se chama Azeze, do que deu carrego ao Adail Lopo Barriga, e a Iheabentafuf, a qual aldea chegaram em rompendo a alva, e posto que estivesse forte de tranqueiras, e bastidas de madeira, os nossos a entraram, e matarão alguns dos mouros e captivaram seis, porque os mais se acolherão a serra, desemparando a aldea, donde os nossos se tornaram pera Çafim com os captivos, e cavalgada de gado grosso, e meudo, e alguns cavallos, e camelos sem no caminho lhe sair ninguem. Depois deste negocio, alguns mouros do lugar de Tazarot, amigos dos de Azeze vierão correr a Çafim, aos quaes Nuno Fernandez sahio, e posto que se defendessem, como mui esforçados homens morrerão delles onze dos de cavallo, dos quaes Lopo Barriga matou hum, e os outros se acolheram, deixando no campo treze cavallos, com que se Nuno Fernandez tornou pera a cidade, sem dos seus perigar nenhum. Neste tempo chegarão de Portugal, dom Luis de Meneses, filho de dom Ioam de Meneses, conde de Tarouca, Priol do Crato, e dom Alvaro de Noronha, que depois foi capitão Dazamor, com cem lanças cada hum, de que lhes el Rei deu a capitania separadamente, levando por regimento, que em tudo fezessem o que lhes Nuno Fernandez mandasse, sem sairem de sua ordenança. Mas posto que estivessem

pouco tempo em Çafim, Nuno Fernandez Dataide polos exercitar, fez duas entradas ate a villa Dalmedina por estarem alevantados os principaes della, em que os levou consigo, com as duzentas lanças que trouxerão de Portugal, das quaes duas entradas trataremos no capitulo seguinte.

CAPITULO XXXIII

Do sitio da cidade Dalmedina, e do que passou em duas vezes que Nuno Fernandez Dataide foi sobre ella.

HUMA das principaes cidades da Duecala, he a de Almedina cercada de muro, os moradores della vivem per suas lavouras de que he mui abundante, sam mui destros a cavallo de que tem muitos, e bons de suas criaçoens, as molheres sam louçãs, e bem ataviadas, e por nesta cidade aver familias poderosas, e que se não querião bem huns aos outros erão os de huma destas partes afeiçoados ao serviço del Rei dom Emanuel, e os outros ao del Rei de Fez, per cujo respeito avia sempre entrelles diferenças, e difficuldade, no pagar do trebuto que erão obrigados trazer a Çafim, segundo forma de seus contratos. Neste tempo estavam alevantados os da parte del Rei de Fez com favor, e ajuda que lhes então mandara de gente de cavallo, e o mesmo fezeram os que tinham a nossa, ou per vontade ou com medo dos outros que se entam achavam mais poderosos, polo que determinou Nuno Fernandez Dataide de dar nelles com quatrocentas lanças, e alguma gente de pe espingardeiros, e besteiros, com os quaes

depois que partio de Çafim veo hum dia amanhecer as portas Dalmedina os da cidade que ja tinham aviso de sua vinda pelos escutas que trazião no campo, em chegando se poserão em ordem de se defender, acudindo as portas, e lugares mais fracos do muro. Nuno Fernandez como chegou dixe a dom Alvaro de Noronha, que com a sua gente, e com a que lhe mais deu de pe, e de cavallo fosse commeter a porta que se chama de Marrocos, que elle com dom Luis de Meneses iriam commeter outra, e que cada hum fezesse por ganhar a honra de ser o primeiro que entrasse, o que lhes sahio ao contrairo do que cuidavam, porque dentro da cidade avia seiscentos de cavallo, e seis mil de pe, que os speraram com as portas abertas, e sairam a elles com todo esforço, que do primeiro impeto os fezeram tornar atras, mas durando a batalha, que foi per um bom spaço, os Portugueses voltaram sobelos Mouros, em que se renovou a pelleja de modo, que de huma, e da outra parte avia assaz que fazer, em tanto, que Nuno Fernandez com toda a companhia, tomarão por partido alargaremsse dos imigos, e elles de os deixar ir em paz. Dos quaes como se depois soube, morrerão mais de vinte dos de cavallo, e alguns dos de pe, e forão muitos feridos. Dos nossos morrerão tres de cavallo dos moradores de Çafim, e forão feridos outros, entre os quais foi o Adail Lopo Barriga, assi se tornarão pera a cidade de Çafim sem trazerem cavalgada, nem acharem quem lhes saisse ao caminho. Alguns dias depois disto, soube Nuno Fernandez, como junto Dalmedina estavam huns aduares, nos quaes determinou de ir dar huma antemanhã, mas por ser sentido, e lhe sair da cidade muita gente de pe, e de cavallo, se tornou sem fazer nada. Vindo pelo caminho lhe veo hum cavalleiro Arabe seu conhecente dar

aviso, como el Rei de Marrocos era entrado na terra da Duecalla, e vinha em pessoa com huma grossa companhia de gente a lhe tomar o caminho. Nuno Fernandez lho agradeceo muito, e lhe mandou dar huma peça dalviçaras, pedindolhe, que de sua parte fosse dizer a el Rei que todo aquelle dia ate noite o avia de sperar no campo pera pellejar com elle, mas o mouro lhe mentio, ou per qualquer outro modo que fosse, el Rei de Marrocos não veo. Pelo que Nuno Fernandez se tornou pera a cidade, onde chegou passada mea noite, o qual Rei de Marrocos, o senhor da serra, por saberem quam victoriosos os Portugueses, e os com elles confederados andavam no campo se vieram a provincia da Duecalla, onde se lhes fezeram vassallos, e tributarios muitos dos Arabes, com que ficaram tão poderosos, e soberbos, que andavam com seu exercito a tres, e quatro legoas de Çafim. Neste tempo chegou dom Nuno de Mascarenhas, que el Rei mandava por capitam de cem lanças, debaixo da bandeira de Nuno Fernandez, e com recado a dom Luis de Meneses, e a dom Alvaro de Noronha que se viessem para o regno, e deixassem toda a gente de suas capitanias a Nuno Fernandez, como fezeram: de maneira que avia entam em Çafim, afora a gente de pe, mais de setecentos de cavallo, gente nobre, e luzida com que Nuno Fernandez fazia guerra aos Reis de Fez, Marrocos, e ao Senhor da serra, e assi ao Serife, fazendo lhe pagar das pareas que os Mouros per seus contratos erão obrigados trazer a Çafim, o que todos faziam os de pazes de livre vontade, e os vassallos del Rei de Fez, Marrocos, Senhor da Serra, e Serife per força, por lhes não queimar seus lugares, e aduares, e os captivar com molheres, e filhos, como muitas vezes fazia servindoo em todos estes negocios os mouros que estavam de pazes,

cujo capitam, e alcaide era Iheabentafuf que em quanto viveo servio el Rei dom Emanuel com muita lealdade.

CAPITULO XXXIV

Doutras entradas que Nuno Fernandez Dataide fez, que em huma dellas desbaratou el Rei de Marrocos, e de como se de novo reformaram as pazes que os Mouros tinham quebradas.

PARTIDOS dom Luis de Meneses, e dom Alvaro de Noronha pera o regno, Lopo Barriga pedio a Nuno Fernandez, que o deixasse ir ate o arraial dos mouros, que estava a tres legoas da cidade pera tomar lingoa, pera o que Nuno Fernandez lhe deu trinta de cavallo dos moradores, praticos na terra com que chegou as fraldas do arraial em amanhecendo, onde matou seis mouros, e trouxe quatro captivos, com que se tornaram em salvo, sem serem sentidos. Destes captivos soube Nuno Fernandez o que passava no arraial, pello que logo ao outro dia saio da cidade pelo mesmo caminho que fezera Lopo Barriga, que hia diante com cento, e cincoenta de cavallo, e dom Nuno Mascarenhas com as suas cem lanças, e Nuno Fernandez ficava com a mais gente atras. Os quaes caminhando nesta ordem, antes que chegassem hum bom espaço do arraial dos mouros, dom Nuno ficou com a sua gente em cillada, e Lopo Barriga chegou adiante, para ir correr o campo, em que tomou catorze mouros, e matou cinco, com que se recolheo levando huma gram somma de gado meudo diante de si, o que sabido no arraial, sairão

logo mais de quatrocentos de cavallo, tras Lopo Barriga, e sem ousarem de travar com elle, o foram seguindo ate onde dom Nuno Mascarenhas estava em cilada, aos quaes ficou na traseira, o que vendo Lopo Barriga, voltou sobrelles, ficandolhe na dianteira, entre os quaes todos se travou a mais revoltosa pelleja que ate entam acontecera depois daquella cidade ser nossa naqual derribaram alguns dos nossos, e feriram Rui Mendez de Sa, Ioam Vaz Dalmada, e Rui Dataide, e mataram o cavallo a Alvaro de Faria, e assi se foram recolhendo pera donde vinha Nuno Fernandez. O qual por ser ja muito tarde nam quis passar adiante receandosse que acudisse muita mais gente de cavallo dos Mouros sobrelle, com os quaes lhe parecia que nam poderiam pellejar, com sua aventajem, por os que foram com dom Nuno Mascarenhas, e com Lopo Barriga virem ja maltratados, e cansados pelo que se recolheo em sua ordem, posto que os mouros viessem ladrando tras elle, e o seguissem ate huma legoa da cidade, onde chegou ja de noite, deixando toda a cavalgada que trazia, que era de mais de vinte mil cabeças de gado meudo. Depois deste desconcerto a oito dias, soube Nuno Fernandez que estava este arraial del Rei de Marrocos assentado acerca da costa, no cabo de Cantim, sobello qual foi dar a boca da noite, estando elles ceando, de que tomou dous aduares. Mas em se recolhendo lhes sairão do arraial muitos de cavallo, e de pe, que o seguiram ate ser manhã, tratando mal toda a companhia despingardadas, setadas, e sobre tudo de pedradas, que forão tantas, que ficou aquella entrada o nome das pedradas, com tudo os nossos se recolheram sem lhe matarem nenhum, posto que fossem muitos feridos dos quaes foi hum Antonio Borges que era mui esforçado cavalleiro, trazendo mais

de trezentas almas captivas, e muitos cavallos, e camellos. Dalli a sete, ou oito dias se mudou el Rei de Marrocos pera serra de Benimagra, e assentou seu arraial na entrada do campo que se chama Idenart, do que sendo Nuno Fernandez avisado deu de noite no arraial com quinhentos de cavallo Portuguezes, e muitos dos Arabes de que era alcaide Iheabentafuf, o qual entrarão mataram muitos mouros, e el Rei esteve em perigo de ser preso, porque foi tamanho o medo em todos, que elle se acolheo em hum cavallo em osso. Tomarãolhe a sua tenda, e atambor, e huma sua manceba das principaes com muitas molheres nobres. Dos Portugueses foram alguns feridos, entre os quaes o foi Nuno Fernandez no rosto. Desbaratado o campo elle se recolheo com o despojo que foi mui grande, allem do gado, cavallos, camellos, e mais de quatrocentos captivos. Alguns dias depois desta cavalgada vieram os de Almedina correr a Çafim, lançando duas ciladas aos nossos comtudo elles se recolheram desbaratados deixando no campo mortos quarenta e oito de cavallo, dos quaes cavallos, os quarenta vieram a cidade, dos nossos, forão feridos muitos, e mortos tres dos moradores. Algnns dias depois vieram correr a Çafim setecentos Arabes de cavallo, sem fazerem mais do que dar vista, e logo a noite tornaram a poer fogo ao derredor da cidade, aos quaes Nuno Fernandez mandou Lopo Barriga com cento, e sessenta de cavallo escolhidos, com que foi tras elles pela ribeira acima, e apos Lopo Barriga mandou Nuno Fernandez o contador, Nuno Gato pela porta dalcaçova com outro tropel de gente de cavallo, com que deu nos mouros os quaes o começarão a tratar mal, ao que acudindo Lopo Barriga com a mais gente se poseram em desbarato, seguindoos os nossos per espaço de huma legoa, em que Lopo

Barriga matou o principal Xeque delles, que se chamava Iahomazonde, e lhe trouxe a cabeça, e o cavallo, mas a morte deste Xeque lhe nam foi tão facil, que não tornasse pera a cidade muito mal ferido de feridas perigosas, posto que victorioso. Esta cabeça do Xeque mandou Nuno Fernandez poer em hum pique sobre huma das portas da cidade, pela qual os Mouros davam muito dinheiro, mas elle a nam quis dar se nam no concerto das pazes que de ahi a poucos dias fezeram os Arabes de Xerquia, em que hum dos pontos principaes, foi que lhe avia de dar a cabeça deste Xeque, porque fora antrelles hum dos mais honrrados, e milhor cavalleiro. Assentadas as pazes com os da Xerquia todolos outros Arabes as renovarão com Nuno Fernandez, com os mesmos pontos, e condiçoens que dantes, dos quaes todos fez Cide Iheabentafuf Alcaide, e assi ficou por então toda aquella provincia pacifica a Coroa destes regnos, com os quaes, e com a gente que Nuno Fernandez tinha em Çafim, fazia tanta guerra a el Rei de Marrocos, e ao Serife que em suas proprias casas, e lugares mais fortes senão tinham por seguros delles.

CAPITULO XXXV

De algumas cousas que mais passaram em Çafim ate a tomada Dazamor, entre as quaes foi huma memoravel vitoria que Cide Iheabentafuf ouve del Rei de Marrocos.

REFORMADAS as pazes, determinou Nuno Fernandez de proseguir na guerra contra el Rei de Marrocos, e o Serife, assi com a gente que tinha em Çafim como com os mesmos Arabes de que era alcaide Iheabentafuf, em cuja companhia mandou ao Adail Lopo Barriga que andasse com cento, e cincoenta de cavallo Portugueses, os quaes todos estando juntos em hum lugar que se chama Duão, doze legoas de Çafim, lhes veo nova como nove Aduares Doledemita estavão assentados ao pe da serra dos Montes claros, no campo de Alehanz, o que sabido os foram buscar, e tomarão tão de supito, que antes de se darem accordo, mataram delles mais de mil almas, e trouxerão captivas cento e cincoenta, e oito, com muito gado vacum, e meudo camellos, bestas muares, cavallos, e muitas tendas, com outro despojo. Acharansse neste feito Vasco de Pinna, e Ioam de Pinna seu irmão, Emanuel de Sande, Lourenço Mendez de Lagos, Ioam de Freitas, Luis Dazevedo, Antonio Barba, George Mendez Dataide, Diogo Lopez Almocadem, Francisco Despinosa, e outras pessoas de calidade. Feita esta cavalgada, entrarão per terra de Xiatima, onde no campo de Metreza deram em huns aduares, em que mataram alguma gente, e captivaram cincoenta almas. Neste mesmo dia entrou o Serife a primeira vez nesta provincia de Xiatima,

pera se senhorear della, de cujo arraial vierão muitos de cavallo sobellos nossos, e se travou entrelles huma mui cruel escaramuça, porque eram estes homens cortesãos, e bem ataviados, e armados os quaes do primeiro encontro matarão tres Christãos dos de cavallo, e alguns mouros da companhia, o que vendo os nossos voltarão sobrelles. Cide Iheabentafuf per huma parte, e Lopo Barriga pela outra que então tinha consigo duzentos, cinccenta de cavallo Portugueses, na qual volta mataram xxv de cavallo dos imigos, entre os quaes morreo hum filho de Mezeara Rei de Dara, o que vendo os do Serife se retiraram pera o arraial deixando no campo trinta, e seis cavallos que os nossos recolheram. Alguns dias depois deste negocio forão sobre hum lugar, desta mesma comarca de Xiatima que se chama Tanly, do qual vendosse os de dentro postos em aperto, lançaram muitos cortiços dabelhas pelas ameas do muro fora, de que sairam tantas que nenhum dos que ahi estavam se pode dar acordo com ellas, das quaes perseguidos tomaram por partido abrir mam do combate, sem levarem outro despojo que muitas ferratoadas dellas, do que assi os mouros, como os Christãos sairam bem magoados. Ailem desta perseguiçam das abelhas, forão alguns dos nossos feridos entre os quaes o foi Lopo Barriga de muitas, e mui perigosas feridas. Neste tempo mandou el Rei dom Emanuel Nuno da Cunha a Çafim com cem lanças, pera la estar por fronteiro, debaixo da bandeira, e mando de Nuno Fernandez Dataide, e screveo a dom Nuno Mascarenhas que se viesse para o regno, e deixasse as suas cem lanças a Nuno Fernandez. No qual tempo estava Lopo Barriga com sua companhia, e Iheabentafuf com todolos Alarves de pazes juntos em Aguz, onde lhes derão novas que vinha el Rei de

Marrocos sobrelles, com tanta gente de cavallo, que muitos mouros daquella provincia seguião o campo, pera verem a gazua que os del Rei de Marrocos aviam de fazer nos mouros de pazes, e nos Christãos. A qual nova sabida tambem per Nuno Fernandez, mandou Nuno da Cunha com duzentas lanças a Aguz onde entam estava por capitam hum Francisco Mendez com cincoenta besteiros de pe Portugueses. Alguns dias depois de Nuno da Cunha ser em Aguz veo huma quadrilha de ladroens, do arraial del Rei de Marrocos dar nas fraldas do nosso campo, dos quaes ladrões a muitos naquellas partes, qùe seguem os exercitos, roubando assi aos amigos, como aos imigos, destes tomou Lopo Barriga hum que logo mandou a Nuno Fernandez, o qual pelas informaçoens que lhe este ladrão deu, veio na mesma noite, com sos doze de cavallo a Aguz versse secretamente com Nuno da Cunha, e com Lopo Barriga, e na pratica assentaram que toda a genle Portugueza se tornasse pera Çafim, e que Lopo Barriga ficasse em companhia de Iheabentafuf com sos sessenta lanças, em que ficarão dom Rodrigo de Castro, e dom Garcia Deça Çuleima, e outros filhos, e cavalleiros que se não quiserão ir, e por aver ja sete, ou oito dias que nam sabiam o que passava no arraial del Rei de Marrocos, Lopo Barriga com alguns dos Arabes, que lhe deu Iheabentafuf foi hum dia amanhecer junto das suas estancias, onde a primeira gente que encontrou, foi hum magote de ladroens, do que matou tres, e cativou hum e os Arabes tomarão dous, os quaes depois de serem em Aguz, Lopo Barriga mandou pedir a Iheabentafuf (porque por virtude dos contratos das pazes, todolos captivos eram del Rei, e o outro despojo dos Arabes), e por nestes recados aver algumas repplicas, e Lopo Barriga ter cõmissam de Nuno

Fernandez Dataide, que pelo melhor modo que podesse se tornasse pera Çafim com toda a gente Portuguesa que com elle ficara, porque per algumas informações que tinha arreceava, que lhe armasse Iheabentafuf alguma treiçam, elle se tornou, ficando todolos Arabes nossos amigos, que alli estavão muito espantados de tamanha mudança, com tudo dom Rodrigo de Castro senão quis tornar e com sos tres criados seus de cavallo ficou em companhia de Iheabentafuf, o qual mouro como cavalleiro, e leal servidor del Rei dom Emanuel, sentindo muito esta desconfiança que Nuno Fernandez delle tinha determinou com tres mil de cavallo Arabes e alguma gente de pe que alli tinha consigo ir cõmeter, no mesmo dia que Lopo Barriga se foi a el Rei de Marrocos, do que avisou logo per hum troteiro Nuno Fernandez, aqueixandosse do pouco que delle confiava, mas que esperava em Deos que vencedor, ou vencido mostrasse naquelle dia quam leal servidor era del Rei dom Emanuel seu senhor. Este recado chegou a Çafim, mea hora depois da vinda de Lopo Barriga, pelo que Nuno Fernandez no mesmo instante, que recebeo esta carta arrependido do que tinha feito despachou logo de noite Henrrique de Parada, com doze de cavallo, dando suas desculpas a Iheabentafuf, e que ao outro dia lhe maudaria quinhentas lanças pera com ellas, e com os Arabes commeter el Rei de Marrocos. Henrrique de Parada chegou pela manhãa a Guz, onde achou ja pellejando Iheabentafuf com o poder del Rei de Marrocos, o qual desbaratou naquelle dia, e foi tamanha a victoria, e tal o alcance, que lhe matou huma grande parte da gente que com elle andava, em que entrarão muitos dos nobres de sua corte e ouve hum grande despojo de captivos, tendas, cavallos, camellos, bestas muares, gado grosso, e meu-

do. Nuno Fernandez Dataide o fez assi como o mandara dizer a Iheabentafuf porque logo pela manhãa despachou Lopo Barriga com duzentas lanças, e atras elle Nuno da Cunha com trezentas, mas sua vinda foi excusada, porque quando chegaram o campo del Rei de Marrocos era de todo desbaratado, do que Nuno Fernandez ficou mui triste por se nam achar em pessoa neste negocio, ou pello menos senão alcançar huma tamanha vitoria com ajuda e favor de tanta, e tam nobre gente como elle entam tinha em Çafim, em que avia afora a gente de pe, novecentos de cavallo, os mais delles homens nobres, entre os quaes ouve varias murmuraçoens, e altercaçoens contra o capitam, dandolhe muita culpa de ter por informaçoens falsas Iheabentafuf em ma conta per cujo respeito deixaram de ser participantes de hum tam honrroso feito, e tam memoravel victoria, depois da qual deu Nuno Fernandez trezentas lanças a Nuno da Cunha, com quem mandou o Adail Lopo Barriga, pera darem em hum aduar em terra do Xiatima, allem da serra do ferro, levando consigo alguns dos Arabes de Iheabentafuf, ao qual aduar em chegando forão sentidos, e ouve entrelles huma bem travada peleja, em que mataram Francisco Correa, e dom Luis Dazevedo, filho do Bispo do porto e outros, mas com tudo entraram o aduar, em que tomaram algumas almas, e gado com que se tornaram pera Çafim.

CAPITULO XXXVI

De como Molei Barraxa, e Almandarim vieram correr Arzilla e el Rei de Fez a Tanger, e depois Arzilla.

Tendo o Conde de Borba, dom Vasco Coutinho nova certa, per Gonçalo Vaz Almocadem mourisco ja Christam, de como no campo de Mençara, e Dalenaçar andava gente desmandada, determinou de ir correr contra aquella parte, e passando pella boca de Capanes deu a dianteira a Diogo Lopez de Lima, o qual entrou tam de supito, que com pouca resistencia captivou obra de trinta Mouros e com os quaes, com muito gado grosso, e meudo se começou de recolher pera a mesma boca de Capanes, em busca do Conde, que sabendo da cavalgada que trazia o foi receber ao caminho. Neste tempo vio Gonçalo Vaz hum mouro de cavallo que vinha muito seguro faldrejando a serra de Benamares, do que suspeitando que averia gente Dalcacer, ou de outras partes, espalhada pello campo, determinou de o ir sperar com Iusarte Dalmeida em hum passo estreito, onde o tomaram, e souberam que Barraxa, e Almandarim dormiram aquella noite em Benarroz com tençam de irem correr Arzilla, o que sabido pelo Conde mandou tanger com muita presa a cavalgada que trouxera Diogo Lopez de Lima ate ser fora da boca de Capanes, a qual he onde se ajuntão as serras, de Banamares, e Benegorfate, tam cerca, que de huma a outra se entende mui claro, o que se falla. Sendo ja o Conde fora do estreito de Capanes, posto que os mouros da companhia de Barraxa, e

Almandarim lhe viessem ladrando nas costas per bom espaço elle se recolheo a seu salvo com toda a cavalgada, com que chegou a Arzilla ja de noite. Mas ao outro dia amanheceo o campo cuberto de mouros, delles tam perto do muro, que lhe podião chegar com os tiros das espingardas, aos quaes o Conde nam quis sair, por serem tantos, que o perigo era mais certo, que a victoria porque na companhia avia toda a gente de Barraxa, Almandarim, com o Almandarim, com o Alcaide Dalcacer quibir, e outros dos quaes per Barraxa se achar mal disposto chegaram sem elle ate junto da villa Almandarim e o Alcaide Dalcacer, em companhia de Molei Habraem filho de Barraxa, e de huma Christãa Castelhana natural de bejar, mancebo de xx annos, que depois saio hum mui esforçado, e magnifico capitam, e mui amigo dos Christãos de quem el Rei dom Emanuel recebia muitas vezes cartas, e presente, e lhe respondia e mandava outros. Neste mesmo anno que era de M. D. xi, correo el Rei de Fez a Tanger, com tençam de cercar a cidade, por ter novas que nam estava apercebida de gente, nem das mais cousas necessarias; o que sabido em Arzilla, alguns fronteiros que la estavão, que ficarão do cerco, se foram pera la por mar, e o mesmo fez Ioam Martinz Dalpoem, que se então achou no arrecife com hum navio seu bem armado. El Rei de Fez assentou seu arraial ao redor de Tanger, e pos suas estancias do milhor modo que a elle, e aos seus pareceo ser necessario, com que teve a cidade cercada per alguns dias, nos quaes com a artelharia derrubaram os imigos hum lanço do Baluarte a que chamão o cubello do Bispo, per que entrarão logo muitos delles, ao que dom Duarte de Meneses capitam da cidade acudio, com cuja vinda, e esforço do capitão do baluarte, e gente que com

elle veo, entre os quaes era Francisco de Lanzina Biscainho mestre das obras que se entam alli faziam, os mouros tomaram por partido deixar o cubello, no qual debate morreram muitos delles, e foram alguns dos nossos feridos, entre os quaes foi Gaspar Caldeira morador Darzilla, de huma grande ferida pelo pescoço, e Francisco de Lanzina de muitas despada, e de duas setadas. Ao seguinte dia mandou el Rei de Fez cometer outra vez a cidade, no qual combate lhe resistiram os de dentro com tanto animo, que por parecer, e conselho de seus capitães mandou alevantar o cerco, o que fez por ver o pouco que podia ganhar, achando a cidade melhor apercebida do que lho deram a entender, assi de gente, como de muniçoens de guerra, porque totalmente elle nam saio ao campo com tençam de a cercar, se nao achando o tempo mui aparelhado pera isso pelo qual respeito nam trouxe consigo as muniçoens, e petrechos necessarios pera poder continuar no cerco. Isto como fica dito, foi no anno de M. D. xi, e no de doze tornou o mesmo Rei de Fez em pessoa sobre Arzilla, e assentou o arraial no facho, donde seus alcaides correrão ate atranqueira do Anjo, sem lhe o Conde poder resistir. Nestes recontros ouve ahi mortos, e feridos de huma, e da outra parte, dos Mouros encontrou dom Bernardo Coutinho o Alcaide Adel per hum olho de que ficou cego, e assi viveo depois muitos annos. Matarão os mouros dom Diogo Coutinho, irmão de dom Francisco Coutinho, conde de Marialva primo do conde de Borba, que elle mandou enterrar na Igreja de sam Bertholameu e a casa assi como a tinha entregou a seu filho dom Gonçalo Coutinho, que com o pai naquelle tempo estava por fronteiro em Arzilla

CAPITULO XXXVII

De como el Rei mandou Simam da Sylva por embaixador a el Rei dom Afonso de Manicongo.

Ja fica apontado como el Rei dom Emanuel mandou o padre Ioam de sancta Maria da ordem de são Ioam dos azues, ao regno de Manicongo, com outros religiosos, e clerigos pera la ensinarem a fe de N. Senhor Iesu Christo aos da terra, de que ja eram feitos muitos Christãos, e a pregarem aos que ainda o não erão. Depois de la serem estes padres, mandou el Rei hum cavalleiro de sua casa, per nome Gonçalo Rodriguez Ribeiro, com recado a el Rei de Manicongo, com quem foram mais Sacerdotes, e allem dos ornamentos que Ioam de Sancta Maria levava pera o culto divino, lhe mandou outros pelo mesmo Gonçalo Rodriguez. Estas mesmas pessoas que el Rei mandava cadanno com recados a el Rei de Manicongo, allem do fructo que fezerão acerca das cousas da Fe, moverão ao mesmo Rei mandar a estes regnos hum seu filho, que se chamava dom Henrique, e hum seu irmam, per nome dom Emanuel e alguns outros moços nobres, pera ca aprenderem as cousas da Fe, e costumes deste regno, e com elles hum embaixador per nome dom Pedro seu primo, homem prudente, e com quem el Rei dom Emanuel fallava muitas vezes, e o mesmo era sua molher que consigo trouxe, a qual a Rainha dona Maria fez sempre muita honra, e gasalhado. Depois deste dom Pedro ter negociado as cousas a que veo, el Rei o despachou mandando em sua companhia por embaixador a el Rei de Manicongo Simão da Sylva fidalgo

de sua casa cavalleiro da ordem de Christus, e o filho del Rei, e irmão, e moços nobres ficaram ca, repartidos per mosteiros, onde os ensinaram a ler, screver, gramatica, e cousas da Fe de que alguns delles sairão bons latinos, e theologos. Entre outras cousas que el Rei dom Emanuel mandou a el Rei dom Afonso de Manicongo foram cavallos, e mulas de preço bem ajaezados, e muitos ornamentos de Egrejas, assi de vestimentas, como caliz, cruzes, galhetas, tribulos de prata branca, e dourada, latã, e cobre, retabolos pintados, e finos, allem do que lhe mandou pedreiros, e carpinteiros pera fazerem Egrejas, e huns paços pera o mesmo Rei, ao modo dos de ca, e outros officiaes de diversos officios, o que tudo mandou embarcar em cinco navios de que o mesmo Simam da Sylva hia por capitam, ho qual allem da cômissão de embaixâdor levava alçada pera fazer justiça dos Portugueses que la comprehendesse em erros, assi crimes, como civeis, e pera com el Rei de Manicongo julgar as causas dos naturaes de seus regnos, e senhorios, e com hum letrado que levava consigo, com officio de corregedor por o mesmo Rei de Manicongo o ter assi mandado pedir per dom Pedro seu primo, a el Rei dom Emanuel, allem do que deu per regimento a Simam da Sylva, que se se el Rei de Manicongo quisesse servir delle nas cousas da guerra que o ajudasse, e aconselhasse em tudo o que lhe fosse necessario e assi lhe mandou hum padram de carta darmas parelle, e vinte escudos doutras armas, pera as elle dar a quem lhe aprouvesse, e hum sello darmas de Chancellaria, e hum sinete, e bandeiras, e guiões pera lhe servirem na guerra. Nos apontamentos, e regimento que el Rei deu a Simam da Sylva lhe mandou, que per virtude da carta da crença que levava, dixesse a el Rei de Manicongo de

sua parte, que devia escrever ao Papa, e mandarlhe obediencia, como o fazem os Reis Christãos, e que com esta embaixada devia de tornar dom Pedro seu primo, acompanhado de ate doze homens nobres os quaes elle mandaria per mar, ou per terra a Roma a sua custa, e que allem destes mandasse ainda alguns moços nobres de idade de treze annos, ate quinze para os mandar ensinar com os outros que ca estavão, encomendando a Simam da Sylva muito que fezesse com el Rei dom Afonso de Manicongo que nos mesmos navios que levava tornasse dom Pedro com a embaixada, e obediencia do Papa, e os mais moços que mandava pedir. Com este regimento, e companhia partio Simam da Sylva de Lisboa, e sem no caminho lhe acontecer cousa que seja de contar chegou ao regno de Manicongo. De cuja vinda, como el Rei soube o mandou logo visitar per hum seu primo, per nome dom Ioam, e porque antes de partir daquelle lugar ouve algumas dilaçoens causadas per Portugueses que la andavam, a que pesava com a vinda de Simam da Sylva, pelo poder, e alçada que levava pera os castigar, elle se deteve alguns dias antes que partisse pera a corte del Rei em companhia do mesmo dom Ioam, e no caminho adoeceu de febres, de que morreo sem chegar onde el Rei estava, do que foi mui anojado, per cuja morte socedeo na embaixada Alvaro Lopez que hia por feitor da armada, e nomeado na socessão, o qual lhe apresentou as cousas que el Rei dom Emanuel mandava, e lhe deu a carta del Rei, que levava Simam da Sylva, de que o treslado do verbo ad verbum he o seguinte.

Muito poderoso, e excellente Rei de Manicongo. Nos dom Emanuel pela graça de Deos Rei de Portugal, e Guine vos enviamos muito saudar, como

aquelle que muito amamos, e prezamos, e pera quem queriamos que Deos desse tanta vida, e sande como vos desejaes. Nos enviamos a vos Simam da Sylva fidalgo da nossa casa pessoa de que muito confiamos, e a quem, por nos ter muito bem, e fielmente servido temos boa vontade, o qual escolhemos para vos enviar, por o termos conhecido por esforçado, e de muita fidelidade, e que vos dara de si boa conta. E por que quando as semelhantes pessoas, assi nos, como os outros principes e Reis Christãos enviamos huns aos outros, he costume levarem nossas cartas pelas quaes sam cridos em todo o que de nossa parte lhe mandamos fallar aquelles a quem os enviamos nos fallamos com o dito Simam da Sylva toda nossa vontade acerca da sua ida a vos, e o que queremos que em sua estada la faça em vossas cousas assi naquellas que tocarem a paz, como a guerra, como tambem na justiça, e governança de vossos regnos, e senhorios pera o que nos enviastes pedir que vos enviassemos huma pessoa. Muito vos rogamos que o ouçaes, e lhe deis inteira fe, e crença em todo o que de nossa parte vos dixer, e fallar, assi como o fareis se por nos vos fosse dito e fallado, e em muito prazer o receberemos de vos, e nos speramos em nosso Senhor que da ida do dito Simam da Sylva vos recebais muito prazer, e contentamento, e que em todas vossas cousas o acheis assi bom, e verdadeiro servidor como nos nas nossas, e em todo nosso serviço o temos achado, porque por isso o escolhemos pera vo lo enviar, e muito vos rogamos que pois prouve a nosso Senhor por sua misericordia vos alumiar, e trazer ao conhecimento de sua sancta Fe, assi vos praza ordenardes todas vossas cousas, e nella o servirdes, como o fazem os Principes Christãos, e como nos o fazemos do que mui compridamente vos infor-

mara o dito Simam da Sylva, porque de assi o fazerdes, receberemos nos muito prazer, e contentamento. Lida esta carta pelo secretario del Rei de Manicongo, Alvaro Lopez lhe apresentou os religiosos e clerigos, que com elle hião, e assi os ornamentos pera as Egrejas, e officiaes, e lhe deu o presente que lhe levava. Depois del Rei de Manicongo ter visto as pessoas, assi religiosos, como de guerra, e mecanicos, e os ornamentos pera as Egrejas, cavallos, mullas, jaezes, atavios pera sua pessoa, e da Rainha sua molher, que lhe el Rei dom Emanuel mandava, pos os cotovelos sobellos geolhos, e o rosto entrambalas mãos, e como espantado as allevantou pera o ceo dando graças a Deos pela merce que lhe fezera, em o confirmar na sua verdadeira Fe, per meo, e industria de hum tão virtuoso, e tão magnanimo Principe como era el Rei dom Emanuel, e logo dahi a poucos dias, assentou de mandar per dom Henrrique seu filho que ca estava no regno estudando, e per dom Pedro seu primo obediencia ao Papa como fez, e se ao diante dira.

CAPITULO XXXVIII

Em que se contem o treslado de verbo a verbo de huma carta notificatoria del Rei dom Afonso de Manicongo, pera se saber a causa porque lhe el Rei dom Emanuel mandou carta darmas para elle, e vinte escudos doutras armas de diversos blasões, para as o mesmo Rei de Manicongo dar as pessoas que lhe aprouvesse.

PORQUE neste tempo presente, e em todos os vindouros ate fim do mundo, seja a todos sabido, e manifesto, as obras, e amerceamentos que o todo poderoso Deos, nosso Senhor fez sobre nos dom Afonso por sua graça, Rei de Manicongo, e senhor dos Ambudos noteficamos, e fazemos notorio a todos os que agora vivem, e pelos tempos ao diante vierem, assi nossos vassallos e naturaes de nossos regnos, e senhorios como a todos os Reis Principes, e senhores, e gentes nossos vesinhos, e comarcãos, que sendo nos tempos passados estes nossos regnos, e senhorios descubertos pellas gentes dos regnos, e senhorios de Portugal assi em vida del Rei dom Ioão segundo Rei dos ditos regnos, como agora em special em tempo do muito alto, e muito poderoso Rei, e Senhor dom Emanuel Rei dos ditos regnos, e senhorios de Portugal, e sendo por elles ambos enviados a el Rei meu padre, como per huma divina inspiraçam, e amoestamento de esperança das cousas presentes de acrecentamento de sua sancta Fe catholica nesta terra por sua piedade prantada, clerigos, e frades, e pessoas religiosas para que lhe mostrassem o caminho de sua salvação, o posessem no conhecimento de

sua sancta Fe Catholica, sob que vivem os ditos Reis, e seus naturais, por que nisso fezessem obra conforme a charidade per Deos a elles encomendada, e como fieis, e verdadeiros catholicos comprissem nisso seus mandados, foi por o dito Rei meu padre recebida a ensinança Christã, e nella mostrou bom começo, do qual por enveja do Diabo, imigo da Cruz foi em seus dias apartado, e assi desviado que não obrou nelle a graça de Deos. Nos quaes tempos em que estas cousas se começaram, e passaram sendo nos moço de pouca idade, e alumiado da graça do Spirito sancto, per huma singular, e especial merce a nos dada de toda a santissima Trindade Padre, Filho, Spirito santo, tres pessoas hum so Deos, que firmemente cremos e confessamos, fomos recebendo a doutrina Christã, de modo que so pela misericordia de Deos foi em nos de hora em hora, e de dia em dia, assi prantada em nosso coração confirmada, que apartado de todolos erros, e idolatrias em que ate o presente nossos antepassados viverão fomos em verdadeiro conhecimento, que nosso Senhor Jesu Christo Deos, e homem verdadeiro, descendo do Ceo a terra tomar carne no ventre virginal da Virgem gloriosa Maria sua madre, e por salvação de toda a humanal linagem, que pelo peccado de nosso primeiro padre Adão estava sobpoder do diabo recebeo a morte no lenho da Cruz na Cidade de Hierusalem, e foi sepultado, e resurgio de morte a vida ao terceiro dia, porque fosse cumprido, e acabado o que delle foi profetizado, pela qual morte fomos remidos, e salvos. E sendo nos neste verdadeiro conhecimento, e continuando nos ensinos dos religiosos, e fieis Christãos, caimos em grande avorrecimento del Rei nosso padre, e dos grandes de seus regnos, e gente delles, o qual com grande desprezo, e m

terrou pera terras mui longe, onde apartado de sua vista, e da sua graça passamos muito tempo, não sem grande contentamento, e prazer de padecermos pela Fe de nosso Senhor. Mas com muito esforço, que por sua piedade sempre nos deu, pera muito mais padecermos se conviesse, com firme esperança, que assi nos ajudaria, e daria sua graça, que não ficasse ao menos pera salvação de nossa alma em nos nosso trabalho, e firme Fe de vazio, e passando assi em nosso desterro ouvemos recado como el Rei meu padre estava em passamento de morte, e que outro nosso irmão se apoderava do regno, não lhe pertencendo por direito senão a nos, como primeiro, e primogenito, que fomos, e que isto fezera com favor de todos os grandes, e senhores do regno, e gentes delle, que a nos tinhão em odio, por conseguirmos a fé de N. Senhor Jesu Christo, o qual como nunca desemparou, nem desemparara a quem o serve, e a quem o chama nos esforçou pera virmos onde o dito nosso Padre estava, e com so xxxvi homens, que nos servião, e acompanhavão, viemos onde o dito nosso Padre estava, e ao tempo de nossa chegada era ja fallecido. E aquelle nosso irmão, que nossa sobcessão individamente, e contra justiça nos occupava, posto em armas com numero infindo de gente, e apoderado de todo nosso regno, e senhorio, o qual quando assi vimos por so salvação de nossa pessoa nos fingimos doente, e estando assi com os nossos, per huma divinal inspiração de nosso Senhor, nos esforçamos, e chamamos, os nossos xxxvi homens, e com elles nos apparelhamos, e nos fomos com elles a praça da cidade, onde o dito nosso Pai faleceo, onde gente de numero infindo estava com o dito nosso irmão, e alli bradamos por nosso Senhor Jesu Christo, e começamos a pelejar com os nossos contrairos, e dizendo os

nossos xxxvi homens inspirados da graça, e ajuda de Deos, ja fogem, ja fogem os nossos contrarios se poserão em desbarato, e foi por elles testemunhado, que virão no ar huma Cruz branca, e o bemaventurado Apostolo Sant-Iago com muitos de cavallo armados, e vestidos de vestiduras brancas pellejar, e matar nelles, e foi tão grande o desbarato, e mortandade, que foi cousa de grande maravilha. No qual desbarato foi preso o dito nosso irmão, e por justiça julgado que morresse, como morreo, por se alevantar contra nos, e finalmente ficamos em paz pacifica de nossos regnos, e senhorios, como oje em dia, pela graça de Deos somos, da qual cousa, e do milagre por nosso Senhor feito, enviamos dar notificação ao dito Senhor Rei dom Emauuel de Portugal, como a começo da mesma obra, e per cujo meo per graça de Deos fomos pera tantos bens alumeado, e com os recados disto enviamos a elle dom Pedro nosso primo, que foi hum dos xxxvi que comnosco era pelo qual fomos informado, e assim pelas cartas, que o dito Senhor Rei nos enviou dos grandes louvores, que forão dados em seus regnos ao todo Poderoso Deos, por os bens tão manifestos do seu grande, e infinito poder. E visto pelo dito Senhor Rei de Portugal, como isto era obra digna de Perpetua lembrança, e de que todo o bom exemplo se podia seguir em toda a parte, em que se soubesse pera maior acrecentamento de nossa Sancta Fe Catholica, e tambem pera nosso louvor antre outras muitas cousas que pelo dito dom Pedro nosso primo nos enviou, e por Simam da Sylva fidalgo de sua casa, que com elle a nos vinha nos mandou as armas nesta carta pintadas pera as trazermos em nossos scudos por insignias, como os Reis, e Principes Christãos daquellas partes costumão trazer por sinaes de quem sam, e donde proce-

dem, e pera entre todos serem per ellas conhecidos. As quais armas que assi nos enviou significam a Cruz que no Ceo foi vista, e assi o Apostolo Sanctiago com todos os outros Sanctos com que por nos pellejou, e sob cuja ajuda de Deos nosso Senhor nos deu victoria, e assi tambem como pelo dito Senhor Rei nos forão enviadas pera as tomarmos com a parte das suas que nas ditas armas meteo, as quaes o todo poderoso Deos nosso Senhor deu pello seu Anjo ao primeiro Rei de Portugal pellejando em batalha contra muitos Reis Mouros imigos de sua sancta Fe, que aquelle dia, venceo, e desbaratou. As quaes armas assi pelo dito Senhor Rei de Portugal a nos enviadas com muita devação, e com muito acatamento recebemos de Deos nosso Senhor, e como merce mui em special por meo o dito Senhor Rei de Portugal que nolas envia, a quem muito as tivemos, e temos em merce, e com obrigaçam de verdadeiro, e fiel irmão em Christo Jesu, e mui fiel amigo em todo o tempo lho reconhecemos, em todo o que de nos, e de nossos regnos, e senhorios mandar, e como tal se cumprir no que se offerecer por elle, e por suas cousas morreremos pela infinda obrigaçam em que lhe fomos, não somente pelo bem temporal, mas pelo spiritual, e salvaçam de nossa alma, e de tanto povo e gente como per seu meo he salvo, e speramos que ainda mais seja, no conhecimento, e conversam da Fe de Christo, a que nos aderençou, e em que nos pos com muito trabalho, e despesa que nosso Senhor per sua misericordia em todas suas cousas lhe galardoara pois por elle so, e por seu serviço o fez. E as ditas armas rogamos, encomendamos, e mandamos, por nossa bençam aos nossos filhos, e a todos os que de nos descenderem que ate a fim do mundo sempre tragam, e em todas as guerras em que forem sejam

lembrados da significação dellas e do modo em que per nos foram ganhadas, e nolas enviou o dito Senhor Rei de Portugal, porque com ellas confiamos na misericordia de Deos, que sempre lhes dara victoria, e vencimento, e os conservara em seu regno ate fim do mundo, assi mesmo por que he cousa justa que aquelles que bem, e fielmente servem a seu Rei, e senhor sejam seus serviços agalardoados, satisfeitos com honras, e merces per que suas famas, e obras nunca sejam esquecidas. Estes sinais darmas sam tambem dados aos nobres fidalgos, e cavalleiros que bem, e fielmente servem a seus Reis, e senhores, segundo que nos fez saber o dito senhor Rei de Portugal, que antre os Reis e Principes Christãos se acostuma fazer, nos enviou mais vinte escudos darmas pera os darmos aquelles do conto dos trinta, e seis que na batalha com nosco forão, que de mais limpo sangue, e mais nobres fossem para por elles se perpetuar sua fama, e o louvor do serviço que alli nos fezerão, e com virtuosa enveja cada hum se esforçar, e encender a fiel, e lealmente seu Rei, e senhor, e com perpetua memoria se perpetuar, a nosso Senhor Jesu Christo pedimos, que elle que por sua so piedade quis por nos padecer, e morrer, se queira alembrar, e amercear de nos, para em sua santa Fe Catholica nos conservar, e nella a nos, e a todos nossos filhos, e a todos nossos povos deixar acabar, como elle sabe que o desejamos. Dada, &c. O treslado desta notificação mandou el Rei dom Afonso de Manicongo aos principaes Senhores de seus regnos e senhorios, e alguns seus vizinhos, e logo no mesmo anno de M. D. xii, mandou dom Pedro seu primo com a obediencia pera o Papa, e com elle doze pessoas principaes de sua corte per quem mandou a el Rei dom Emanuel hum presente de

cousas que se em seus regnos criam, e fazem em que avia huma grande cantidade de marfim, e muitos fardos de pilataria de martas ginetas, lobos cervaes, onças, e outras alimarias, e huma boa somma de panos feitos de fiado de ervas muito finos, delles crus, e outros tintos de preto e alguns delles lavrados do modo que o he o cetim avelutado, e tam finos, e a cor tam perfeita que ao longe pareciam de seda. Vieram tambem com dom Pedro doze moços nobres pera ca aprenderem as cousas da Fe, e costumes dos Christãos, os quaes el Rei dom Emanuel tambem mandou repartir per mosteiros. E por estes negocios irem juntos, e infiados porei no capitulo seguinte o treslado da obediencia que el Rei dom Afonso de Manicongo mandou ao Papa per dom Henrique seu filho, e per dom Pedro seu primo, por ser de hum Rei da Ethiopia tam remoto da Europa, e hum dos primeiros que naquellas partes recebeo a Fe de nosso Senhor Jesu Christo, e o primeiro que nella permaneceo, pela pregaçam, e ensino da naçam Portuguesa.

CAPITULO XXXIX

De como depois de dom Pedro chegar a Portugal, el Rei dom Emanuel mandou dar aviamento pera dom Henrique, e elle irem a Roma com sua embaixada ao Papa.

CHEGADO dom Pedro a Portugal, el Rei dom Emanuel mandou fazer prestes todalas cousas que cumpriam pera dom Henrrique filho del Rei dom Afonso de Manicongo, e dom Pedro com sua companhia irem a Roma, mandandolhes dar para o caminho todo o que lhes foi necessario, assi de dinheiro como em cavalgaduras, e gente que com elles mandou, aos quaes no anno de M. D. xiii, em que chegaram a Roma foi feito solemne recebimento, pelo Papa Leão Decimo, por Iulio Segundo ser ja morto, dando graças a Deos por ver gente tão barbara, e tão diferente dos costumes dos da Europa, e tão remota della, convertida a Fe de nosso Senhor Jesu Christo, os quais embaixadores na segunda vez que fallarão ao Papa lhe apresentarão a carta da obediencia, e crença que levavão del Rei dom Afonso de Manicongo, da qual o theor he o que se segue tirado de lingoa latina, em que era escripta, na nossa Portugueza.

Sanctissimo em Christo, Padre Beatissimo Senhor, Senhor nosso Iulio Segundo, pela divina Providencia Summo Pontifice. Vosso devotissimo filho dom Afonso pela graça de Deos Rei de Manicongo, e senhor dos Ambudos, Guine, manda beijar vossos beatissimos pes com muita devação. Bem cremos Beatissimo Padre, que tem vossa Sanctidade entendido como el

Rei dom Ioão de Portugal, segundo do nome no começo, e logo apos elle o catholico Rei dom Emanuel seu successor, com muita despesa, trabalho, e industria mandarão a estas terras pessoas religiosas, com a doctrina dos quais (sendo nos enganados pelo demonio, adorando ídolos) nos apartamos divinalmente de tamanho erro, e tamanho captiveiro, e de como reduzidos a Fe de nosso Senhor, e Salvador Iesu Christo tomando a agoa do sancto baptismo, alimpandonos com ella de lepra, de que eramos cheos, apartandonos dos errores Gentilicos, que ate entam usaramos, lançando de nos todalas abusoens diabolicas de Satanas, e seus enganos de todo nosso coração, e vontade recebemos milagrosamente a Fe de nosso Senhor Iesu Christo. Pola qual razão depois de sermos doctrinados, e ensinados nella, sabendo nos que era costume dos Reis Christãos mandarem obediencia a vossa beatitude, como a verdadeiro Vigario de Iesu Christo, e Pastor de suas ovelhas, querendoo nos como he razão nesta parte imitalos em tam divino, e sagrado costume (na companhia, e numero dos quaes o todo poderoso, e misericordioso Senhor Deos, por sua clemencia nos quis ajuntar, e unir pera seguirmos a sua sancta companhia, e catholicos costumes) mandamos a vossa Sanctidade nossos embaixadores, pera lhe de nossa parte darem a acostumada, e devida obediencia como o os outros Reis Christãos fazem. Dos quaes embaixadores, hum he o meu mui amado, e prezado filho dom Henrrique, o qual el Rei dom Emanuel de Portugal meu muito amado irmão em seus regnos mandou ensinar, e instituir na sagrada Escriptura, e costumes da Fé Catholica, e outro he dom Pedro de Sousa, meu muito amado primo, aos quaes, alem de vos por elles ser dada nossa obediencia, dixemos algumas cousas que de nossa parte diram a vossa bea-

titude, as quaes lhe pedimos mui humildemente que ouça, e receba delles, e lhes de tanta fe como se por nos mesmo fossem ditas diante de vossa beatitude, a qual Deos por sua misericordia queira conservar em seu sancto serviço. Dada em a nossa cidade de Manicongo, no anno do nascimento de nosso Senhor Iesu Christo de M. D. xii. A qual carta de credito, e obediencia vista pelo Papa, e Collegio dos Cardeaes, logo dahi a poucos dias responderam aos embaixadores, e os despediram, mui satisfeitos da honrra, e gasalhado que lhe fezeram donde se tornaram pera Portugal, e dahi pera Congo, com cuja vinda el Rei dom Afonso, (com saber o bom successo de sua viajem) levou muito contentamento.

CAPITULO XL

Do castigo que el Rei deu a dom Alvaro de Castro Governador da casa do Civel, por em sua casa mandar açoutar hum homem, e da ida de dom Pedro de Meneses conde Dalcoutim a Septa.

Dom Garcia de Castro filho segundo de dom Fernando de Castro, foi casado com donna Beatriz da Sylva, filha de dom Lionel de Lima primeiro bisconde de Villa nova da Cerveira, de quem entre outros filhos, ouve dom Alvaro de Castro que foi veador da fazenda del Rei dom Joam o segundo, e depois em quanto viveo governador da casa do Civel, homem de quem el Rei dom Ioam segundo confiava muito pelo que quando adoeceo em Alvor, no regno do Algarve, onde morreo, per elle,

e per Aires da Sylva, seu camareiro mor, mandou dizer a el Rei dom Emanuel que então era Duque de Beja, e senhor de Viseu que o deixava nomeado em seu testamento por herdeiro da coroa destes regnos. Foi este dom Alvaro de Castro muito cortesam, grande motejador, e mui eloquente no fallar, tanto que onde quer que estava fazião roda de homens que se chegavam pera o ouvir, foi muito valido nestes regnos, e hufano de sua pessoa, andou por muitas provincias, entre os quaes caminhos visitou a casa Sancta de Hierusalem, e a cidade de Roma. Foi casado com dona Leanor de Noronha, filha de dom Ioam Dalmeida Conde Dabrantes, teve grande casa de criados, donzellas, e escravas brancas que servião sua mulher das portas a dentro. Entre estas escravas avia huma de bom parecer que ella estimava mais que todalas outras, com quem andava damores hum seu criado, do que dom Alvaro, e sua mulher desgostosos o lançarão fora de casa, mas como o bem querer destes dous se não apartasse continuando em seus amores tinha o mancebo modo de entrar com esta escrava, o que sabendo dom Alvaro pos nisso tal vigia que o achou de noite dentro de sua casa fallando com ella, pelo que movido de sanha o mandou açoutar per mouros de sua estrebaria, tão cruelmente que em todo o corpo lhe não ficou lugar, que não fosse chagado dos açoutes. Este homem era de bons parentes, de que alguns erão criados del Rei, e andavão no paço, com favor dos quaes logo pela manhã teve entrada pera fallar a el Rei indo perá Missa, sem levar outro vestido que humas celouras, e çapatos, e huma capa com que se cobria, a qual em chegando a el Rei deixou cair dizendo, senhor Ecce homo, o vosso governador da casa do Civel, mandou fazer em mim esta justiça, por me achar fallando

com huma sua escrava. El Rei, e os que com elle hião ficarão mui espantados de verem a multidão das chagas, e sangue que lhe ainda dellas corria, pelo que movido el Rei de piedade, mandou ao homem que se cobrisse, e fosse pera sua casa, que elle proveria no caso com justiça. Acabada a Missa el Rei chamou Andre Pirez Landim seu escrivão da Camara, que depois foi da fazenda, e da dei Rei dom Ioam terceiro seu filho, e lhe dixe que fosse a casa de dom Alvaro, e lhe dixeesse da sua parte que o avia por suspenso de seu officio ate sua merce, e estivesse preso em sua casa ate elle ordenar outra cousa, e que logo lhe desse quinhentos cruzados os quaes entregaria aquelle homem por satisfação da injuria que lhe era feita. Andre Pirez se foi a casa do governador, o qual em o vendo lhe dixe, que alguma boa ventura lhe entrava pella porta com sua vinda, ao que lhe respondeo, senhor eu vos quisera trazer recado de mais vosso gosto, el Rei manda, que sejais suspenso do vosso officio ate sua merce, e esteis preso em vossa casa, e que me deis logo quinhentos cruzados para os dar a hum homem que mandastes esta noite açoutar em vossa casa, dom Alvaro lhe respondeo muito espantado de tal messagem, que pois el Rei o avia assi por bem que elle era prestes ao comprir, mas que em sua casa nam avia tanto dinheiro de contado, com tudo que sobre penhores ho mandaria buscar, como fez, e lhos entregou, sobelo que dom Alvaro mandou logo chamar seus parentes, dandolhe conta do que passava, os quaes juntos se forão a el Rei estranhandolhe hum tam rigoroso castigo, ao que lhe respondeo que ainda que dom Alvaro fora Rei, que lhe não convinha fazer justiça em sua casa senão per via ordinaria, e que o castigo que lhe dera lhe parecia ainda brando, pera a pena que

merecia, que se fosse muito em bora, que se faria nisso o que se achasse ser justiça. Desta reposta ficaram todos mui escandalizados, começando fazer magotes e consultos sobelo mesmo caso, e pera darem a entender que eram agravados, os mais delles não vinham ao paço, como o soiam de fazer. Entre estes forão dous filhos de dom Alvaro, per uome dom Fernando, e dom Ioam, moços que andavam em pelote. E porque a criação dos moços fidalgos dos Reis de Portugal he estarem em geolhos a mesa, e daremlhes os Reis fructa da que lhe trazem para comer e estes fossem huns dos em que el Rei tinha mais olho, estando hum dia ceando junto ds huma janella nos paços da ribeira de Lisboa, vio andar estes dous moços passeando no terreiro a cavallo, pelo que perguntou a hum dos offciaes que o servião a mesa, se erão aquelles os filhos de dom Alvaro, e sabendo que era assi chamou dom Ioam de Meneses Conde de Tarouca, priol do crato seu mordomo mor, e lhe dixe que os mandasse riscar dos livros da cozinha. Deste castigo se tiveram todolos parentes de dom Alvaro por muito mais agravados, que do primeiro, pelo que todos juntos vierão fazer outra falla a el Rei allegando os muitos serviços da casa dos de castro, e em special os de dom Alvaro, ao que lhes respondeu, que em tudo faria justiça, que era o que lhe elles, como homens nobres, e fidalgos deviam requerer, que se fossem todos embora que elle proveria no caso como fosse razão. Dona Leanor molher de dom Alvaro como era muito sagaz, e prudente, vendo que a sanha del Rei se nam abrandava, buscou outro modo pera per via mais dessimulada poder reconciliar seu marido com el Rei, o qual foi mandar dizer a meu irmam Fructos de Goes, guarda roupa del Rei, que então era hum dos seus mais pri-

vados, que nam tomasse por trabalho quererlhe ir fallar, o que elle fez de muito boa vontade. A forma das palavras foram que lhe desse conselho do que devia de fazer neste caso, meu irmão lhe respondeo, que elle se não atrevia fallar a el Rei em cousa de que todolos fidalgos que lhe fallaram, sairam com reposta de se tudo cometer a justiça, mas que elle conhecia bem a condiçam del Rei, que era acabarsse tudo com elle per bons meos, e modos, e nada per força nem rigor, que sua Alteza acostumava ir muitas vezes visitar a Rainha dona Leanor sua irmãa, que então pousava nos seus paços apar da Egreja de sam Bartholomeu, a que ella mesma era vizinha, que como o soubesse se fosse a casa da Rainha, onde el Rei algumas vezes acostumave pedir agoa, e conservas sobre que bebia, que nestas merendas o servisse, lhe desse agoa. e pedisse a Rainha que quando lhe parecesse tempo, fallasse como de si mesma a el Rei perguntandolhe os termos em que estavam os negocios de dom Alvaro, porque nenhum caminho podia tomar milhor que este para metigar o desgosto que el Rei tinha do caso que seu marido cometera, o qual conselho seguindo dona Leanor, veo abrandar tanto a vontade del Rei, que praticando hum dia com a Rainha, atravessou com dona Leanor, perguntandolhe como estava dom Alvaro, que lhe dixerão que senão achava bem, ella se pos em geolhos diante del Rei, e lhe dixe que a doença de seu marido so Deos, e sua Alteza a podiam curar, por tudo serem disfavores seus, a que era tempo que ja posesse termo. El Rei como ja tinha vontade de lhe perdoar respondeo a dona Leanor, que tudo se faria bem, e ao outro dia dixe a meu irmam Fructos de Goes (que secretamente lhe tinha ja dado conta do que passara com dona Leanor) que fosse a casa de dom Alvaro,

e lhe dixesse de sua parte que so, e sem outra nenhuma pessoa viesse fallar pela festa, do que elle foi mui ledo, e o fez assi, ao qual as palavras pontuaes que lhe el Rei dixe foram, que Deos posera os Reis na terra para fazerem justiça, per forma ordinaria, e nam voluntaria, e que pera isso punham officiaes a que cometiam os taes negocios com a mesma obrigação, pelo que elle caira em grande erro, por mandar fazer justiça daquelle homem em sua casa, mas que avendo respeito a seus serviços, e de seus avos lhe perdoava o que tinha feito, e o restituia em seu officio, e que de sua parte podia dizer ao mordomo mor, que tornasse assentar seus filhos nos livros da cozinha, e qua assi ficassem amigos. Dom Aivaro se deitou aos pes del Rei, e pedindolhe perdam, lhe beijou a mam pela merce que lhe fazia, o que tambem fezerão depois todos seus parentes, louvandosse per todo o regno o modo que el Rei tivera nisto. Neste anno de M. D. xii. passou dom Pedro de Meneses conde Dalcoutim, filho de dom Fernando de Meneses Marques de Villa Real, a Septa, onde esteve por capitam, e governador da cidade cinco annos, de quem, e do que neste tempo fez, se tratara ao diante.

CAPITULO XLI

Do sitio das ilhas da Iaoa, e costumes da gente, e de como Pateonuz senhor da cidade de Iapara, determinou tomar a de Malaca antes de ser nossa, pera o que fez huma grande armada com que saio ao mar depois que se Afonso Dalbuquerque foi perá India.

Do sitio da ilha de Çamatra, e costume dos que habitão nella fica atras dito summariamente, da qual navegando ao Sul, entre outras esta huma a que chamam Cindá, que tem Rei sobre si, em que nasce muita, e boa pimenta que dalli levam pera a China e outras provincias. Passada esta de cindá estam as da Iaoa maior, e menor, que tem cada huma dellas Rei que habitam no sertam das ilhas, e são gentios, assi elles como seus vassallos, excepto os que vivem nos portos do mar que sam mouros, são ambas muito fertiles de mantimentos, fructas, caças, criaçoens de gado grosso, e meudo, e cavallos pequenos como quartaos. A nellas tantos veados, e porcos monteses que fazem delles salga, e chacina que se leva por mercadoria pera muitas partes, e o mesmo fazem da carne de vaca, de que a grande abundancia, nasce nellas pimenta, canella, canafistola, e cubebas, achasse muito ouro em rios, e minas, a gente he feroz, e guerreira, sam homens mui determinados pera qualquer feito, que querem cometer andam os mais delles nus de cinta pera cima, e os que se querem cobrir o fazem com jaquetas de seda, ou algodam que lhes chegão ate os giolhos, trazem as barbas pelladas, e o cabello da cabeça meo

tosquiado, encrespado pera riba sem se cobrirem, porque dizem que sobella cabeça do homem senão ade poer cousa nenhuma, e tem por injuria tocarlhes alguem com a mam nella, sobello que se matão muitos, pelo qual respeito nam fazem casas sobradas, por lhas ninguem andar sobella cabeça, sam muito engenhosos de todo o genero de mecanico, e grandes fundidores dartelharia, sinos, espingardas, e muito bons officiaes darmaria, ferros de lanças, zagunchos, e outras armas, fazem nellas muitos navios de remo, e grande cantidade de naos grandes a que chamam jungos, são grandes feiticeiros e nigromanticos, e astrologos, com as quaes artes fazem per pontos do curso das estrellas espadas, e outras armas, no que estão dez, e doze annos, as quaes dizem que matão em qualquer parte do corpo de que tiram sangue, e que quem as traz nam pode ser vencido nem morrer a ferro, e destas armas, como cousa rara, fazem os Reis, e senhores da terra grande cabedal, e as guardam por cousa sagrada. São grandes monteiros, e caçadores daltenaria, meos baços de rosto, e peito muito largos, e as molheres de bom parecer, muito bem ataviadas, e engenhosas em todo genero de lavor, e grandes bailhadeiras, as quaes levão consigo a casa em carretas, lavradas de maçanaria pintadas douro, prata, azul, e outras cores, cubertas de panos douro, e seda, segundo a calidade de cada hum. Tem quasi as leis, e costumes dos Chins, donde descendem os habitadores destas ilhas segundo o tem per suas historias. Na da Iaoa maior havia hum mouro muito rico, per nome Páteonuz senhor da cidade de Iarapa, situada na costa do mar, o qual muitos dias antes que Afonso Dalbuquerque tomasse Malaca se carteava com Vtetimutaraja, o qual per alguns agravos que dezia ter del Rei determinou

per seus modos, e meos dar entrada a Páteonuz na cidade, e o fazer Rei. Este concerto foi feito em tanto segredo, que sete ou oito annos que Páteonuz gastou em fazer huma armada pera a conclusam do que tinha determinado se nam descobrio, nem se teve delle suspeita, no qual tempo mandava dessimuladamente pessoas de que se fiava a Malaca sob specia de mercadores, os quaes Vtetimutaraja recolhia na sua povoaçam, de que afora criados, e escravos que tinha avia em Malaca muitos quando o Afonso Dalbuquerque mandou degollar, mas posto que Vtetimutaraja fosse defunto, nem por isso desistio Páteonuz do proposito que tinha mas antes acabou daparelhar, e fornecer a armada, em que averia trezentas velas, entre jungos, lancharas, e outros navios de remo, com muita gente de guerra, e parentes seus, com outros senhores da Iaoa. Prestes tudo o que lhe era necessario se fez a vela pera Malaca, e passando pelo estreito de Sabão deram os de terra aviso a Rui de Brito Patalim capitam da fortaleza, do grande numero de navios que virão sem se saberem determinar para onde podia ir huma tamanha armada, o que sabido assentou, que Fernão Perez Dandrade capitam do mar, que se então andava fazendo prestes perá India, fosse ate o estreito saber se era assi o que lhe deziam, pera onde logo partio com Lopo Dazevedo, George Botelho, George de Brito, Martim Guedes, Pero de Faria e Ianim Rabelot, natural das partes de Flandes, nas mesmas naos de que erão capitaens, os quaes nam acharam a armada de Pateonuz, porque do estreito de Sabão se metera per outro que se chama dos Savens, pera por elle mais a sua vontade se vir lançar defronte de Malaca, como fez com se logo saber quem era. Fernão Perez como não achou esta armada, cuidando todos que era fabula o aviso que

se della dera, tornousse pera cidade, mas nam tardou muito que não apareceo, a qual por ser de tantas velas, e virem espalhadas tomava tamanho espaço, que de todalas partes parecia cobrir o mar, ó que pos muito espanto, assi nos nossos, como nos da cidade, com tudo assentou Rui de Brito de os ir cometer em pessoa, do que se Fernam Perez agravou, dizendolhe que pois era capitão do mar, e elle da fortaleza que ficasse nella pera a guarda, e o deixasse ir fazer seu officio, sobello que tiveram tantas diferenças ate lhe Rui de Brito mandar, que sobre sua menagem se fosse preso para a pousada mas logo na mesma noite lhe mandou pedir perdam, e dizer que se fosse embarcar, porque o estava esperando na frota pera ambos serem participantes da victoria que esperava em Deos aver de Páteonuz, o que Fernam Perez fez, respeitando mais ao que compria ao serviço del Rei, que ao agravo recebido de Rui de Brito. As velas da nossa frota eram a gale de Pero de Faria em que hia Rui de Brito Patalim ficando por capitam da fortaleza, o Alcaide mor, Aires Pereira de Berredo, Fernam Peres Dandrade, com quem hião Simão Afonso Bisagudo, por a sua nao de podre, e velha ja nam servir pera nada, George de Brito, Francisco de Mello, Martim Guedez, Ioam Lopez Dalvim, George Botelho, Lopo Dazevedo, Antonio Dabreu, Vasco Fernandez Coutinho, Christovam Mascarenhas, Christovam Garces, Afonso Pessoa, Ianim Rabelot, e Tuam Mafamede Tamungo em hum seu jungo, e de longo da terra hia Ninachetu em navios de remo, com mil, e quinhentos Malaios bem ordenados para pellejar. Com esta pequena armada, em comparação da dos imigos, os foi Rui de Brito commeter antes de Sol levado, no qual tempo se ja fazião a vela para entrarem no porto da cidade com grandes gritas, e es-

trondos de bombardas, trombetas, anafis, e sinos, com todos os navios embandeirados e em tam boa ordem, que punha espanto aos que os viam, mas nem por isso deixaram os nossos de os ir commeter, o que pos mor espanto, assi nelles como nos da cidade, por o numero ser tão desigual. George Botelho, por o seu navio ser muito ligeiro se adiantou da frota, a quem sairão quinze calaluzes dos imigos, per antre os quaes sem delles fazer conta, nem lhes querer tirar passou adiante, o que vendo Pero de Faria fez remar os da sua gale a voga forçada, pera lhe acudir, os quaes ambos sem nenhum navio de Páteonuz lho impedir, chegaram ao seu jungo, o qual pela grandeza, e por trazer bandeira na gavea, e ser tam alteroso que a gavea do navio de George Botelho nam chegava ao chapiteo da popa, conheceram que era a capitaina, mas nem por isso deixaram de a commeter, servindoa de bombardas o milhor que podião sem lhe fazerem dano, porque o jungo era de sete costados, e embutido entre costado de argamassalapez, tão forte que lançava de si os pelouros, fazendoos tornar pera tras como se fora rocha de pedra viva, o que vendo e que os navios de remo dos imigos, os começavam a cercar com receo que os matassem as frechadas, e espingardadas, se recolheram perá frota, que ja hia costeandoa dos imigos, os quaes sem lho poderem impedir se forão lançar defronte da cidade ja Sol posto, o que vendo os nossos surgiram apegados com terra. O que feito Rui de Brito mandou chamar todolos capitaens, e pessoas nobres, a gale de Pero de Faria, para assentar o modo, e ordem com que ao outro dia avião de cometer Páteanuz, mas o parecer de todos foi, que elle se tornasse pera fortaleza, de que tinha feito menagem, porque quando a victoria ficasse com os imigos, nel-

la se poderia defender com a gente que tinha ate lhe vir socorro da India, o que assi fez ficando o peso do negocio a Fernam Perez Dandrade. Nesta noite foram alguns mouros Iaos, dos que viviam na cidade visitar Páteonuz, de que o principal era Curia Devá, os quaes lhe aconselharão, que não pellcjasse por então com os Portugueses, porque se perderia de todo, mas que se fosse meter no rio de Muar, e dalli mandasse pedir socorro a el Rei de Bintão, que tinha muitos navios de guerra, bem artilhados de que elle trazia pouca em comparaçam da muita que nos tinhamos, e que com esta armada, e com a sua poderia facilmente desbaratar a nossa, e depois poer cerco a fortaleza, a qual sem a combater tomaria a fome ou se daria a partido, porque tinha pouca gente, e poucos mantimentos. Este conselho pareceo bem a Páteonuz, principalmente por nam achar Patecatir, em que tinha muita confiança por ja ter sido desbaratado perá laoa, como atras fica dito, o qual elle nam encontrou no caminho, porque que se o achara o trouxera consigo,. assi que no romper da alva se fez a vela pera o rio de Muar, o que vendo Fernão Perez Dandrade, sem saber o que determinavam correo logo no seu batel todalas naos, dando aviso aos capitaens, que nenhum aferrasse, senam que as bombardadas, e com arteficios de fogo os combatessem, e que todos dessem a vela, como o vissem disferir o traquete, o que logo em sendo na nao fez, mandando ao piloto que guiasse direito contra a frota dos imigos, o que tambem logo fezeram os outros capitaens. Mas Páteonuz vendo a determinaçam dos nossos, mandou meter todas as velas do seu jungo, dando sinal aos outros navios que fezessem o mesmo, os quaes todos sem nenhuma ordem começaram de fugir, seguindolhe os nossos o alcance com tiros de

bombardas, bombas de fogo, com que destroçaram muitos dos navios de remo, o que vendo os dos jungos, em que em alguns tinham os nossos ja lançado fogo alem das bombardadas com que os perseguiam, se lançaram os mais delles ao mar, de que se afogaram muitos, e os outros matava a nossa gente, e os da cidade que com elles foram as espingardadas, e frechadas em tanta cantidade que andava alli o mar todo tinto em sangue.

CAPITULO XLII

De como Fernam Perez Dandrade desbaratou de todo a armada de Pateonuz, e se tornou perá cidade vitorioso donde dahi a poucos dias partio pera India.

PORQUE todo o negocio desta batalha consistia em nam faltarem pelouros, polvora, e artificios de fogo, mandou Fernão Perez pedir a Rui de Brito que o prouvesse destas cousas de maneira que per falta dellas não deixasse de seguir a victoria, que com ajuda de Deos sperava aver naquelle dia, o que logo foi feito em muita abastança. Páteonuz vendo o destroço que a nossa artelharia, e tiros de fogo tinham feito na sua armada, fez chegar pera o seu jungo outros quatro, ficando elle no meo mandando aos outros navios, que nam erão ainda desbaratados, que se çarrassem todos ao redor delles, aos quaes mandou passar a milhor gente da frota, mas este ardil foi prejudicial, porque recolhida esta gente aos jungos, os navios que se çarraram ao redor delles, ficarão sem pessoa de calidade que os podesse

reger, nem defender, e sobre tudo por estarem todos juntos, teve a nossa artelharia por onde varejar a vontade, sem perder tiro, com que meteram muitos destes navios no fundo, e os outros se alargaram os mais delles destroçados. O primeiro que abalroou foi Martim Guedez com hum jungo, depois de ter metidos no fundo, e queimado alguns navios de remo, o qual jungo entrou por força, e o mesmo fez Ioam Lopez dalvim em outro, aos quaes ambos, se pos logo fogo, e elle com os outros capitaens, seguiram a frota de maneira que a desbarataram de todo, salvo Páteonuz, e os quatro jungos que estavam ao redor do seu. Este negocio durou desde pela manhã ate meo dia, a qual hora vendo Fernam Perez que nam avia mais que fazer que aferrar os jungos de Páteonuz que se lhe hiam acolhendo por lhes o vento servir, mandou passar a sua nao alguma gente das outras pera com mor avantajem os ir cometer, e porque Páteonuz hia diante do Temungam senhor de Polimbam, sota capitam da armada, aferrou com este por lhe chegar primeiro, elle per huma ilharga, e Francisco de Mello pela proa, aho qual acudio hum seu sobrinho mancebo muito esforçado lançandosse com o seu jungo sobela nao de Fernam Perez, de modo que ficou entalada entre ambolos jungos, a qual entrou logo sem achar resistencia, porque Fernam Perez andava já no jungo do tio, pellejando com os Iaos, o que vendo o mancebo nam fez mais que pela nao de Fernam Perez, como per ponte, passar ao outro jungo, onde ja tambem achou pellejando Francisco de Mello, que entrara pela proa, entre os quaes todos se travou huma brava pelleja, em que dos nossos avia alguns feridos, entre os quaes eram Fernam Perez, Simam Afonso Bisagudo, e ferirão muitos mais, e os trataram peor do que o ja faziam, se não

acudira George Botelho no seu navio, com que aferrou o jungo do sobrinho do Temungam, per onde entrou, posto que os Iaos logo alli acudissem, de maneira que forão desbaratados, e os mais delles mortos a ferro, outros que se lançarão ao mar afogados, no que se passou hum bom pedaço de tempo, no qual assi os outros navios da nossa armada, como a de Ninachetu, e Tuam Mafamede no seu jungo faziam todos o que compria a bons cavalleiros, seguindo o alcance aos imigos. Assi que ganhados estes dous jungos Fernam Perez lhes mandou poer o fogo, e no mesmo instante fez caça a Páteonuz com as outras velas da frota, o qual depois de lhe chegarem, e assi os outros dous jungos, que o ainda acompanhavam servirão de tantas bombardadas que lhe desfezeram todolos altos, no que andarão ate noite fechada, em que por ser muito escura lançaram ancora, assi os imigos como os nossos, com tençam de em amanhecendo os irem cometer de novo, mas na mesma noite se deixou vir huma tamanha tempestade de chuva, vento, e trovoens que os espalhou todos, com que a nossa frota correo risco de se perder, e sobre tudo as naos grandes, por estarem tam juntas a terra que foram constrangidas surgir em duas braças, e o mesmo fez Páteonuz com os outros dous jungos, e junto delles George Botelho, e Tuam Mafamede, sem o saberem, os quaes achandosse em amanhecendo juntos (porque Fernão Perez com a outra frota esgarrara muito) se poserão as bombardadas ate meterem os dous no fundo, e desfazerem todolos altos do de Páteonuz, porque no costado nam podião os tiros das bombardas fazer entrada, no que andarão ate lhes faltar polvora, e pelouros, pelo que George Botelho tornou logo a Malaca buscar estas muniçoens, pera seguir Páteonuz, com tençam de as bombardadas o render,

confiado no seu navio ser o muis ligeiro de remo, e vela de quantos avia em toda a frota, mas antes de chegar a Malaca, achou Fernam Perez na ilha das naos, que he perto da cidade com toda frota mal tratada, assim da tormenta daquella noite, como da pelleja, porque os Iaos com a sua artelharia, espingardadas, e frechadas feriram muitos, e matarão trinta Portugueses, a fora os da armada, e jungo de Ninachetu, e Tuam Mafamede, que todos pellejarão como mui bons cavalleiros, ao que respeitando Fernam Perez dixe a George Botelho que nam curasse de tornar em busca de Páteonuz, porque da frota lhe nam podia dar nenhum navio, por estarem desaparelhados e a gente cansada, e desvelada, mas insistindo George Botelho muito nisso, dizendo que per sua culpa, se o nam deixasse ir, se salvaria Pateonuz, lhe mandou dar polvora, pelouros, e bombas de fogo com que se fez a vela, mas nam pode alcançar Pateonuz, porque tanto que o deixaram desbombardear seguio sua viajem caminho de Iaoa. O qual Páteonuz entre queimados, e metidos no fundo perdeo cincoenta, e nove jungos de sessenta que trouxera, afora outra muita fustalha, com mais de oito mil homens mortos a ferro, e tiros de fogo, ou afogados, e elle mal ferido, o qual em chegando a cidade de Iapora donde partirão, mandou encalhar o jungo em terra, e cobrir de huma alpendorada, dizendo que o fazia pera ficar por memoria, tanto tempo quanto podesse durar, da cruel batalha que ouvera com os Portugueses, e da honrra que ganhara em os ir cometer, e escapar de suas mãos. Mas tornando George Botelho por nam achar Páteonuz se tornou a ilha das naos, onde ainda estava Fernam Perez com toda a frota, donde se foram pera cidade com muita alegria de todolos que eram nossos amigos, e tristeza

dos que desejavam verem os Portuguezes destroidos. E por se ter acabado o anno em que Fernam Perez prometera a Afonso Dalbuquerque de servir de capitam do mar, e a cidade, e fortaleza ficarem per caso daquella victoria seguras de guerra, se partio pera India no mes de Ianeiro de M. D. xiii, deixando a capitania do mar a Ioam Lopez dalvim cuja a successam era, com quem se foi Vasco Fernandez Coutinho na mesma nao, por o seu navio de velho ja nam poder navegar, e Lopo Dazevedo, e Antonio Dabreu cada hum na sua nao, os quaes todos chegarão a India, e assi Antonio de Miranda Dazevedo que vinha do regno de Sião, onde fora por embaixador, que Fernam Perez encontrou tanto avante como os baixos de Capuacia. Alguns dias depois da partida de Fernam Perez pera fortaleza de Malaca, ouvera de ser tomada per treiçam de hum mouro Bengala, per nome Tuam Maxeliz, que Mahamed Rei de Bintam, que fora Principe de Malaca a isso mandou de Bintam, onde entam estava dassento. Sobelo qual negocio, no dia que se cometeo esta treiçam morreram alguns Portuguezes entre os quaes foi o feitor Pero Pessoa, e o Mouro Tuão Maxeliz com outros da conjuraçam, foram todos mortos dentro na fortaleza, a qual Deos livrou milagrosamente, o que sabendo Mahamed desesperado de poder tomar a cidade, mandou embaixadores a Rui de Brito Patalim, pedindolhe paz, offerecendosse a ser amigo, e vassallo del Rei dom Emanuel, a qual lhe concedeo, pelo que ficaram as cousas de Malaca por algum tempo pacificas, e sossegadas.

CAPITULO XLIII

De como Afonso Dalbuquerque partio de Goa pera o mar de Arabia, do que lhe aconteceo em Adem, e do sitio da cidade, e costumes dos da terra.

ATRAS fica dito como Afonso Dalbuquerque se fez a vela, de Goa pera ir sobre a cidade de Adem e dahi ao mar de Arabia, com esta armada, em que avia vinte velas, se partio aos xviii de Fevereiro do anno do Senhor de M. D. xiii, deixando na ilha de Goa, e cidade quatrocentos soldados Portugueses, e oitenta de cavallo, e outra gente de guerra do Malabar, e por capitam Pero Mascarenhas, e por alcaide mor em Benastarim Rui Pereira, e por capitam do mar com seis fustas Ioam Machado. Os capitaens que hião com Afonso Dalbuquerque forão dom Garcia de Noronha, Pero Dalbuquerque, Emanuel de Lacerda, Lopo Vaz de Sampaio, dom Ioam Deça, Pero da Fonseca de Castro, Hieronymo de Sousa, Simam Velho, Fernam Gomez de Lemos, Ayres da Sylva, Simam Dandrade, Antonio Raposo, Duarte de Mello, Rui Galvam, George da Sylva, Garcia de Sousa, Diogo Fernandez de Beja, que era capitam da nao em que hia Afonso Dalbuquerque, e Ioam Gomez cheira dinheiro, averia nesta companhia mil, e setecentos soldados Portugueses, e mil dos naturaes da terra, entre Malabares, e Canarins. Depois de ser a vela por se deter muito no golfam com bonanças foi tomar a ilha de Çacotorá para fazer augoada, e dahi fez sua derrota perá cidade de Dadem da qual ouve vista quinta feira da somana sancta, e a festa das indulgencias ao meo dia lançou ancora no

porto com assaz trabalho por o mar andar de levadio, mas depois da tormenta abrandar o governador, e capitam da cidade que se chamava Miramirjam mandou per hum mouro de Cananor visitar Afonso Dalbuquerque, e perguntarlhe o que queria, Afonso Dalbuquerque lhe respondeo, que hia buscar ao mar de Arabia huma armada de Rumes que tinha per nova certa estar prestes para partir perá India, e que polos tirar daquelle trabalho os vinha buscar, e que quanto a cidade de Adem, que queria com ella paz, com tanto que se fezessem vassalos, e trebutarios a el Rei dom Emanuel seu senhor o que fazendolhes daria todalas liberdades, e privilegios que fossem honestos. Miramirjam com ha reposta deste recado, mandou a Afonso Dalbuquerque hum bom presente de carneiros, gallinhas, e fructas da terra, dizendolhe que a cidade estava a obediencia del Rei de Portugal, e que os Portugueses podiam entrar, e sair nella a comprar, e vender e folgar tantas quantas vezes lhes aprouvesse, que serião tratados como os mesmos naturaes da terra. Avida esta reposta de Miramirjam, Afonso Dalbuquerque mandou dizer aos patroens, capitães, e mercadores de trinta naos que estavam no porto, e se recolherão perá cidade com medo da nossa armada, que se tornassem parellas, e que para isso lhes dava seguro, ao que responderão, que mal os asseguraria elle da desordem que viram na sua gente, que sem os terem offendidos, a primeira cousa que fezeram, fora entrarem nas suas naos, e roubarlhes tudo o que poderão levar, pela qual causa se nam queriam tornar as naos, por se terem por mais seguros na cidade. Deste recado entendeo bem Afonso Dalbuquerque que Miramirjam tinha o pensamento mui desviado do que lhe mandara dizer, o que se logo confirmou per huma carta que

elle escreveo a Afonso Dalbuquerque, espantandosse muito do recado que de sua parte derão aos mercadores estrangeiros, que os taes recados se acostumavão de mandar aos Governadores, e capitaens das cidades, pera elles ordenarem o que lhes sobrisso parecesse, mas que mandar secretamente convidar aos taes homens pera se sairem fora daquella cidade, e enfraquecella, parecia mais sinal de guerra que de paz. Nestes recados se passou todo aquelle dia no qual o Xeque meteo gente do sertam na cidade, e a fortaleceo o milhor que pode, do que Afonso Dalbuquerque foi avisado per hum Abexi Christam que estava captivo na cidade, que de noite fugio, e anado veo ter a frota. O que sabido ao outro dia, que era sabado vespora de Pascoa da Resurreição ante manhã depois de terem conselho sobelo modo que aviam de ter no combate sembarcaram nos bateis, e paraos, fazendo rosto perá cidade cada hum na ordem em que estava assentado que seste negocio avia de fazer, no qual ouve tanta desordem que as escadas que poseram ao muro quebraram per tres lugares com o peso da gente que por ellas sobia, ficando sobello muro os que primeiro sobiram que foram dom Ioam de Lima, George da Sylveira, Diogo Fernandez de Beja, que segundo se diz forão dos homens nobres os primeiros que sobirão, os outros desta calidade que tambem ficaram sobelo muro foram dom Ioam Deça, Aires da Sylva, Vicente Dalbuquerque, Gaspar Cão, Rui Palha, Antonio Ferreira Fogaça, Emanuel da Costa feitor das presas, Ioam Gonçalvez de castelbranco, dom Alvaro de Castro, Emanuel de Lacerda, Ioão de Meira, Ioam Gomes cheira dinheiro, Ioão Dataide, Rui Palha de Santarem, George Dorta, e outros que seriam per todos cento, e cincoenta, mas vendo Garcia de Sousa a quem tambem quebrara a

sua escada, e ficara dependurado em huma ameia do muro que os que cairam das escadas nam queriam cometer outra vez a sobilas se foi delongo do muro pera hum cubelo que tinha huma bombardeira em pouca altura do cham, per onde entrou com sessenta homens que hião em sua companhia e se apossou do cubelo, o que sabendo Afonso Dalbuquerque se foi logo lá, e mandou abrir outra bombardeira que estava junto do cubelo, pela qual o primeiro que entrou foi hum homem que trazia o guiam de Emanuel de Lacerda, com espada, e adarga, deixando o guião de fora, e apos elle hum clerigo per nome Diogo Mergulham, que levava um Crucifixo nas mãos, vestido com huma sobrepeliz, e traz elle Ioam de Meira, Alvaro da Sylva, Antonio Raposo, Duarte de Mello, Christovão Çarnache, Balthasar Monteiro do Porto, Henrique Figueira, e Ioam de Caminha, que depois foi veador da Infante dona Isabel molher do Infante dom Duarte, e outros ate quarenta, e pela banda da serra mandou a Icão fidalgo que entrasse com a gente de sua ordenança pera se vir ajuntar com os que ficarão sobelo muro, e entravam pelas bombardeiras, o que elle nam pode fazer, por a terra ser muito aspera, e lho os mouros defenderem, como bons cavalleiros. Andando este negocio assim travado acudio Miramirjam com alguma gente de cavallo, e outra de pe, aquella parte per onde a nossa gente entrava pelas bombardeiras e passando de longo do muro, hum mouro lançou mão da lança de George da Sylveira, e lha levou, do que afrontado, se lançou do muro abaixo, que seria altura de hum homem, e com a spada nua na mão remeteo aos mouros, os quais a poucos golpes o matarão, por lhe ninguem poder acudir. Miramirjam deu com tanto impeto nos Portugueses, que os fez recolher todos pera junto do

cubelo, onde estava Garcia de Sousa, que poucos a poucos se escoaram pela bombardeira que estava junto delle, com ficarem alguns mortos, e sairem muitos feridos o que feito, os mouros se chegarão de tão perto ao cubelo, que as lançadas se ferião huns aos outros, no qual instante elle preguntou a Afonso Dalbuquerque que estava junto do cubelo da banda da praia, que era ho que lhe mandava que fezesse, ao que lhe nam rsspondeo, ou dagastado, ou de nam entender o que lhe dizia, e assi voltou de longo da praia, dizendo a dom Garcia que fezesse dar cordas aos do cubelo pera se decerem por ellas, as quaes lhe deram atadas em duas lanças, que tão alto era pela banda de fora. Neste tempo Garcia de Sousa com os que com elle estava que nam quiserão decer pelas cordas polo terem por afronta, se defendiam com muito esforço, sem nenhum dos mouros ousar de subir ao cubelo, no qual debate deram huma pedrada nos narizes a Diogo Estaço tio de Diogo Estaço, que com o guião de dom Ioam de Lima na mam matarão sobelo muro, o qual Diogo Estaço, com a dor da pedrada (porque quasi lhe quebrou os narizes) ouvera de cair atordoado, e a Gaspar Cão ferirão muito mal em hum hombro, e a Garcia de Sousa deram huma frechada na testa, per baixo do capacete, que lhe passou ate os miolos de que logo cahio morto. Andando este negocio tão travado, dom Ioão Deça, e outros que sobirão pelas escadas, e decerão do muro pera dentro da cidade, vendo o pouco, que podião fazer, se tornarão a recolher parelle, e se salvarão per huma escada que lhes mandou poer Emanuel de Lacerda, per onde deceram. Os do cubelo vendo morto Garcia de Sousa, se começarão a callar pelas cordas que lhe dera dom Garcia, e outras que lhe tambem deu dom Ioão Deça, depois que decco do mu-

ro. E sendo ja todos fora apareceo Gaspar Cão, com hum bombardeiro que o ajudara a defender a escada do cubelo, depois que matarão Garcia de Sousa, sem os mouros os poderem entrar, os quaes vendosse sos, encaminharão pera as ameas do cubelo, cuidando de achar alli as cordas, per onde se os outros lançarão, mas errarão o posto, porque não estavão naquella parte, e parecendolhes que as tirariam tras si, nam cuidaram de as ir buscar onde ainda estavam postas, pelo que Gaspar Cam fazendo o sinal da Cruz se lançou do cubello abaixo, e do salto quebrou huma perna, de que depois morreo na ilha de Camaram. O bombardeiro se lançou da mesma maneira com huma besta debaixo do braço, e cahio sem perigar. Acabado este negocio com tanta afronta dos nossos Afonso Dalbuquerque se recolheo as naos, com a mais gente. E porque de hum baluarte que esta no molde, que vai da ilha de Cira perá cidade, tiravam com artelharia as naos, teve conselho se o mandaria combater, e estando nesta pratica, Alvaro Marreiro mestre da nao de Emanuel de Lacerda que recebia mais damno desta artelharia, que as outras sahio no seu batel com amarinhagem, e alguma gente darmas com que entrou no baluarte, e fez fugir os que nelle estavam, e tomou vinte, e sete peças dartelharia de ferro, grossa, e meuda. De maneira que antes de Afonso Dalbuquerque ter acabado o conselho, Alvaro Marreiro tinha ganhado o baluarte, com que se a gente começou dalvoroçar, dizendo que combatessem a cidade, pois aquelle baluarte era tomado, que era a principal força della, ao que Afonso Dalbuquerque não quiz dar orelhas por muitos respeitos, mas antes mandou que logo se alasse a frota pera fora do porto, e que saqueassem as naos que ahi estavam, e lhes posessem o fogo no que sepassaram dous dias sem

da cidade lhe sair ninguem, o que feito se fez a vella pera ho estreito que he trinta legoas Dadem, pera onde partio na segunda octava de Pascoa. A qual cidade de Adem he fermosa de vista, e de bons edeficios, posta ao pe de huma serra que se vem meter no mar, na ponta da qual esta situada, e tão cercada de agoa que fica quasi em ilha, a serra he tão seca, que nam nasce nella erva, nem arvore por ser toda de rocha viva, e nam chover nesta terra se não de dous em tres annos. A agoa lhe vem de huma aldea a que chamam Rubaca, per canos, de que cae em hum grande tanque que esta huma legoa da cidade, onde a vem buscar, nem tem outra agoa, nem mantimentos senão os que lhe vem de carreto per mar, e per terra, que sam tantos que sempre a delles muita abastança, assi de trigo, arroz, carnes, caças, como de fructas. A hi muitos mercadores que tratão perá India, e pera o Abexi, e mar de Arabia, e outras partes, he povoada de Mouros, entre os quaes habitam alguns Iudeus, a gente he alva, bem disposta, e bem ataviada, assi homens como molheres, os homens nobres sam mui bons cavalleiros, e exercitão a guerra, andão a cavallo, de que na terra a muitos, e mui bons, o Rei tem outros muitos lugares pelo sertam, e alguns nos portos do mar delles grandes, e bem povoados, a mor renda que tem he do que lhe pagam da Ruiva de tintores, que crece na terra, a qual alli vem buscar da India, Persia, Arabia, e do Abexi, e outras partes por ser muito boa. Pera hum feito de guerra podera ajuntar dous mil homens de cavallo, seus sugeitos, vassallos e criados, tem sempre em Adem hum governador, homem de confiança, por ser esta huma das milhores cidades de todo seu senhorio. Este era naquelle tempo Miramirjam Abexi, que em sendo moço captivaram, e fezerão Mouro,

muito bom cavalleiro, de quem Afonso Dalbuquerque foi recebido com menos gasalhado do que cuidava, por lhe terem dito que sem nenhuma dificuldade se lhe entregaria a cidade, mas o negocio lhe aconteceo bem ao contrario do que lho derão a entender.

CAPITULO XLIV

Do que Afonso Dalbuquerque passou no caminho, que fez para o mar de Arabia, ate tornar outra vez a Adem e dahi a India, e doutras particularidades.

Como fica dito no capitulo atras Afonso Dalbuquerque se partio de Adem pera o mar de Arabia a que muitos erradamente chamão Roxo, porque o mar Roxo, segundo os antigos scriptores Gregos, e Latinos he o que jaz deste da Arabia ate o mar da Persia, e India. Fazendo assi sua viagem, chegou as portas do estreito deste mar da Arabia, sesta feira da somana de Pascoa donde se foi a ilha de Camaram, e com receo que os da ilha a despejassem, como fezerão, acolhendosse para a terra firme mandou depois de ser junto da ilha dom Garcia de Noronha com alguns capitães em bateis, pera tomarem os portos, e assegurarem os moradores, os quaes tomaram no caminho algumas gelvas, em que captivaram homens, e molheres, e huma nao do Soldão de Babilonia, e outra de mercadores, que estavão surtas, em que acharão muita riqueza. Na ilha nam ouve quem lhes resistisse, porque toda a gente se passou a terra firme da Arabia, que he dalli,

tanto como de Lisboa a Almada, o que devide hum canal per onde passam todalas naos que entram, e saem pelo estreito. Na ilha, posto que tenha alguns areaes, a muita agoa, e he viçosa, e de muita criaçam de gado, fazensse nella muitas naos, e pelos grandes edeficios antigos que ainda ahi ha, se ve que foi ja muito habitada, e que devia ser de grande trato. Alli esteve Afonso Dalbuquerque sete dias fazendo carnagem, e augoada. O que feito se fez a vela perá cidade de Iudá, e sendo quasi trinta legoas della com ventos contrairos arribou a mesma ilha de Camaram, onde invernou, e fez dar pendor as naos, e quisera fazer huma fortaleza, mas pelos muitos inconvenientes, que a isso achou dasistio do negocio. Passado o inverno se fez a vella perá India, com tenção de outra vez dar em Adem, em cujo porto achou algumas naos, e gelvas, varadas em terra, junto com o muro das quaes tiravão a frota mui a meude, com bombardas, e o mesmo faziam da ilha de Cira, e do alto da serra com hum trabuco. No qual porto Afonso Dalbuquerque esteve quinze dias por lhe o tempo não servir, em que nam fez mais que receber tiros de bombardas dos da cidade, e elles da nossa armada, sem poder queimar as naos de mouros que estavam no porto, ao que mandou Ioão Teixeira com obra de cem marinheiros, e homens darmas, por os capitães, e fidalgos o não quererem fazer, polo perigo que nisso avia, no que Ioão Teixeira nam fez nada. Com tudo o baluarte do molde foi tomado, e mortos alguns mouros dos que o guardavam do qual esses dias que Afonso Dalbuquerque depois esteve no porto, se fez com a artelharia muito damno a cidade, donde se partio aos quatro dias do mes Dagosto, sem passar cousa que de contar seja ate chegar a Dio, onde depois de surto, o mandou visitar Miliquiaz ca-

pitão, e governador da cidade por el Rei de Cambaia, offerecendosse a fazer tudo o que lhe delle comprisse: entre os quaes ouve muitos recados de cortesia, e offerecimentos, cheos denganos, porque atençam de Afonso Dalbuquerque era tomar a cidade ou pelo menos prender Miliquiaz, e a de Miliquiaz era de lhe fazer o damno que podesse, se pera isso vira tempo. Entre estes recados, o em que Afonso Dalbuquerque mais insistio foi, que desejava de se ver com elle no mar, do que se elle excusou com boas palavras, pelo que Afonso Dalbuquerque sem mais sperar, avendo ja seis dias que alli chegara, se fez avella caminho da India, a quem logo Miliquiaz seguio com mais de oitenta navios de remo bem esquipados, e artilhados, mandando diante hum bargantim fazerlhe saber que o hia visitar, ao que Afonso Dalbuquerque respondeo, que sua vista seria para elle de muito gosto, e contentamento, que o podia fazer sem nenhum receo, com a qual segurança Miliquiaz chegou a bordo da capitania, em huma fusta pequena, que elle mesmo governava, donde Afonso Dalbuquerque da nao, e elle da fusta se fallaram, e fezeram grandes offerecimentos mandando Afonso Dalbuquerque em presente a Miliquiaz, no batel da nao, quatro mouros, que trazia captivos, de que elle mostrou levar muito contentamento, por serem pessoas calificadas. Isto acabado Miliquiaz se tornou pera Dio, e Afonso Dalbuquerque fez sua derrota pera Chaul onde foi mui bem recebido de Nizamaluco, que alem de lhe mandar refrescos pera toda a frota, pagou sem nenhuma deficuldade as pareas que devia, no qual lugar achou Tristão de Ga, com reposta dos negocios que o mandara el Rei de Cambaia, e cartas de Miliquigupi, pessoa principal naquelle regno, e muito valido com el Rei, e amigo dos Portugueses, a

reposta del Rei era, que dava licença a Afonso Dalbuquerque pera mandar fazer huma fortaleza em Dio, pera mor segurança do que mandou com o mesmo Tristam de Ga hum seu embaixador com cartas de crença. De Chaul foi Afonso Dalbuquerque ter a Danda, que he de Nizamuluco, onde tomou huma nao de Mouros do Cairo, que hia pera Iudá, em que achou tres mil quintaes de pimenta, e gengivre do qual lugar de Danda foi ter a Dabul, e dahi a Goa, sem de toda esta viajem tirar outro fruto que o de seis naos que tomou, que hiam carregadas despeciarias pera Iudá, das quaes deu duas a el Rei de Calecut, que lhas mandou pedir, dizendo que eram de seus vassallos, no que consentio por conservar com elle as pazes, que deixara assentadas, e se fazer a fortaleza que per dilações do mesmo Rei, e conselho de alguns Portuguezes que queriam mal a Afonso Dalbuquerque ainda não era começada, como ficara ordenado quando se elle partio para o mar de Arabia. Estando em Goa veo ter com elle Fernão Perez Dandrade, de quem soube o que passara em Malaca, e do desbarato de Pateonuz. Vieram tambem alli de Cochim Ioão de Sousa de Lima, que este anno de mil, e quinhentos, e treze partira de Portugal perá India com tres naos, de que era capitão, e os outros dous capitaens erão Henrrique Nunez de Leam, e Francisco Correa, que se perdeo nas ilhas de S. Lazaro, e se afogou depois em hum batel no porto de Melinde, o qual Ioão de Sousa, e Henrrique Nunez que com elle viera a Goa despachou logo pera Cochim a fazer sua carga, com outras naos que aquelle ano mandou pera o regno. Estando ainda Afonso Dalbuquerque em Goa lhe veo hum embaixador del Rei de Narsinga, da qual embaixada o principal ponto era sobre os cavallos que vinhão a Goa, que lhos

desse todos per preço honesto, e que ao Çabaim dalcão não desse nenhuns, o que fazendo seria sempre muito amigo del Rei dom Emanuel, e favoreceria todas suas cousas assi na paz como na guerra, mas nisto senão tomou assento, pelo que Afonso Dalbuquerque despedio o embaixador com alguns presentes pera el Rei de Narsinga em lugar doutros que lhe por elle mandara. Estando ainda em Goa soube que era fallecido o Çamorij Rei de Calecut, e que succedera no regno o principe Naubeadarim, que era grande amigo dos Portugueses, do que Afonso Dalbuquerque foi mui ledo, esperando que nam averia duvida no fazer da fortaleza, e que ha paz seria certa com Naubeadarim, pois em sendo Principe a desejara sempre. Pelo que logo assentou com elle as pazes, antes de se partir de Goa, e se começou a fortaleza em Calecut, e sobrisso, e confirmação das pazes, mandou o mesmo Rei de Calecut dous embaixadores a el Rei dom Emanuel. Os pontos principaes da qual paz foram, que elle consentia no fazer da Fortaleza, assi como se assentara vivendo el Rei seu tio e que daria cadanno dez mil bahares de pimenta pelos preços de Cochim a troco de todas as mercadorias, dos quais bahares de pimenta tem cada hum tres quintaes, tres arrobas, e dezoito arratens, e de qualquer outra mercadoria quatro quintaes, e que por pareas, e tributo daria cadanno a el Rei dom Emanuel a ametade da renda dos seguros das naos, pagures, e paraos, que era hum grande tributo, porque tal nao avia que pagava dous, e tres mil favoens douro dos quaes favoens douro dezoito valem hum pardao douro o qual pardao douro val da nossa moeda trezentos, e sessenta reaes, e que alem de tudo isto era contente de restituir a fazenda que se tomara del Rei, quando matarão Aires Correa. O que assim con-

cluido Afonso Dalbuquerque se foi de Goa a Cananor, onde se deteve alguns dias pera poer ordem em desmanchos que achara feitos, alli veo ter com elle Gaspar Pereira secretario das cousas da India, que lhe não tinha boa vontade, e lhe apresentou huns capitulos que el Rai mandara, assim a requerimento do mesmo Gaspar Pereira, como doutras pessoas que desejavam ver Afonso Dalbuquerque fora do governo da India, dos quaes o mais substancial era sobre negocios de Goa, se seria bem sostela, ou deixala no qu' ouve muitos debates, e varios pareceres, mas os mais foram que se sostivesse, como se ategora fez, com muito louvor, e honra destes regnos, e exalçamento de nossa sancta Fe. De Cananor se foi Afonso Dalbuquerque a Cochim, onde achou el Rei agravado delle por respeito das pazes que fezera com o de Calecut, mas Afonso Dalbuquerque lhe deu taes razoens de que ficou satisfeito, e porque por parecer de todolos capitães, e fidalgos, e officiaes que estavam em Cochim, foi assentado que cumpria a serviço del Rei, ir Afonso Dalbuquerque invernar a Goa, o fez, deixando em Cochim dom Garcia de Noronha seu sobrinho pera tambem prover nas cousas necessarias, e despachar as naos que este anno aviam de tornar pera o regno, que foram seis, de que eram capitães Ioam de Sousa de Lima, dom Ioam de Lima, Antonio Dabreu, Emanuel de Lacerda, Henrrique Nunez de Leão, e Balthasar da Sylva.

CAPITULO XLV

Da vinda de dom Ioam de Lancastre filho do mestre de Santiago a corte.

Pois na primeira parte desta Chronica dixe da vinda dos filhos do Duque dom Fernando de Bragança a estes regnos, bem he que diga da vinda de dom Ioam de Lancastre filho do Mestre de Sanctiago, filho del Rei dom Ioão segundo a corte, pois estas casas ambas procedem do real sangue dos Reis destes regnos, e porque esta do mestre dom George de Lancastre descende do costado do Infante dom Pedro, filho del Rei dom Ioão primeiro do nome, a quem por suas grandes proezas chamamos de boa memoria, antes que venha ao sobre que fundei este capitulo, tratarei alguma cousa do dito senhor Infante, e da honrrada, e nobre progenia que do seu real sangue ate agora permanece. Este inclito Principe foi Duque de Coimbra, senhor de Monte mor o velho, e Daveiro, e regente destes regnos, em quanto el Rei dom Afonso quinto, seu sobrinho, filho del Rei dom Duarte, seu irmão, não teve idade para os governar. Foi casado com dona Isabel filha de dom Iaimes, conde Vrgel, grande senhor, da casa, e real sangue dos reis Daragão, da qual senhora ouve dom Pedro, filho mais velho, que foi rei Daragam, e dom Iaimes que foi Cardeal, e jaz sepultado em Florença, e dom Ioam que foi Rei de Chypre, casado com dona Carlota filha erdeira del Rei dom Ioão Rei do dito regno, e dona Isabel que foi rainha de Portugal molher do sobredito Rei dom Afonso, e dona Beatriz que casou em Flandes com Adolpho senhor de Ra-

bastein, irmã de dom Ioão Duque de Cleves, e dona Phelippa, que não casou, e fez sua vida no mosteiro de Odivellas. Deste casamento del Rei dom Afonso com a Rainha dona Isabel nascerão o Principe dom Ioão, que foi casado com a Rainha dona Leanor filha do Infante dom Fernando, irmã do dito Rei dom Afonso, e a Infante dona Ioanna que acabou em habito de freira no mosteiro de Iesu Daveiro, da ordem de São Domingos. O qual Principe dom Ioão, que foi Rei destes regnos, segundo do nome, neto do Infante dom Pedro sendo Principe, e casado com a Princeza donna Leanor, ouve hum filho de dona Anna de Mendonça, dama que andava em casa da Rainha, dona Ioanna de Castella, e de Leam, esposa del Rei dom Afonso, pai do dito principe, a qual desempossada de seus regnos pelos Reis, dom Fernando, e Rainha dona Isabel vivia em Portugal com titulo de Excellente senhora. A este filho do Principe dom Ioão chamarão dom George, que foi nestes regnos mestre das ordens da cavalleria de Sanctiago, e de Avis, Duque de Coimbra, e senhor de Montemor o velho como tenho dito na Chronica do mesmo Principe dom Ioam. O qual dom George foi casado com dona Beatriz de Vilhena, filha de dom Alvaro, irmão de dom Fernando Duque de Bragança, e de dona Phelipa, filha de dom Rodrigo de Mello, Conde de Olivença, como fica apontado no capitulo quarenta, e cinco da primeira parte desta Chronica. Este dom Alvaro foi homem pacifico, e de muita substancia, e mui fora de rebuliços, pelo qual respeito o Duque dom Fernando seu irmão, nem os que entrarão na conjuraçam feita contra el Rei dom Ioam, lhe não ousarão descobrir o erro em que os o demonio trazia cegos, do que el Rei sendo bem informado o não mandou prender, estando elle no paço a noite que

el Rei mandou prender o Duque seu irmam, mas o mandou na mesma noite para sua casa, e molher que então estava na cidade Devora onde este caso aconteceo, o qual esteve depois alguns dias no regno, donde se ausentaram seus irmãos por este caso. E porque elle sentio muito este negocio por se lhe passar a dor, paixão, e vergonha que disso com razão tinha (dizem que dezia elle que pera se descorrer, com andar algum tempo fora do regno) pedio licença a el Rei pera ir a Hierusalem em romaria, o qual requerimento lhe el Rei dilatou o mais que pode, mas vendo que insistia nelle lho concedeo, com condição, que não entrasse na corte de Castella, nem na de Roma, nem se detivesse em Veneza. Partido dom Alvaro fez seu caminho de vagar per Castella, de maneira que pareceo a el Rei manha, e logo lhe screveo que elle via quão de vagar caminhava, que soubesse que se entrava na corte de Castella, como lhe tinha mandado que não fezesse, que lhe mandaria confiscar todos seus bens, que elle tinha em Portugal, ao que dom Alvaro respondeo, que em quanto sua Alteza lhe não posera outra pena senão so mandando, elle o não passara por cousa nenhuma do mundo, mas que pois lhe mudava a pena na fazenda, que fezesse sua Alteza nisso o de que fosse servido, que dos bens fazia pouca conta, e que elle se ia ver com a Rainha donna Isabel, porque ella lhe tinha rogado per suas cartas que não se fosse de seus regnos sem a ver, e lhe fallar, o que elle nunca quisera fazer, mas que pois assim era, sua Alteza lhe mandasse sua molher, e filhos. E a Rainha, cujo primo com irmam dom Alvaro era, e el Rei dom Fernando seu marido folgarão muito com sua vinda, e lhe fezerão muita honrra, e se servirão delle em negocios de muita calidade, e o trataram como pessoa tam conjunta a seu sangue co-

mo elle era, e quando lhe el Rei deu licença que se fosse sua molher, e filhos, mandou primeiro dizer ao Conde de Olivença, que pois seu genrro levava sua molher, e filhos fora destes regnos, que elle desejava que ficasse nelles a quem lhe galardoasse seus serviços, que lhe rogava que fezesse com sua filha que lhe deixasse alguma sua filha em sua casa, a que elle daria, e avia por dada toda sua casa, e fazenda que tinha da coroa, fello o Conde assim. E esta sua neta, filha de dom Alvaro que ficou nestes regnos em casa de seu avo, foi donna Beatriz de Vilhena, a qual per morte do Conde, el Rei mandou trazer pera casa da Rainha donna Leanor sua mulher, como no capitulo ja apontado fica dito, e depois do falecimento del Rei dom loão, el Rei dom Emannel, e a Rainha donna Leanor sua irmã a casarão com dom George mestre de Santiago, e de Avis, e lhe derão as mais das terras que forão do Infante dom Pedro, a que chamam terras do Infantado de Coimbra, como lhe el Rei seu pai deixou em seu testamento, que ate então nam teve outro titulo senam o só nome de dom George, e por a casarem tão honradamente e com tal pessoa, ouveram por bem que ella renunciasse a merce que lhe tinha feita a el Rei dom Ioam da casa do Conde de Olivença seu avô, em dom Rodrigo de Mello seu irmam, que depois foi Conde de Tentugal, e Marquez de Ferreira, e Alcaide mor de Olivença, como se no contrato do casamento per extenso contem. Desta donna Beatriz ouve o mestre dom George filhos, e filhas como tenho dito no derradeiro capitulo da Chronica do mesmo Principe dom Ioam seu pai, e o primeiro filho foi dom Ioam Duque Daveiro, e senhor de Montemor o velho, e o segundo dom Afonso, e dom Luiz, e dom Iaimes Bispo de Septa. Guardei este negocio de dom Alvaro para este capitulo, pera se

ajuntar a estas cousas, por me parecer logar mais conveniente que nenhum outro, para dar testimunho do que verdadeiramente toca a sua honrra, e limpeza, e das nobres casas que delle, assi em Portugal como Castella descendem, que em Potugal he por baram o dito Marques de Ferreira, cujo filho he dom Francisco de Mello Conde de Tentugal, e neto dom Alvaro de Mello, filho do primeiro filho do dito Marques, que morreo em vida do pai que tambem avia nome dom Alvaro de Mello, e por filhas, vem a casa do Duque Daveiro, e seus irmãos, e a do Conde do Vimioso, e dos seus, e a do Conde de Portalegre, e a do Conde do de Mira, e em Castella tambem por filha, a do Duque de Bejar, e do Marques de Ayamonte seu irmam, e do Duque de Medinacidonia, e dum filho segundo do dito dom Alvaro, a que chamam dom George a casa dos Condes de Jelves junto de Sevilha. E tornando a nosso proposito, dom George Duque de Coimbra, e senhor de Monte mor o velho, mestre de Sanctiago, e de Avis, era bisneto do Infante dom Pedro, e neto da Rainha donna Isabel sua filha, e filho bastardo del Rei dom Ioam o segundo, e delle descenderão os que temos dito, o qual no anno do Senhor de M. D. xiii, veo a corte a cidade de Lisboa, e trouxe consigo dom Ioam seu filho primeiro, por os outros seus filhos nam serem de idade pera virem a ella, e foi o dito dom Ioam com el Rei a Syntra mui bem acompanhado, no tempo que o Duque dom Iaimes de Bragança era em Africa a tomar Azamor, como se no capitulo seguinte dira, e esta so memoria fica em Portugal ate hoje do Infante dom Pedro, e del Rei dom Ioão o segundo seu neto.

CAPITULO XLVI

De como el Rei mandou dom Iaimes Duque de Bragança sobela cidade Dazamor, e do que se nisso passou ate la chegar.

MUITO antes da tomada de Çafim por el Rei dom Emanuel continuar nas pazes, e amizade que el Rei dom Ioam segundo seu primo assentara com os mouros Dazamor, teve sempre naquella cidade criados seus, homens nobres de que confiava, dos quaes foi hum Rui Gil Magro, que la mandou no anno de M. D. iii, os outros foram Ioam Lopes, e Diogo Dalcaçova, que continuram ate o anno de M. D. xii, todos tres cavalleiros de sua casa por meo dos quaes, e de hum Rabi mor dos judeus, per nome Rabi abraham, os da cidade, per suas cartas, e contratos feitos, com consentimento de Molei zeyam de quem ja tratei nesta Chronica, se sobmeterão a obediencia del Rei, polos defender, como seus vassallos, e lhe deixarão fazer humas casas fortes, em humas que o mesmo Molei zeyam deu suas, pera se nellas recolherem os Portugueses que naquelle tempo tinham grande trato na cidade, alem disso se obrigaram, por contrato feito no anno de M. D. x. a lhe pagarem cadanno de tributo dez mil saveis escalados, e que os Portugueses que fossem a essa cidade nam pagassem ancoragem de seus navios, nem outro nenhum direiio das mercadorias que levassem no que o dito Molei zeyam consentio, por se assegurar dos mesmos cidadões, de que a mor parte lhe tinham odio, pelas tyrannias que com elles usava, depois que o receberam por senhor, desdo tempo que dom Ioam

de Meneses foi sobre esta cicade, e pera fazer milhor seu caso, e se sanear com el Rei do erro, que cometera em lhe fazer a despeza desta armada, prometendo de lhe dar a cidade, e depois de la ser, se concertar com os governadores della, mandou a Portugal hum seu secretario per nome Azmedebem alleu com huns capitulos de pazes a el Rei pera que as confirmasse, de que a substancia era, que fossem amigos de amigos, e imigos de imigos, e que el Rei tivesse os de Azamor seguros de nenhum Christam lhes ir sobre sua cidade, nem lhes fazer mal, e que estas pazes, e amizades fossem juradas por spaço de vinte annos. Mas porque depois o mesmo Molei zeyam as quebrantou, contra vontade da mor parte dos moradores, e principaes da cidade, per cujo respeito os Portugueses se sairão della determinou el Rei no anno de M. D. xiii. mandala tomar, pera ho qual negocio, elegeo dom Iaimes seu sobrinho Duque de Bragança, pela muita confiança que delle tinha, e experiencia da sua prudencia, e saber, ordenandolhe pera isso huma grossa armada, que se fez em Lisboa, em que averia entre naos, navios, caravellas, taforeas, e barcaças, mais de quatrocentas velas, e afora a gente do mar dezoito mil homens de pe, de que os quinze mil hiam a soldo del Rei, e os tres eram do Duque de Bragança que fez vir de suas terras, onde antes que viessem lhes mandou ensinar o modo da ordenança, per Gaspar Vaz, Pero de Moraes, e Ioam Rodriguez que hia por capitam da guarda do mesmo Duque, e depois destes serem em Lisboa tomou ho Duque a custa del Rei de gente que andava solta mil homens, de que deu a capitania a Christovam Leitam, e os fez todos quatro coroneis de mil homens cada hum, aos quaes todos o Duque mandou dar a sua custa çalças, giboens, e gorras de panno branco, com cru-

zes vermelhas nos peitos, e nas costas, e aos coroneis, alferez, cabos descoadra, sargentos do campo, deu vestidos de seda, os quaes capitaens vinham per gyros, cada dia com os seus mil homens, dar mostra a el Rei, no terreiro dos paços da ribeira, onde faziam seus caracoes, cunhas, quadras, e coroas, em tam boa ordem como se o usaram per todo o discurso de suas vidas. Levou mais ho Duque quinhentos, e cincoenta de cavallo seus criados, e vassallos, em que entravam cem acubertados. A outra gente nobre que el Rei mandou nesta armada dos moradores de sua casa, passavam de dous mil de cavallo, e duzentos acubertados, afora a pionage que cada um destes levava. Os senhores, e pessoas principaes que hião nesta armada, debaixo da capitania do Duque, de que aqui ponho os nomes, sem na ordem delies poder guardar a cada hum o grao, e precedencia de suas nobrezas, foram, dom Ioam de Meneses, o mesmo que ja fora sobela mesma cidade, como fica dito, o qual se o Duque fallecera nesta viajem hia nomeado por capitam geral da armada, e avia de ficar por capitam do campo Rui Barreto, Alcaide mor de Faram, veador da fazenda do regno do Algarve, que hia provido de capitam, e governador da cidade dom Rodrigo de Mello Conde de Tentugal, dom Fernando de Faram, ambos primos com irmãos do Duque, dom Afonso filho herdeiro de dom Sancho conde do de Mira, dom Vasco Coutinho conde de Borba capitam Darzilla, e dom Bernardo seu filho, dom Frãcisco filho de dom Afonso Bispo Devora, que depois foi Conde do Vimioso, e veador da fazenda, homem em que ouve muitas partes, e calidades dignas de muito louvor, dom Luis de Meneses, filho de dom Ioam de Meneses conde de Tarouca, Priol do Crato, e mordomo mor del Rei, dom Henrique de Meneses, filho mais moço

do mesmo conde, Ioam da Sylva filho herdeiro Dai-res da Sylva, Regedor da casa da Supplicaçam, dom Aleixo de Meneses, filho do conde de Gantanhede, e sobrinho do mesmo dom Ioam de Meneses, que depois foi mordomo mor da Rainha donna Catherina, mo-lher del Rei dom Ioam terceiro, e agora he ayo del Rei dom Sebastiam seu neto, que Deos prospere, Aires Telez filho herdeiro de Rui Telez de Meneses, mordomo mor da Rainha dona Maria, Diogo Lopez de Lima, alcaide mor de Guimarens, dom Bernardo Emanuel camareiro mor del Rei, Luis da Sylveira que depois foi conde de Sortelha, e guarda mor del Rei dom Ioam terceiro, do nome, Ioam Rodriguez de Sa de Meneses alcaide mor da cidade do Porto, Rui de Mello Devora, dom Ioam Mascarenhas, capitam dos Ginetes, dom Emanuel Mascarenhas seu irmam, Henrrique de Betancourt, Francisco Dabreu, Anto-nio Dabreu seu irmão, Ioam Dornelas, Luis Datou-guia, Ioam Esmeraldo, e Christovam Esmeraldo seu irmão todos da ilha da madeira, dom Alvaro de No-ronha que depois foi capitam, e governador da mesma cidade, dom Ioam Deça, Ioam Gonçalvez da camara filho herdeiro de Simam Gonçalvez da Camara, capi-tam, e governador da ilha da Madeira, que nesta viajem foi com vinte navios, e seiscentos homens de pe, e duzentos de cavallo, de que os oitenta eram seus criados, encavalgados a sua custa, e os demais seus parentes, e achegados, que todos hião debaixo de seu guiam, e lhes dava de comer, assi a estes, co-mo a todolos fidalgos cavalleiros, e escudeiros, que queriam ir a sua mesa, dom Ioão Lobo filho herdeiro de dom Diogo Lobo baram Dalvito, veador da fazen-da, Pero Correa, que hia com cargo de veador da fa-zenda, pera prover em tudo o que cumprisse as despe-sas, e concerto desta armada, Martim Vaz Mascare-

nhas, Alvaro de Brito, Antonio da Cunha, George Barreto, irmão de Rui Barreto, dom Rodrigo Deça, Alcaide mor de Moura, Ioam Soarez, que depois foi capitam, e governador da mesma cidade, dom George Henrriquez que foi reposteiro mor del Rei dom Ioam terceiro, e depois seu caçador mor, Alvaro Carvalho senhor de Canas, senhorim e Carvalho, que depois foi capitam, e governador Dalcacer Seguer, dom Ioam de Castelbranco, alcaide mor, e comendador de Castelbranco, Diogo de Mendonça, alcaide mor de Mourão, Pero de Mendonça seu filho, Ioam Pereira senhor de Castrodairo, alcaide mor Darraiolos, e seu irmão Henrrique Pereira, Cristovão de Mello, Simam de Sousa do Sem, Ioam Brandam provedor das capellas, Lionel Dabreu senhor de Regalados, e Duarte Dabreu seu irmão, Gonçalo Pinto senhor da terra dè ferreiros, e tandães, alcaide mor de Chaves, Rui Vaz Pinto seu filho alcaide mor de Monforte, Garcia de Mello anadel mor, e capilão dos besteiros da faldrilha, Martim Teixeira de Villa Real, alcaide mor de Villa pouca, Ianafonso de Beja que foi veador da casa do Infante dom Luis, Fernam de Mesquita de Guimaraens, Francisco de Pedrosa adail mor, Francisco Coelho anadel mor dos espingardeiros, Pedrafonso Daguiar, a quem hiam encomendadas as cousas do mar, pela muita experiencia que dellas tinha, Rui Diaz Pão, Martim Calado de Setuval, Lopo Vaz Vogado Dalanquer, Aires Coelho de Tanger, Antonio Dalmada, Ioam Patalim, Rui Palha, que hia por capitam dos besteiros do monte de cavallo do Duquè, Sebastiam de Sousa, e Pero de Castro capitaens da guarda do Duque, Henrrique Pinheiro, Sebastiam Rodriguez Berrio, Pero Berrio, e Ioam Martinz Dalpoem seus sobrinhos. Os capitães da ordenança, como fica dito foram Gaspar Vaz, Pero de Moraes, Ioam Rodriguez,

Christovam Leitam, todos quatro mui esforçados cavalleiros, e bons soldados, de que deram manifestos sinaes em Italia onde muito tempo exercitarão a guerra, e teveram nella cargos, e officios honrados. A toda esta armada deu despacho dom Martinho de Castelbranco conde de villa nova de Portimam, e veador da fazenda, em espaço de quatro meses, e meo. Ordenadas'todalas cousas qne eram necessarias pera esta armada poder partir, el Rei foi ouvir Missa a Se, onde o Duque veo depois de el Rei la estar vestido de branco como os de sua libre, trazendo o seu alferez, a bandeira Real dobrada, a qual dom Martinho da Costa Arcebispo da mesma cidade benzeo sobelo altar de sam Vicente, e a entregou ao Duque, e o Duque a levou a el Rei, e el Rei lha tornou a entregar, com palavras de muito amor encommendandolhe que mui inteiramente fezesse, e cumprisse as cousas de Deos, guardando a todos justiça, com muito tento, e resguardo do que a hum tamanho negocio, como aquelle de que o encarregara cumpria. O que dito o Duque tornou a entregar a bandeira ao alferez, e naquelle dia depois de vespora veo com os capitaens da armada despedirse del Rei, e da Rainha, e do Principe, e Infantes, e se foi logo embarcar, mas por intervirem alguns negocios que o detiveram, esteve quatro dias diante da cidade, dormindo sempre na nao, e por caso destes negocios vinha as vezes a terra a falar a el Rei. O que tudo feito se partio, e foi lançar ancora em restelo, e ao outro dia em Bethelem, onde o el Rei veo ver a tarde a sua nao, e em el Rei se saindo desfirirão as velas, e por o vento ser escasso nam poderam passar de Sancta Catherina, donde ao outro dia, que eram xvij, dias do mes Dagosto, destanno de M. D. xiii. seguindo o Duque sua viajem foi lançar ancora na baia do

Faram, no regno do Algarve, onde se deteve ate os xxii dias do mesmo mes, em que acabou de recolher alguns navios com gente do mesmo regno, que o ali estavam esperando, e outros que o seguião, os quaes todos juntos, partio ao outro dia, que era segunda feira, vespora do Apostolo Sam Bartholomeu xxiij Dagosto, e ao sabbado seguinte, dia do Bemaventurado sancto Aurelio Augustinho, natural daquella provincia da Africa, foi surgir na barra do rio Dazamor. E por e tempo lhe ser contrario pera entrar pelo rio, foi desembarcar a Mazagam, que he duas legoas da barra per mar, e outro tanto por terra ate Azamor, onde desembarcou sem nenhum perigo, nem resistencia. Ali esteve tres dias concertando, e poendo em as cousas que cumprião pera per terra ir poer cerco a cidade, nos quaes tres dias vinham mouros aventureiros dos questavão em Azamor, de noite dar nas faldras do nosso campo, de que levarão cavallos, e feriram, e mataram alguns Christãos que acharão desmandados, sem nunca ousarem de chegar ao forte, posto que por huma vez viessem de dia alguns dos cheques, e capitaens principaes, com cinco mil de cavallo, e sete mil de pe, com tenção de darem batalha, mas vendo o arraial, e boa ordem que o Duque tinha nelle, se tornaram perá cidade, onde deram taes novas, que logo se começou de despejar das pessoas que nam eram pera a poderem defender.

CAPITULO XLVII

Do sitio Dazamor, em que se trata dos barbaros, e Arabes que habitam na quella provincia, e de como o Duque entrou na cidade pacificamente, e do que mais fez ate se tornar para o regno.

Pois tenho dito da grande preparaçam que el Rei fez pera mandar sobresta nobre cidade, parece razam que trate alguma cousa do sitio, e antiguidade della, a qual, segundo dizem os escriptores Arabios, foi edificada pelos Africanos, na quella parte, e Provincia que se chama Aduecala, na costa do mar Oceano Athalantico, apar da boca de hum rio navegavel, a que os mouros chamam Ommirabih. Era no tempo que a o Duque tomou de grande cerca, quadrada, de muito trato, habitada de muita gente nobre, mercadores, e outra popular, em que averia mais de cinco mil fogos, sem os dos ludeus, que serião quatrocentos. A gente era polida, e bem ataviada, assi homens, como molheres, e mui dados a viços. Residião nella muitos mercadores Portugueses de que tomaram a policia do edificar, e modo de viver, a comarca he mui fertil de pam, e criações. Tinha esta cidade cadanno de renda somente das pescarias dos saveis, caçoens, e outros peixes, a que chamam Tazartes, que em levante tem a mesma valia dos atuns, sete, e oito mll cruzados. Era divisa em duas cabeceiras, com tudo governavasse sem divisoens, nem desconcertos, o que se poucas vezes acostuma em lugares pequenos, quanto mais em tamanhas cidades, e tam ricas como esta era. Desta provincia de Aduecala, os principaes lugares sam,

Çafim, Tite, Almedina, e Azamor, que todos com os mais estiveram a obediencia del Rei dom Emanuel, os habitadores dos lugares cercados, sam mouros de nação, naturaes da terra, a que chamão Barbaros o qual nome tomam da provincia de Africa, chamada Barbaria que he esta em que estes tambem vivem, com outras muitas. Os outros que sempre andam no campo se chamam Arabes, e dizem que estes vieram de Arabia, e se fezeram senhores da terra, os quaes sam mais guerreiros, e poderosos que os que vivem nos lugares cercados. Destes Arabes a na Aduecala tres linhagens, a que chamam Xerquia, Abida, e Garabia das quaes ha da Xerquia se parte em seis tribus, a que chamam Cabildas, sc. Vleidambram lithali, que he a principal, em que entam avia mil e quinhentos de cavallo, e trinta mil de pe, e cento, e cincoenta aduares, e o aduar se chama a povoaçam de numero de cincoenta, e sessenta ate cem tendas, e todos estes aduares juntos se chamam alheilá.

A segunda se chama Oledambrão discani, em que avia mil de cavallo, e vinte mil de pe, em cem aduares.

A terceira cabilda se chama Vleidaquo, em que avia oitocentos de cavallo, e quinze mil de pe, em oitenta aduares.

A quarta Zubetos em que avia seis centos de cavallo, e dez mil de pe, em sessenta aduares.

A quinta Vleidebuazis em que avia setecentos de cavallo, e quinze mil de pe, em setenta aduares.

A sexta Vledefarax em que havia quatrocentos de cavallo, e cinco mil de pe, em trinta aduares.

Nas outras duas linhagens de Abida, e Garabia avia então quatro mil de cavallo, e quarenta mil de pe, em duzentos aduares, os quaes sendo dantes inferiores aos de Xerquia se fezeram mais poderosos

que elles depois da tomada de Çafim por serem vassalos, e favorecidos del Rei dom Emanuel. Do rio Daguz contra o Sul, e meo dia esta aterra de Xiatima, em que a muitos Arabes, e do rio Dazamor ate o de Çale se chama a terra Iemecena, ou Enxovia, os quaes se chamam todos Arabes, que assi huns como os outros diferem alguma cousa da lingoagem dos Barbaros. Mas tornando ao que toca a guerra, tanto que as novas da ida do Duque forão divulgadas, os Dazamor se fortalecerão o milhor que poderão, assi de muniçoens, como de gente, de modo que quando a nossa armada chegou diante do porto avia na cidade, e fora della muita gente de guerra, de que os capitães, e pessoas principaes, erão Moleizeyão senhor da cidade, que andava no campo com huma grossa companhia de gente de pe, e de cavallo com dous seus filhos homens a tençam de dar batalha ao Duque. Da cidade era capitam cide Mançor, a quem Moleizeyam dera disso o cargo, homem em que os mouros tinham mui grande fe por ser mui arriscado cavalleiro, e com elle hum seu irmão, e assi estava na cidade, Alesemão senhor da villa de Targa, e outros capitães, e gente nobre vieram ao socorro: contra a qual cidade, estando nesta ordem o Duque abalou de Mazagão ao primeiro dia do mes de Septembro, deste anno de mil, e quinhentos, e treze, com todo seu exercito ordenado, como convinha, tendo ja mandado Pedrafonso Daguiar com a armada ao rio Dazamor, pera que com os navios pequenos entrassem por elle arriba, aos quaes fez passar a mor parte da artelharia, e munições de guerra necessarias pera o combate, em cuja companhia mandou Garcia de Mello Anadel mor e capitão dos besteiros da faldrilha, pera irem queimar algumas jangadas, e caniçadas de palha, breu, e alcatram que os Mouros ti-

nham feitas pera lançarem pelo rio abaixo, o que assi fezeram antes de o Duque chegar a cidade, passando com os navios per diante della, posto que lhe lançassem muitos tiros de fogo, e pilouros de bombardas. Seguindo o Duque seu caminho alguns mouros de cavallo vieram cometer o Adail Francisco de Pedrosa, que hia diante descobrindo o campo, e a escaramuça se travou de maneira, que foi necessario acudir a isso dom Ioam de Meneses, com alguma gente de cavallo, da que levava na vanguarda que lhe o Duque deu a cargo. Mas os Mouros recrecerão tanto, que foi necessario mandar o Duque o Conde de Borba, cunhado do mesmo dom Ioam, com mais gente, aos quaes porque os mouros carregavam sobrelles, o Duque em pessoa acudio, com alguns poucos de cavallo, levando diante um esquadrão de gente de pe, de que era capitão Gaspar Vaz, que se meteo entre os Christãos, e os Mouros, e posto que o esquadrão fosse delles cometido com muito esforço o não poderão entrar, no que estiverão ate ser noite, em que se departiram todos, sem aver da nossa parte outra perda, que de seis cavallos, e sair da pelleja ferido em hum de dom Bernardo Coutinho, filho do Conde de Borba, e Rui Diaz Pao no rosto, dos mouros ficarão mortos no campo dez, entre os quaes morreo hum mui bom cavalleiro, per nome Cide Aço, que em outro tempo fora grande servidor del Rei dom Emanuel. Mas com quanto esta escaramuça nam cessava, nem por isso o exercito deixava de fazer seu caminho na ordem, em que partira de Mazagam, ate chegar a Azamor, onde se aquella noite lojou de longo do rio, defronte donde os nossos navios estavam ancorados. Ao outro dia pela manhãa mandou o Duque tirar em terra alguma artelharia grossa, e outros petrechos pera dar combate, no que se traba

lhando, sendo ja horas de meo dia, tres esquadroens de muita gente de cavallo dos Mouros se vieram poer a tiro de bombarda do arraial, dando mostra de quererem pelejar: o que vendo o Conde de Borba pedio licença ao Duque pera lhes sair, mas per respeitos que aisso teve lho nam quis consentir, porque seu intento era mais em tomar a cidade, que nam em cometer cousa, que lho podesse estorvar, pelo que os Mouros se foram sem ousarem de chegar mais perto do arraial do que estavam. Tirada a artelharia em terra, e as mais cousas que cumprião pera o combate, o mandou o Duque dar, per conselho de dom Ioam de Meneses, posto que fosse contrariado dalgumas pessoas, pera o que elegeo dom Luis de Meneses, e George Barreto com a gente do Algarve que era de suas capitanias, e a Ioam da Sylva com a gente do Bispo do Algarve dom Fernando Coutinho seu tio, e por capitão delles todos dom Ioam de Meneses que dava ordem a tudo o que compria, e mandava fazer a cada hum o que era necessario, no qual combate, posto que as mantas estivessem postas ao muro, e lho os nossos ja começassem de picar per baixo dellas, os mouros se defendiam como mui esforçados cavalleiros, ferindo alguns dos nossos com tiros darremesso, e panellas de breu, alcatram e outros materiaes que lançavão de cima do muro. Durando assi o combate, ja sobela tarde andando Cide Mançor, capitam da cidade, que alli tinha Moleizeyam, como seu soldado, animando os seus sobelo muro lhe derão do nosso campo com hum tiro de bombarda pelos peitos, de que cahio morto, cuja morte foi causa de os de dentro darem logo huma grande grita de choro, e pranto, que os nossos ouviram, pelo que naquella noite despejarão a cidade, sem quererem esperar o segundo combate, e foi tanta a pressa ao

sair, que nas portas morreram abafados mais de oitenta pessoas. Despejada assi a cidade, sendo ainda noite, hum Iudeu de naçam Portugues, per nome Iacob Adibe, dos que se foram deste regno, que ahi era morador, chamou derriba do muro Diogo Berrio, de quem atras fiz mençam, que estava na frota, e lhe pedio seguro pera ir fallar ao Duque, ho qual Iudeu em chegando se pos em geolhos, pedindolhe seguro de sua vida, e fazenda, e assi tambem de todolos Iudeus que viviam em Azamor, por alvisaras das novas que lhe trazia de ser a cidade despejada. O Duque fez alevantar o Iudeu, e postos os geolhos no chão, e as mãos, e os olhos alevantados pera o ceo, deu graças a nosso Senhor Iesu Christo, pela grande merce que lhe fezera de ganhar huma tal, e tão nobre cidade, sem perda dos que com elle hião, e ao Iudeu consedeo o que lhe pedio, e em amanhecendo mandou a Ioam Soarez, Rui de Faram, e Sebastião Pequeno seu criado, que entrassem na cidade, e com elle o corregedor, pera defender os Iudeus que os nam roubassem, e lhes dixe que fezessem logo poer pellas ameas do muro, e torres da cidade bandeiras das armas, e insignias do regno, em sinal de victoria, e que repartissem os apousentos, e na mezquita mor mandasse consertar hum altar para se nelle dizer naquelle dia Missa, a qual com ajuda de Deos elle seria presente. O que assi feito o Duque entrou na cidade com a companhia que pera isso ordenou, e fez logo consagrar a mezquita, a que pos nome de advocação do Spiritu sancto, donde ouvida a Missa, se foi apousentar, nas principaes casas que avia na cidade, e assim o fezeram tambem os outros que com elle entrarão o milhor que cada hum pode, na qual o mais do despojo que se achou, forão algumas bombardas que os Mouros nam poderam levar, e muito

trigo posto em cousas, e muitos saveis escalados. Do qual despojo, o mais honroso foram dous sinos de obra de dous palmos em alto, que se acharam na mesma mesquita, que ficaram naquella cidade do tempo que fora de Christãos. Sabida pelos moradores das cidades de Tite, e Almedina a tomada Dazamor as despejarão de todo, do que certificado o Duque, mandou tomar posse da de Tite, e Nuno Fernandez Dataide capitam, e governador de Çafim a foi tomar de Almedina, posto que naquelle tempo pagava pareas a el Rei dom Emanuel, onde achou grande somma de trigo, e cevada, e deu della acapitania a Cide Iheabentafuf, de que lhe tomou a menajem em nome del Rei, e deu salvo conduto a todolos que della sairam, pera se tornarem, pagando seu tributo, como dantes, e para mor segurança de nam rebelarem, mandou derribar dous lanços de muro, hum da banda Dazamor, e outro da parte de Çafim, e a cidade se tornou a povoar, e a ser mais prospera do que o dantes era. As novas de todas estas cousas recebeo el Rei per cartas do Duque de Bragança, estando em Syntra, elle, e a Rainha donna Maria sua mulher, com as quaes se fezerão na corte, e per todo o regno grandes festas, e procissoens, dando graças ao senhor Deos pelo prospero successo desta viagem, do que logo el Rei escreveo as novas ao Papa Leão decimo, per cujo respeito mandou fazer dentro em a cidade de Roma huma solemne procissam, e dixe Missa em Pontifical na qual ouve pregação, em que se dixeram muitos louvores del Rei dom Emanuel, e dos Portugueses, por quam continos eram na guerra, por exalçamento de nossa sancta fe catholica. Depois do Duque ter assossegadas, e assentadas as cousas que cumpriam a cidade, e recebidos alguns Mouros a obediencia del Rei dom Emanuel, e assi

dos de pazes que tambem andavão alevantados, como doutros que lha vieram pedir, determinou de fazer huma entrada nas terras da Enxovia, e tudo isto por vingança das principaes cabildas lhe virem pedir paz em nome de toda a provincia, e de Alebemmume senhor delles, e depois de assentadas as nam quererem guardar, pera o que sahio Dazamor aos xxvi dias do mes Doutubro e correo toda a terra da Enxovia sem achar mais que hum Aduar muito pobre de ate duzentas almas, o qual depois de tomado tornou asoltar, o que lhe foi muito louvado. Feita esta entrada, e ganhada a grande honrra e fama que o Duque alcançou nesta tambem afortunada viajem, constrangido da dor e empacho que lhe dava huma apostema que lhe nasceo entre as coxas, que o impedia poder andar a cavallo, se tornou pera o regno, deixando quasi todos seus na cidade, e toda a sua casa encommendada a dom Francisco seu primo que depois foi Conde do Vimioso, filho de dom Afonso Bispo Devora, na mesma ordem como se elle em pessoa fora presente, o que assentado se foi a Mazagam, donde partio pera o regno, aos vinte, e hum dias de Novembro, sem trazer mais que dous navios, com que chegou a Tavira no regno do Algarve, e dahi a Almeirim, onde el Rei dom Emanuel estava com a Rainha, dos quaes, e de toda a corte foi mui bem recebido.

CAPITULO XLVIII

De huma entrada que dom Ioam de Meneses, e Rui Barreto fezeram em terra de mouros sobre duas aldeas que tomaram.

PARTIDO o Duque de Bragança Dazamor pera o regno entre dom Ioam de Meneses que ficava por capitam do campo, e Rui Barreto que era capitam da cidade, ouve algumas diferenças sobre a parte que a cada hum tocava, acerca de seu cargo, do que separadamente davam conta per suas cartas a el Rei, das quaes entendia bem que cada hum delles, e assi Nuno Fernandez Dataide, querião antes perder a honrra de serem juntamente vencedores, que dar parte de qualquer victoria que lhes Deos desse a nenhum dos outros. Com tudo, assi Nuno Fernandez como dom Ioão, e em sua companhia Rui Barreto faziam entradas per terra de Mouros, de que traziam prezas mas porque as atras depois da tomada de Azamor ate esta de que agora farei mençam forão de pouca sustancia, tratarei della particularmente. Assi que sabendo dom Ioão de Meneses per suas espias, que os moradores das aldeas de Benacafiz, e Tafuf, situadas na terra da Xerquia, a quinze legoas Dazamor, de longo do rio estavam muito descuidados de os nossos os irem buscar, partio da cidade no mes de Fevereiro, de mil, e quinhentos e catorze, hum sabado a boca da noite, com mil, e duzentas lanças, e mil homens de pe besteiros, e espingardeiros donde foram amanhecer sete legoas, e alli estiverão em folga, ate o meo dia. Deste lugar

foram ter em se poendo o Sol a serra verde, que começa do rio Dazamor ate acabar nos coles de Hafara, no qual monte habitão muitos Ermitãos mouros que fazem estreita vida, e separada de toda conversaçam, comendo somente hervas, e fructas que da aquella serra, que he toda cuberta, e cercada de arvoredo, e muito fresca per caso de muitas fontes, e lagos que nella ha. Dalli partirão na vela dalva, pera darem naldea de Benacafiz, que esta duas legoas mais adiante onde chegaram em amanhecendo, a qual he assentada sobre hum monte redondo, e posto que os moradores se defendessem assaz bem a tomaram sem perigar nenhum dos nossos, e captivarão cento, e oitenta almas, porque as mais se salvaram lançandosse pelas barrocas, que hião da villa ter ao rio, no qual se afogarão muitos, e outros se salvarão a nado. Ganhada esta aldea, e tirado o despojo, que se nella achou, lhe mandaram poer o fogo de que ardeo toda. E quanto a outra aldea de Tafuf, dom Ioão mandou do caminho, antes de chegar a Benaçafiz dom Bernardo Emanuel, camareiro mor del Rei, e Ioam da Sylva sobrella, por estar mais abaixo, e se lhe não acolherem os moradores, entretanto que desse na outra, e porque ha terra he muito aspera, foram dom Bernardo, e Ioão da Sylva sempre a fio, pelo que nam poderam chegar tão asinha a esta aldea de Tafuf que a não achassem ja despejada, o que vendo correram per hum barrocal abaixo ate virem dar no rio, onde acharão muitos mouros, mouras, e meninos, que huns se lançavam a agoa, e outros andavam ja nadando pera se salvarem da outra banda do rio. Com tudo avia na borda delle hum magote, de quasi trezentos villãos adargados, que todos juntos fezerão rosto aos nossos, os quaes dom Bernardo

commetteo com a sua gente, porque Ioam da Sylva passara huma ponta de rochedo, que entra no rio, pera dar em outra companhia de Mouros, que por aquella banda se salvaram a nado. Nestes adargados deu dom Bernardo, indo em sua companhia Afonso Teles seu primo, Ioam Dornellas, Rui de Miranda, George Rodriguez Pinto, Antam Tellez, e Duarte do Quintal, os quaes posto que nelles achassem assaz de resistencia, desbaratarão, sem captivarem mais que dous, porque os outros se lançaram a agoa onde Afonso Tellez matou hum darremesso e Rui de Miranda outro, e Duarte do Quintal dous. O que feito dom Bernardo se foi pera a aldea, em que achou muito trigo, cevada, galinhas, e outros mantimentos, onde repousando chegou Rui Barreto da aldea que ja tinha tomada dom Ioam, que per seu mandado hia recolhendo a gente que andava espalhada pelo campo, e de longo do rio, e dixe a dom Bernardo, que da parte del Rei se recolhesse pera onde dom Ioam estava, ao que lhe respondeo que o faria como fosse tempo, e repousasse do trabalho passado, que quanto a gente que com elle viera, elle mesmo a recolheria, convidandoo pera o jantar de que estava bem provido, mas Rui Barreto passou adiante a fazer o a que hia. O que sabido per dom Ioam de Meneses, mandou a Lopo Cabreira, que fosse tomar a fe a dom Bernardo da sua parte, e lhe dixesse que se recolhesse logo pera onde elle estava, a qual nam quis dar. Com tudo depois de comer, e repousarem dom Bernardo mandou tocar as trombetas e com toda sua gente recolhida, e oitenta almas que captivara, e muito gado grosso, e meudo se foi para dom Ioão, que o recebeo com muita alegria, lançandolhe os braços no pescoço, e a benção, por

quão bem o tinha feito. Dalli tomando dom Ioão seu caminho para Azamor, com toda a cavalgada, que seria de duzentas almas, e muito gado, vacum, meudo, camelos, cavallos, e outras alimarias veo dormir a Mercultam, que he quatro legoas destas duas aldeas, donde no romper dalva partio, e a terça feira vieram ter a huns aduares de Oledambram, levando dom Bernardo a dianteira, no qual dia entrarão antes do Sol posto em Azamor.

CAPITULO XLIX

Do sitio da cidade de Tednest, situada na provincia de Hea, e de como Cide Iheabentafuf desbaratou o Serife, e alguns recados que ouve entre dom Ioam de Meneses, e Nuno Fernandez Dataide, pera irem sobela cidade de Marrocos que não ouveram effeito.

ENTRE as cidades da provincia de Hea, a de Tednest he huma das mais antigas, e situada em huma fermosa varzea de terra muito chã, era cercada de muro feito com madeira, e mato abotumado com jesso de modo que de pedra e cal não fora mais forte. Avia nella mais de mil, e quinhentos fogos, alem dos Iudeos, que passavam de cento, e huma mezquita de grão romagem, em que per este respeito avia muitos sacerdotes. De longo do muro passa um rio que corre todo aquelle campo, de que se ajudam pera regar seus pumares, e ortas, em que a muitas, e boas fruitas, ortaliça, e ervas de cheiro Nesta cidade tinha o Serife huns paços com muitos jardins, e tanques de agoa, sobela qual determinou Nuno Fernandez Dataide ir com quatrocentas lanças, levando em sua companhia Cide Iheabentafuf com dous mil de cavallo, e setecentos de pe, das cabildas Dabida, e Garabia, que o estavão esperando no rio Daguz do que Nuno Fernandez avisou dom Ioão de Meneses, dizendolhe que o esperava em Almedina, o qual nam podendo logo abalar mandou diante dom Bernardo Emanuel com cento, e vinte lanças, e elle se veo depois com seiscentas, e mil homens de pe, deixando a Barreto trezentas lanças, e alguns bestei-

ros, espingardeiros, e gente de pe. Mas Nuno Fernandez como mandou este recado a dom Ioão, sem mais esperar reposta, tendosse por satisfeito do comprimento, que com elie fezera, com cobiça de ser toda a honrra sua, partio logo de Çafim com sua gente bem ordenada, e de caminho foi ter com Cide Iheabentafuf, aos quaes caminhando pera a cidade de Tednest, veo o Serife ao encontro com quatro mil de cavallo em hum campo raso, dezoito legoas de Çafim com quem Cide Iheabentafuf com os seus travou a batalha. Estando Nuno Fernandez quedo sem mover sua gente, na qual batalha, que se começou quasi ao Sol posto, o Serife foi desbaratado dos mesmos mouros da capitania de Cide Iheabentafuf, ao alcance dos quais Nuno Fernandez saio, seguindo ambos a victoria, tanto quanto o dia deu lugar, em que forão mortos, e presos muitos dos imigos, e alguns dos da companhia de Cide Iheabentafuf mortos. O despojo desta victoria, se diz que foi de mais de duzentas mil cabeças de gado grosso, e meudo, e mais de tres mil camellos, cavallos, e outras alimarias. Desbaratado o Serife, Nuno Fernandez entrou pacifico na cidade de Tednest, o que tudo passou no anno de novecentos, e dezoito, da conta do milessimo de Mafamed, a qual os mouros chamam lehegira, da qual victoria os escriptores mouros fazem menção. Nuno Fernandez avisou do que passava a dom Ioão de Meneses por suas cartas, que o acharam ja em Almedina, aos xxviij dias de Fevereiro deste anno de M. D. xiii porque como fica dito, tanto que recebeo em Azamor a carta de Nuno Fernandez, mandou logo dom Bernardo Emanuel com cento, e vinte lanças com que chegou a Tednest, que he quasi quarenta legoas Dazamor, huma segunda feira que foi hum dia depois de Nuno Fernandez ter entrado no

lugar, e dom Ioam seguindo seu caminho para Almedina passou pelas villas de Guelez, e Terter, que eram dos mouros de pazes, de quem foi bem recebido, e em Almedina muito milhor de Cide Alemeimão capitam da cidade. Daqui foi dom João ter a Chiquer, com tençam de chegar a Marrocos sem Nuno Fernandez, no qual lugar de Chiquer averia entam obra de vinte casas, em que moravão sacerdotes, que servião em hum alcoram que alli esta mui nomeado entre os mouros, onde vem muitos, e de remotas provincias em romaria, por terem que Mafamede o mandou fazer. Deste lugar a Marrocos não a mais de nove legoas, onde dom João recebeo cartas de Nuno Fernandez em reposta doutras que lhe mandara, per que lhe fazia saber, que sua tenção era ir ver esta cidade, que pois estava senhor do campo, e de Tednest, que o seguisse que elle o iria sperando, a reposta de Nuno Fernandez a dom João, era pedirlhe que desistisse do caminho que queria farer, e quisesse ir a Tednest, onde elle estava assentando pazes com os Mouros, e concertos sobelos tributos que aviam de pagar, pera nisso o favorecer, e dar seu conselho, porque em quanto isto não fezesse, se não atrevia partir dalli. O que vendo dom João, posto que entendesse as manhas que com elle usava Nuno Fernandez, fez volta pera Tednest, tornando atras do caminho que tinha feito doze legoas, alli acordarão per parecer de Nuno Fernandez, que com toda a gente que tinha, e oitocentas lanças de Mouros Dalmedina, com que viera dom Afonso de Farão, genro de Nuno Fernandez, se fossem ajuntar com Cide Iheabentafuf, que estava dalli a duas legoas, para irem dar em hum lugar forte que esta na serra tres legoas de Tednest, e por não serem sentidos tomarão o caminho desviado, per huma serra aspera, que pas-

sarão com muito trabalho: mas nem assi se pode fazer com tanto resguardo que os moradores do lugar o não soubessem, e se saissem com suas molheres, filhos, e o melhor de suas fazendas, com tudo Nuno Fernandez que levava a dianteira, captivou cincoenta almas, e dalli se tornarão aos aduares de Cide Iheabentafuf, com tençam de irem todos a Marrocos: mas Nuno Fernandez que tinha pouca vontade de chegar la, em companhia de dom Ioam de Meneses, se excusou outra vez de o fazer, ate não ter assentadas pazes com os moradores de toda aquella comarca, e a deixar assossegada, o que vendo dom Ioão se despedio delle assaz desgostoso, e o mesmo fezeram todolos Christãos, e Mouros por lhes fazer perder huma tão honrrada empreza. Dalli veo dom Ioam dormir a Aberamboer que era de pazes, onde achou novas que Molei Mafamede Rei de Fez, e Moleinacer Rei de Maquinez, vinhão cercar Azamor, com grão poder de gente, pelo que dom Ioão tomou o caminho mais apressado do que cuidava, e por o rio de Aguz ir cheo se deteve trez dias em o passar, onde recebeo cartas de Rui Barreto, e da mulher de Nuno Fernandez que estava em Çafim, e de Cide Alimeimam alcaide de Almedina, perque lhe afirmarão tersse por certo esta nova. O que sabido dom Ioão com a mor pressa que pode se partio logo, e passando pela serra de Benimagre recebeo outras cartas de Rui Barreto, affirmandolhe ser verdade o que se dezia da vinda destes dous Reis, e que arreceava que no caminho o encontrassem dous mil de cavallo, que tinham mandado diante. Pelo que logo screveo a dom Bernardo Emanuel, que ficara com Nuno Fernandez, e a outros fidalgos que se viessem ajuntar com elle em Cernu lugar de Cide Iheabentafuf, situado entre Azamor, e Almedina, e a Nuno Fernandez

que lhe mandasse biscouto, polvora, pilouros, lanças, e setas pera se de tudo ajudar se achasse esta gente de cavallo no caminho, do que nam abastou lhe nam mandar nada, mas ainda se foi pera Çafim com toda a gente, dando por excusa, que deixara pouca na cidade, que avia medo que viessem alguns mouros sobrela. Da serra de Benimagre foi ter dom Ioam a Almedina, onde foi bem festejado de Cide Alemeimam, avisandoo que fosse a bom recado, porque arreceava que antes que chegasse a Tite se encontrassem com elle os Alcaides del Rei de Fez, que traziam oitocentos de cavallo, e seis mil homens de pe, e que assi o sabia de certo, per escuitas que trazia no campo. Dalli passando per Tite, e Agulez que eram villas de pazes, veo repousar a huns paços que estam sete legoas Dazamor, donde dom Ioam tendo suspeita de o virem commeter estes alcaides, caminhou com suas azes ordenadas, levando adianteira João da Sylva, e a reçaga Alvaro Carvalho, e João Soarez na qual ordem chegou a Azamor huma quarta feira xxij dias do mes de Março, e xxv depois que della partira.

CAPITULO L

De como dom Ioão de Meneses, e Nuno Fernandez Dataide foram buscar os alcaides del Rei de Fez, e Mequinez, ao pe da serra verde, em terra da Duecalla onde se deram batalha, e do que se nisso passou.

DEPOIS de dom Ioam ser em Azamor, teve recado certo, per mouros de pazes, de como os alcaides Latar, e Lutete que el Rei de Fez mandava em soccorro aos da Duecala, e Xerquia esperavam por el Rei de Mequinez, que estava na cidade Nafe, com muita gente de pe, e de cavallo, pera com toda esta companhia vir poer o cerco a Azamor. E porque estes Alcaides estavão em huma villa, forte que se chama Balvam, determinou de ir pellejar com elles, e destroir a villa, de que logo per suas cartas avisou Nuno Fernandez Dataide, pedindolhe que por serviço de Deos, e del Rei se quisesse achar neste feito, pera o que se logo apercebeo, e mandou recado a dom Ioam, que Cide Iheabentafuf se lhe offerecera pera esta jornada com toda sua gente, que elle se despachasse, porque nos aduares do dito Cide Iheabentafuf, que eram junto Dalmedina, o irião esperar pera onde dom Ioão mandou logo Ioão Soarez, com cento de cavallo, e alguns besteiros, e espingardeiros, per quem mandou dizer a Nuno Fernandez que nos Aduares o não esperasse, senão em Saez, que sam oito legoas Dazamor, ou em Gilez, que sam quinze, o que fez mais por entender das mostras que Nuno Fernandez dava neste negocio, que sua tenção era querer ser elle a pessoa principal, e ficar nessa re-

putação entre os mouros. Partido Ioão Soarez, abalou dom Ioão Dazamor a huma quarta feira, que era de trevas, doze dias do mes Dabril deste anno de M. D. xiiii. com oitocentas lanças, e mil homens de pe, besteiros, espingardeiros, e de ordenança de que eram coroneis, Pero de Moraes, e Ioam Rodriguez. No qual dia depois de ser ja fora da cidade lhe chegou recado de Nuno Fernandez que elle com Cide Iheabentafuf, que trazia mil, e quinhentas lanças de Garabia em que entravão trezentas Dabida, erão ja em caminho pera se virem ajuntar com elle nam em Saez, nem Guilez, se não em Sea, que he seis legoas de Balvão, porque a nova dos alcaides estarem determinados de pellejar com elles se tinha por mui certa. Fazendo dom Ioão seu caminho, entrou no campo da Duecalla ao outro dia pela manhã, que era quinta feira de lava pes, e se foi lojar no redor de humas alagoas em campo raso, quatro legoas do arraial dos Alcaides, onde vieram ter com elle, Nuno Fernandez Dataide, e Cide Iheabentafuf, e logo alli acordaram, que no quarto da prima partissem, para no dalva darem de subito sobre os Alcaides. Caminhando assi todos a fio antes de romper de todo a alva, em sesta feira das indulgencias, se ajuntaram, e ordenaram sua batalha em cinco azes, das quaes tres eram da gente de dom Ioão, elle em huma, e Rui Barreto em outra, e Ioão Gonçalvez da Camara filho de Simão Gonçalvez capitam da ilha da madeira, com Alvaro de Carvalho, e Ioam da Sylva na terceira, e Nuno Fernandez com dom Afonso de Faram seu genrro na quarta, e Cide Iheabentafuf com toda a sua gente na quinta. Detras destas cinco azes hião, Pero de Moraes, e Ioão Rodriguez coroneis com a gente dordenança, em dous esquadroens, e no meo delles a fardagem, e carriagem, e algumas carretas

com bombardas, e munições de guerra que levavão diante dos esquadroens, por guarda dos quaes deixou dom Ioão alguns de cavallo, com o seu guião. O que tudo posto em ordem correndo todolas azes, animava cada hum com sua acostumada prudencia, e grande esforço, dizendolhes o que avião de fazer mandando logo abalar o exereito, com que chegou a vista dos Alcaides, depois do Sol saido, os quaes estavão em hum campo raso. E porque dom Ioam vio que alguns dos mouros encaminhavão pera huma serra que esta junto deste campo, a qual se se acolhessem, os nam poderia cometer a sua vontade, mandou logo tocar as trombetas, encaminhando pera elles, e porque a gente de pe, e ordenança nam podia seguir a de cavallo, mandou aos coroneis que com acarriagem toda junta caminhassem o mais depressa que podessem pera o lugar onde cuidava de dar a batalha. Os mouros que era per todos mais de quatro mil de cavallo, e grão numero de pe vendo a determinaçam dos nossos, e que senão podião ja recolher a serra, senam com muito perigo, porque forçadamente avião de passar hum canal de hum rio denxurrada que então estava seco, fezeram rosto, ordenado de quatro batalhas, que erão de gente de cavallo, tres, e pera mor sua aventagem trazião diante os espingardeiros, e besteiros, que por começarem de tirar de longe, fezeram pouco dano as nossas batalhas, contra as quaes, antes que se movessem aballou dom Ioão com os seus tres esquadroens de gente de cavallo, com tanto esforço que lhes rompeo as tres batalhas, e os fez voltar todos pera serra, no alcance dos quaes foi ate chegar ao rio seco, o qual nam quis passar por saber o perigo que nisso avia. Nuno Fernandez a quem era ordenado que desse em huma das batalhas dos mouros de

cavallo o não fez, porque se desviaram do posto em que os avia de cometer, e andavão travados com dom Ioam, com tudo deu com a sua gente nos mouros de pe de que matou muitos, e os que escaparão se acolherão a serra. Neste alcance nam pode tanto a obediencia devida a dom Ioam como capitão geral, que muitos dos nossos se não desmandassem, seguindo os mouros ate entrar com elles pela serra dentro, pelo mandou logo dom Garcia de Meneses seu sobrinho, pera que os fezesse recolher, e assi o fez, tomando a dianteira, e andando assi recolhendo a gente, achou Aires Tellez que lhe dixe, a senhor que não he tempo de ter, senão de enSecar estes mouros ate Fez, com as quaes palavras, os que dom Garcia trazia recolhidos, começarão de se desmandar de novo, e seguir a Aires Tellez, o que vendo dom Garcia lhe dixe senhor assi quereis vos, hora seja ate alem de Fez, o que dito se foi de mestura com elles, os mouros vendo quam poucos estes erão, voltaram sobrelles. O que vendo dom Ioão, e como estes que entrarão pela serra, fora o seu alferez com a bandeira determinou a passar a ribeira, postoque visse o grande perigo que nisso avia, onde se pos em corpo pera recolher esses que da serra ja via vir desbaratados, e pera mor segurança, mandou passar hum esquadrão da gente de pe alem da ribeira, que foi causa de o não desbaratarem de todo. Nuno Fernandez Dataide, vendo a desordem da gente de dom Ioão se pos com toda a sua a quem da ribeira, a qual se passara, pode ser que não fora a perda tamanha. Cide Iheabentafuf não acudio a este desconcerto, porque do lugar onde se ordenou que estivesse, vendo a sua gente como os Mouros forão desbaratados do primeiro encontro, se lhe desmandaram a roubar o campo, sem elle nisso poder poer ordem. Assi que estando dom Ioão alem

da ribeira, e Nuno Fernandez a quem desviado na parajem, onde dom Ioão tinha a sua gente, os que se vinhão recolhendo da serra se salvavão na companhia de cada hum daquelles a que se achavam mais vezinhos. Mas os mouros que se acolheram a serra voltaram com tanto impeto, que sem nenhum receo cometeram dom Ioam de Meneses, e lhe fezeram forçadamente tornar a passar este canal na ribeira seca, posto que em sua companhia estivessem Rui Barreto, Ioam Soares, Alvaro de Carvalho, Ioam Gonçalvez da Camara, Ioam da Sylva, e outros fidalgos com toda sua gente, em que dambalas partes ouve mortos, e feridos. O qual canal desta ribeira seca passado se ajuntou com Nuno Fernandez Dataide, e juntas suas batalhas se começaram de recolher de seu vagar, sendo ja dez horas do dia, avendo tres que se a batalha começara, em que morrerão mais de cincoenta de cavallo os mais delles homens nobres, de que porei os nomes daquelles que soube. Dom Garcia de Meneses, filho do Conde de Cantanhede, dom Fernando de Meneses, filho de dom Rodrigo de Meneses, sobrinhos de dom Ioam de Meneses, Aires Tellez de Meneses, filho de Rui Tellez, dom Francisco Deça filho de dom Ioam Deça Destremoz, Fernão Coutinho de Santarem, Diogo de Sousa, Antonio de Sampaio, Martim Calado de Setuval, George Barbudo, Aires Brandão, Ioão Gonçalves de Lemos, e Pero Homem de Figueiredo. Da gente de pe morreo pouca, os feridos passariam de cento, entre os quaes foi hum dom Rodrigo de Castro, e outro Martim Teixeira em huma mão, de huma setada. Acharansse neste feito, alem dos nomeados, Diogo Lopes de Lima, e Ioão Brandão provedor das capellas, e outros fidalgos, e cavalleiros de que nam pude saber os nomes. Os guioens Dalvaro de Carvalho, e Ioão da Sylva se perderão, e Ioão Gon-

çalves da Camara foi ferido de huma seta no braço esquerdo, que trouxe pegada nelle ate que se a batalha acabou. Dos mouros (segundo se depois soube, e o Nuno Fernandez per suas cartas afirmou a el Rei) morrerão mais de dous mil, e seiscentos, entre os quaes foi hum dos alcaides del Rei de Fez, e outro foi derribado, que se salvou deixando a lança, adarga, e cavallo, morreram sete Xeques da Xerquia, e seiscentos e cincoenta besteiros, espingardeiros, e foram feridos mais de quatro mil. Os captivos passarão de duzentas, e oitenta almas, em que entraram todalas molheres, e filhos dos Xeques que se acharão na batalha, os quaes captivos ficarão a parte os Christãos, e o despojo do ouro, e prata, gado, e outras alimarias, que foi de muito preço, ficou com os Mouros de Cide Iheabentafuf. Neste mesmo dia veo dom Ioam dormir com toda gente, assi Christãos como Mouros, aos aduares de Cide Iheabentafuf, que estão tres legoas, donde se deu a batalha: ao outro dia se despedio dom Ioam de Nuno Fernandez, e de Cide Iheabentafuf, e ao outro que era de Pascoa entrou pola manhã em Azamor. Nuno Fernandez, depois de ser em Almedina deixou alli Cide Iheabentafuf, e tomando seu caminho pera Çafim, chegou a cidade terça feira em se poendo o Sol, onde foi recebido com muita alegria, e o mesmo se fez a dom Ioão em Azamor, porque as novas que se logo espalharam antes de chegarem forão, que eram os mais delles mortos, e captivos.

CAPITULO LI

De como Moleinacer Rei de Mequinez veo com todo seu poder pera cercar a cidade Dazamor, e do danno que fez nas terras de Xerquia e da Duecalla, e do que mais passou ate se tornar pera seu regno desbaratado, e do falecimento de dom Ioão de Meneses, e de como el Rei mandou depois delle ser fallecido por capitam Dazamor dom Pedro de Sousa.

ENTRE os Reis de Fez, e de Mequinez foi assentado, que o de Mequinez com a sua gente, e com os alcaides del Rei de Fez viesse cercar Azamor, pera o que o de Mequinez ajuntou toda a gente que pode, assi dos seus como dos Arabes, e Enxouvios, ao sabado pela manhã vespora de Pascoa, sem saber do recontro dentre os seus, e os Portugueses, chegou ao rio Dazamor, e por caso da muita gente que trazia, esteve sete dias em o passar, entre Alquimez, e Baluam, no que trabalhando, lhe veo a nova certa do que se passara na batalha. Sabendo dom Ioão o proposito com que vinha Moleinacer Rei de Mequinez, e que a mor parte da sua gente era ja passada avisou el Rei dom Emanuel per suas cartas, pedindolhe soccorro, que lhe logo mandou, mas delle não ouve necessidade, por Moleinacer se nam atrever a vir poer o cerco, pera o qual se dom Ioão apercebeo o milhor que pode, repartindo suas estancias pelas pessoas que pera isso lhe parecião idoneas, provendo em todalas cousas ne-

cessarias pera se poder defender de tanta multidam de gente, em que entrava o mor poder destes dous Reis de Fez, e de Mequinez, mas o de Mequinez depois de ter passado o rio, per conselho dos seus, e principalmente dos Alcaides que se acharam na batalha, que ja eram juntos com elle desistio do proposito com que vinha, e tomou outro de se ir sobre a comarca de Almedina, e destruir de todo a cidade, e Cide Iheabentafuf. A gente que Moleinacer Rei de Mequinez trazia de pe, e de cavallo era tanta que per onde quer que passava, ficava tudo gastado, e destruido sem achar quem lho estorvasse. Chegado a cidade de Almedina a tomou com pouca resistencia, e mandou cortar as cabeças a tres dos principaes della, que alli quiseram ficar, contra parecer de Alemeimam, que sabendo o poder com que el Rei vinha, se acolheo com hum seu filho, molheres, e casa a Çafim. Cide Iheabentafuf como soube da vinda de Moleinacer, mandou pedir gente a Nuno Fernandez, ao que logo mandou dom Rodrigo de Noronha com sos vinte de cavallo, nem lhe quis mandar mais, por se temer do cerco. Mas vendo Iheabentafuf o pouco socorro que lhe mandava Nuno Fernandez, se foi de huma sua villa, per nome Cernu, de que lhe el Rei dom Emanuel fezera merce, pera Çafim, com toda sua casa, e gente de guerra bem ordenada, deixando todolos poços do termo, a duas, e tres legoas entupidos, e outros cheos de trigo, bestas mortas, e outras çugidades, no que se deteve tanto, que el Rei de Mequinez o alcançou no caminho, onde ouve entrelles huma aspera batalha, em que matarão alguns de cavallo dos de Cide Iheabentafuf, entre os quaes foi o Xeque Benamira, dos principaes da cabilda de Garabia muito bom cavalleiro, e assi lhe tomaram mil camellos descarregados. Da parte del Rei

morreram mais de cincoenta de cavallo, entre os quaes foi hum Xeque de Molei Mafamede Rei de Fez, geral de toda a sua gente, que então andava com o de Mequinez, a qual peleja acabada, em que Cide Iheabentafuf fez feitos de tão estremado cavalleiro, que pos espanto a todolos que o virão, elle seguio seu caminho pera Çafim, onde per consentimento de Nuno Fernandez, assentou suas tendas, e arraial pegado com os muros da cidade. Moleinacer Rei de Mequinez se tornou do lugar donde foi este recontro pera Cernu, que esta tres legoas de Çafim, onde esteve alguns dias com muito trabalho, por achar os poços dannados, e senão poder servir, senam da agoa dos que mandava abrir de novo, o que sabendo Iheabentafuf, e conhecendo como cavalleiro a fraqueza del Rei, lhe foi de noite dar no arraial, levando consigo alguns Christãos homens nobres, desejosos de ganhar honrra, que se lhe convidaram pera este negocio, mas por el Rei ser avisado per suas espias, alevantou na mesma noite o arraial de Cernu, e se foi pera Tudella. O que vendo os Mouros da Xerquia, e o pouco que ganhara em todo seu caminho, e que alem de tudo lhes nam mantivera nenhuma cousa das que lhe prometera, que eram cercar Azamor, e Çafim, e tornar a cobrar estas duas cidades, do que induzidos quebrantar as pazes que tinham com el Rei dom Emanuel, mas aconselhados do que lhes mais cumpria sendo ja el Rei de Mequinez junto da villa de Tazarote, lhe deram no arraial, onde o desbarataram, e lhe captivaram mais de mil homens, e tomaram oitocentos cavallos, e muito gado, com outro grande despojo, e elle por salvar sua pessoa se acolheo com alguns dos seus a serra, e dahi com muita perda, e deshonrra se tornou pera seu regno. Passadas estas cousas em Çafim, e Aza-

mor, veo dom Ioão de Meneses a doecer, no qual procedendo esta ma disposiçam, lhe chegaram cartas del Rei, de muitos agradecimentos, pelos serviços que lhe em Azamor tinha feitos, rogandolhe que por seu amor quisesse ainda alli ficar dous meses, mas dom Ioão por ja sentir em si serlhe mais necessario ter conta com as cousas que cumpriam a sua consciencia, que com dar reposta ao que lhe el Rei escrevia, recebeo os Sacramentos da Egreja, estando em todo seu siso, e entendimento, e depois das cousas que cumpriam a salvaçam de sua alma, a qual deu a Deos cuja era huma segunda feira quinze dias de maio, deste anno de M. D. xiiii, seu corpo foi enterrado na Se da mesma cidade de Azamor, com todalas solemnidades, e honrras requeridas a huma tal pessoa, com muita dor, e tristeza de todolos que se então alli acharão. E porque das proezas, discrição, e saber deste valeroso cavalleiro averia muito que tratar o nam faço, por nam parecer suspeito, em dizer na verdade as virtudes, e boas partes que nelle ouve, per cujo falecimento mandou el Rei por capitam Dazamor, assi do campo como da cidade, dom Pedro de Sousa, que depois foi conde do Prado, de quem, e das cousas que la fez se tratara ao diante, onde for necessario, e a Rui Barreto screveo que se viesse pera o regno, no que el Rei proveo, deste modo por evitar outros taes desconcertos, como os que ouvera em o mesmo Rui Barreto, e dom Ioam por hum ser capitam do campo, e outro da cidade.

(Fim do setimo volume)

OBRAS PUBLICADAS

I — Historia do Cerco de Diu, por *Lopo de Sousa Coutinho*, 1 volume (esgotada).....

II — Historia do Cerco de Mazagão, por *Agostinho Gavy de Mendonça*, 1 volume (esgotada).....

III — Ethiopia Oriental, por *Fr. João dos Santos*, 2 grossos volumes (esgotada).....

IV — O Infante D. Pedro, chronica inédita por *Gaspar Dias de Landim*, 3 volumes.....

V — Chronica d'El-Rei D. Pedro I, (o Cru ou Justiceiro) por *Fernão Lopes*, 1 volume.....

VI — Chronica d'El-Rei D. Fernando, por *Fernão Lopes*, 3 volumes.....

VII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Fernão Lopes*, 7 volumes.....

VIII — Chronica d'El-Rei D. João I, por *Gomes Eannes d'Azurara*, vol. I, II e III (VIII, IX e X).

IX — Dois Capitães da India, por *Luciano Cordeiro*, 1 volume.....

X — Arte da Caça de Altenaria, por *Diogo Fernandes Ferreira*, 2 volumes.....

XI — Apologos Dialogaes, por *D. Francisco Manuel de Mello*, 3 volumes.....

XII — Chronica d'El-Rei D. Duarte, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....

XIII — Chronica d'El-Rei D. Affonso V, por *Ruy de Pina*, 3 volumes.....

XIV — Chronica d'El-rei D. João II, por *Garcia de Resende*, 3 volumes.....

XV — Vida de D. Paulo de Lima Pereira, por *Diogo do Couto*, 1 volume.....

XVI — Chronica d'El-Rei D. Sebastião, por *Fr. Bernardo da Cruz*, 2 volumes.....

XVII — Jornada de Africa, por *Jeronymo de Mendoça*, 2 volumes.....

XVIII — Historia Tragico-Maritima, por *Bernardo Gomes de Brito*, vol I a XII.....

XIX — Jornada de Antonio d'Albuquerque Coelho, por *João Tavares de Vellez Guerreiro*, 1 volume.....

XX — Chronica d'El-Rei D Affonso Henriques, por *Duarte Galvão*, 1 volume.....

XXI — Chronica D'el-Rei D. Sancho I, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....

XXII — Chronica d'El-Rei D. Affonso II e de El-Rei D. Sancho II, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....

XXIII — Chronica d'El-Rei D. Affonso III, por *Ruy de Pina*, 1 volume.....

XXIV — Chronica d'El-Rei D. Diniz, por *Ruy de Pina*, 2 volumes.....

XXV — Chronica d'Elei D. Manuel, por *Damião de Goes*, vol. I a VII.....

EM PUBLICAÇÃO

Chronica d'El-Rei D. Manuel, por *Damião de Goes*, vol. V

DP
604
G6
1909
v.7

Goes, Damião de
Chronica d'el-rei
D. Manuel

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY